

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
PRÓ REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

Izabel Sandra de Lima

Escrita engajada de Cá e Lá Memória, História e Feminismo na escrita de *Becos da Memória*  
de Conceição Evaristo e de *La hora violeta* de Montserrat Roig

PONTA GROSSA  
2019

Izabel Sandra de Lima

Escrita engajada de Cá e Lá Memória, História e Feminismo na escrita de *Becos da Memória* de Conceição Evaristo e de *La hora violeta* de Montserrat Roig

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Ponta Grossa junto ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos da Linguagem como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Linha de pesquisa: Pluralidade, Identidade e Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Marly Catarina Soares

PONTA GROSSA  
2019

L732 Lima, Izabel Sandra de  
Escrita engajada de Cá e Lá: memória, história e feminismo na escrita de Becos da Memória de Conceição Evaristo e de La hora violeta de Montserrat Roig / Izabel Sandra de Lima. Ponta Grossa, 2019.  
132 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de Concentração: Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Marly Catarina Soares.

1. Personagens femininas. 2. História e memória. 3. Feminismo. I. Soares, Marly Catarina. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Linguagem, Identidade e Subjetividade. III.T.

CDD: 809

**IZABEL SANDRA DE LIMA**

**Escrita engajada de cá e lá Memória, História e Feminismo na escrita de Becos da Memória de Conceição Evaristo e de La hora violeta de Montserrat Roig**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Ponta Grossa junto ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos da Linguagem como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Ponta Grossa, 29 de março de 2019.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

Profª. Dra. Marly Catarina Soares (UEPG)  
Orientadora

Profª. Dra. Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza (UNIOESTE)  
Membro Efetivo Externo

Profª. Dra. Ione da Silva Jovino (UEPG)  
Membro Efetivo Interno

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, irmãs e sobrinhas(os) por todo apoio;

Ao meu companheiro Odair Rodrigues pelo apoio, carinho e afeto em me ouvir nesse processo de construção do texto;

À minha amiga/irmã Luzimeire Lima pela prontidão e o carinho ao me ouvir e pelas inúmeras leituras e re-leituras que sempre faz dos meus textos;

À Reni Gomes e ao Maurício Pereira, família que a vida me proporcionou;

Às amigas Janaína Muller e Roberta Bahia pelas leituras e longas conversas;

Às diretoras, aos diretores e pedagogas das escolas estaduais as quais leciono pelo apoio profissional;

Ao Agnaldo Marcio de Lima funcionário na documentação escolar de Fazenda Rio Grande pelos encaminhamentos. À SEED, pela licença de 20 horas para cursar o mestrado;

Ao amigo Renan Fagundes que me acolheu em Ponta Grossa e ajudou criticamente neste processo;

À Vilma pelas orientações e afetividade;

Ao professor e escritor Miguel Sanches Neto pelas contribuições feitas na primeira arguição pública no I SETEDI Seminário de Teses e Dissertações em Andamento do PPGEL;

Às Professoras Dra. Ione Jovino e Dra. Adriana Fiuza por aceitar fazer parte da banca;

À orientadora Profa. Da Marly Catarina Soares pelo companheirismo; por me guiar no processo de reelaboração do projeto e na reescrita da dissertação; pela paciência e prontidão em sempre responder as minhas dúvidas e, principalmente, por ter me acolhido em um período difícil da minha trajetória;

Às colegas do Grupo de Estudos sobre Gênero, etnia, raça e sexualidade – GESFEM – pelas preciosas indicações de referências;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.

## RESUMO

Nesta dissertação buscamos analisar os romances *Becos da Memória* e *La hora violeta*, obras que desvelam injustiças e reposicionam vivências a partir de diferentes contextos sociais e históricos. A pesquisa se justifica posto que as romancistas Conceição Evaristo (1946) e Montserrat Roig (1946 -1991) se inscrevem na historiografia literária como autoras que lutam contra um sistema opressor. Cada uma, em seu respectivo contexto, constrói narrativas cujas personagens femininas são narradoras protagonistas responsáveis por narrar a si mesmas e os seus entes, narram por meio do entrelaçamento das memórias, individual e coletiva, representadas pela polifonia de vozes femininas e masculinas. Nosso trabalho possibilitou apresentar os diferentes feminismos que é recorrente nas obras. Para embasar nossas análises nos referenciamos em Simone Schmidt (2004), Lélia González (1988), Célia Amoròs (1991) dentre outras pensadoras. Para compor as análises da narrativa nos referenciamos em Walter Benjamim (1994), György Lukács (2010), Mikhail Bakhtin (2005), Cuti (Luiz Silva) (2010) entre outros e outras teóricas(os). Nos referenciamos em Kabenguele Munanga e Nilma Lino Gomes (2006), Sueli Carneiro (2011), Denis de Oliveira (2017), Nilma Lino Gomes (2017) entre outras autoras e autores para compor o texto que trata das desigualdades de classe e raça. Em “*Becos da Memória: lembranças e vozes que reposicionam vidas negras*” nos referenciamos em Conceição Evaristo (2011), Heloísa Toller Gomes (2016), Vanda Machado (2006), Cuti (Luiz Silva) (2010) entre outras pesquisadoras/es. Em “*La hora violeta: dando vozes as palavras negadas*” nos referenciamos em Maria Aguado (1994), Bonnie Anderson e Judit Zinsser (1991), Christina Duplâa (1996), Iris Zavala (2011) entre outras pesquisadoras/es.

**Palavras-chave:** Personagens Femininas. História e Memória. Feminismo.

## RESUMEN

En esta tesis buscamos analizar las novelas *Becos da Memória* y *La hora violeta* obras que desvelan injusticias y reposicionan vivencias a partir de diferentes contextos sociales e históricos. La investigación se justifica puesto que las novelistas Conceição Evaristo (1946) y Montserrat Roig (1946 -1991), se inscriben en la historiografía literaria como autoras que luchan contra las opresiones, cada una en su respectivo contexto y construyen narrativas cuyos personajes femeninos son narradoras protagonistas responsables por narrar a sí mismas y a los suyos, narran por medio del entrelazamiento de las memorias, individual y colectiva, representadas por la polifonía de voces femeninas y masculinas. Nuestro trabajo posibilitó presentar los diferentes feminismos que son recurrentes en las obras. Para componer los análisis nos basamos en Simone Schmidt (2004), Lélia González (1988), Célia Amorós (1991) entre otras pensadoras. Para componer los análisis de la narrativa nos referenciamos en Walter Benjamim (1994), György Lukács (2010), Mikhail Bakhtin (2005), Cuti (Luiz Silva) (2010) entre otros y otras teóricas(os). Nos basamos en Kabenguele Munanga e Nilma Lino Gomes (2006), Sueli Carneiro (2011), Denis de Oliveira (2017), Nilma Lino Gomes (2017) entre otras autoras y autores para componer el texto que trata de las desigualdades de clase y raza. En “*Becos da Memória: lembranças e vozes que reposicionam vidas negras*” nos referenciamos en Conceição Evaristo (2011), Heloísa Toller Gomes (2016), Vanda Machado (2006), Cuti (Luiz Silva) (2010) entre otras pesquisadoras/es. En “*La hora violeta: dando vozes as palavras negadas*” nos referenciamos en Maria Aguado (1994), Bonnie Anderson y Judit Zinsser (1991), Christina Duplão (1996), Iris Zavala (2011) entre otras pesquisadoras/es.

**Palabras-clave:** Personajes Femeninos. Historia y Memoria. Femenismo

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	07
<b>INTRODUÇÃO</b>	11
<b>CAPÍTULO I. BASES FUNDADORAS DAS RELAÇÕES OPRESSIVAS</b>	16
1.1 Presente e Passado: injustiças que persistem	17
1.2 Breve contexto histórico espanhol: pré-guerra civil, guerra civil, pós-guerra	22
1.3 Feministas: desnudando opressões & evidenciando diferenças	32
<b>CAPÍTULO II. A ARTE NARRATIVA: APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS ENTRE OS ROMANCES BECOS DA MEMÓRIA E LA HORA VIOLETA</b>	43
2.1 Maria-Nova: promessa de narrar e narrar-se	50
2.2 Norma: disputas em narrar e narrar-se	64
2.3 Maria-Nova e Norma: diferentes formas de narrar e narrar-se	75
<b>CAPÍTULO III. CÁ E LÁ: ESCRITAS QUE DESVELAM OPRESSÕES E REPOSICIONAM VIVÊNCIAS</b>	77
3.1 Becos da Memória: Lembranças e vozes que reposicionam vidas negras	80
3.2 La hora violeta: Dando vozes às palavras negadas	104
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	122
<b>REFERÊNCIAS</b>	125

## APRESENTAÇÃO

Nesta apresentação, considero relevante discorrer sobre as motivações que me impulsionaram a retomar o estudo acadêmico institucional e o processo de formulação, reformulação e a escolha em diferentes momentos de cada uma das duas obras literárias. O desejo de analisar romances cuja escrita fosse “engajada” tem origem no anseio de investigar obras cuja tessitura da linguagem e das personagens permitissem pensar as questões feminista(s), bem como as desigualdades sociais decorrentes das políticas neoliberais e as pautas conservadoras que implicam diretamente na vida de mulheres negras e não negras e na camada da população mais pobre.

As razões relacionadas aos momentos de transformações e golpe que o consórcio “político-empresarial-midiático-jurídico” provocou no Paraná e no Brasil e como todas essas questões influenciaram no meu processo de desenvolvimento do projeto de dissertação para ingresso no mestrado encaminhado durante o ano de 2015.

Sou professora concursada na educação básica na rede estadual de ensino, leciono língua espanhola, língua portuguesa e suas respectivas literaturas. O desejo de retomar os estudos de pós-graduação retornou durante a nossa greve de Servidores Públicos do Paraná. Desde 2014 eu trabalhava 40 horas em sala de aula e concomitantemente fazia parte da direção do núcleo da Metrosul do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná (APP), nesse período tivemos greves, reposições de aula, enfim muito trabalho dentro e fora da sala de aula.

Em meio a tudo isso busquei refúgio e alento na retomada da leitura do romance *La hora violeta* (1987) a releitura da obra que é permeada de memória individual e coletiva das lutas de mulheres e homens durante o conturbado início do século XX na Espanha. Um romance, cujas personagens femininas problematizavam a(s) identidade(s) femininas nos espaços públicos e privados, as relações amorosas e familiares, os acertos e erros dos campos progressistas e de esquerda que atuaram na queda da Monarquia, República e Guerra Civil. Enfim, uma obra repleta de transformações históricas-políticas, vivências que me acompanharam e me impulsionaram a cumprir o meu papel de dirigente sindical e trabalhadora da educação básica, me deram ânimo e esperança para continuar a luta e a

organização das atividades sindicais e trabalhar para convencer muitas(os) colegas a continuar a batalha.

No retorno as atividades cotidianas de aulas e reposições referentes aos dois períodos de greve fui desenvolvendo o projeto e me preparando para participar do processo seletivo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), minha intenção no projeto inicial era estudar somente a(s) Identidade(s) feminina(s) no romance *La hora violeta* como as memórias individual e coletiva das personagens recuperavam os contextos da Guerra Civil Espanhola e a pós-guerra com a ditadura franquista sob um olhar feminista para esse período que a “História Oficial” procura esconder e/ou se nega a registrar.

O programa de pós-graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG na área de concentração *Linguagem, identidade e subjetividade* me interessou porque possibilita "estudar a linguagem em suas práticas sociais, mas também nas recriadas literariamente".

Assim como a linha de pesquisa *Pluralidade, identidade e ensino* propõe que as investigações proporcionem "uma melhor compreensão da relação entre língua/linguagem/literatura e sociedade", nesse sentido a obra escolhida poderia ser analisada a partir da perspectiva das relações entre “linguagem, literatura e sociedade”.

Ao longo do ano de 2016 a orientação para reformular e delimitar melhor o projeto atrelado à uma série de questões no âmbito acadêmico e na conjuntura social e política no Estado do Paraná e no Brasil me fez rever os objetivos da dissertação. Essa conjuntura nacional me causou inquietação com o projeto, sentia a necessidade de estudar/pesquisar e escrever sobre as lutas e resistência do nosso povo, as memórias individuais e coletivas de personagens femininas negras que tivessem as vozes desde o ponto de vista, o lugar de fala a partir do coletivo de mulheres da classe trabalhadora.

Acompanhar os discursos misóginos nas várias esferas da sociedade inclusive nas mídias me angustiava e me remetia à memória sobre a história de tantas(os) brasileiras(os) negras(os) que vivenciaram o período escravocrata e encontraram formas de resistência e sobrevivência.

O conjunto de medidas aprovadas e os processos de votação para aprovação de emendas constitucionais e demais medidas “anti-povo”, começando pela Emenda Constitucional 95, de 15 de dezembro de 2016, que limita os investimentos em Educação,

Saúde e demais políticas sociais por parte dos Municípios, Estados e Governo Federal, a cada mês foi se acirrando e diminuindo os investimentos nas políticas públicas.

O congresso conservador formado por homens brancos cisgênero aprovou a Reforma Trabalhista que precariza ainda mais as condições de trabalho e salário, atingindo diretamente a classe mais pobre do país, em especial nós as mulheres, com nossas jornadas duplas/triplas.

Houve também a tentativa de aprovação da PEC 181/2015, que insere na Constituição a proibição do aborto em todos os casos, inclusive os já previstos hoje pela legislação (estupro, anencefalia do feto e risco de morte para a mãe) sendo necessária uma intensa ação conjunta de manifestações nas ruas e nas mídias, juntamente com a atuação da bancada de mulheres do campo progressista e de esquerda no congresso para que não colocassem em votação esse projeto.

Outro grande projeto neoliberal é a Reforma da Previdência que, caso aprovada, impedirá a aposentadoria de milhões de trabalhadores, retira direitos de acidentados, aposentados por invalidez, viúvas e crianças, aumenta a faixa etária para aposentar enquanto diminui o valor do direito a ser recebido. Na prática, em conjunto com a Reforma Trabalhista, a Reforma da Previdência é um retrocesso da legislação a era pré CLT.

Em razão de todos esses acontecimentos tive certeza da necessidade de transformar o projeto para que eu pudesse pesquisar “linguagem, literatura e sociedade” a partir de um feminismo interseccional, pois é a partir desse lugar que eu também faço parte, enquanto mulher negra, trabalhadora e de família nordestina migrante na região sudeste.

O romance *Becos da Memória* veio preencher a lacuna que eu sentia e me possibilitar uma análise crítica literária e histórica, investigar o passado para entender o presente conturbado em que vivemos, somente seria possível com a análise de uma obra em que o “eu enunciator se quer negro”, (BERND, 1988. p.22), e que possuísse consciência de que vivemos em uma sociedade de classes e racista.

No âmbito acadêmico, a vivência entre outros acontecimentos/elementos, favoreceram o desejo de acrescentar uma obra brasileira ao projeto de dissertação, dentre eles, cito as aulas, as disciplinas cursadas, as leituras teóricas críticas, a participação nos seminários, simpósios e conferências, a participação no Grupo de Estudo sobre Gênero, Etnia e Raça sob coordenação da Profa. Dra. Marly Catarina Soares e as demais atividades organizadas e

realizadas pelo programa de pós-graduação em *Linguagem, Identidade e Subjetividade* da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Em diálogo com minha nova orientadora a Profa. Dra. Marly Catarina Soares, expus as minhas inquietações e o desejo de acrescentar mais uma obra ao projeto, ela me entendeu, me acolheu me dando tempo para que eu realizasse mais leituras e pesquisas que possibilitassem as mudanças e enfim empreendesse a jornada da escrita da dissertação.

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação versa sobre a escrita literária comprometida em desvelar injustiças e reposicionar vivências. O trabalho de análise consiste em demonstrar como as autoras Conceição Evaristo e Montserrat Roig a partir de diferentes continentes constroem narrativas cujas personagens femininas são narradoras protagonistas responsáveis por narrar a si mesmas e os seus entes, Maria-Nova em *Becos da Memória* e Norma em *La hora violeta*.

São romances compostos por autoras cujos contextos históricos e sociais são totalmente distintos e, considerando que “o escritor fala a seus contemporâneos, a seus compatriotas, a seus irmãos de raça ou de classe” (SARTRE, 2015, p. 56), a escritora Conceição Evaristo (1946) brasileira, negra e pertencente à classe trabalhadora, fala/dirige-se aos seus com consciência das intersecções gênero/raça/classe contemplando em sua escrita as três categorias, sendo os marcadores raça e gênero os mais perceptíveis.

A escritora europeia Montserrat Roig (1946-1991), catalã, branca, pertencente à classe média e por determinado tempo membro no Partido Socialista Unificado de Catalunha (PSUC), vinculado institucionalmente ao Partido Comunista da Espanha, fala/dirige-se aos seus com consciência de classe social e das consequências que as desigualdades que o sistema capitalista provoca.

De acordo com Sartre “as liberdades do autor e do leitor se procuram e se afetam através de um mundo, pode-se dizer igualmente que a escolha que o autor faz de determinado aspecto do mundo é decisiva na escolha do leitor, e, reciprocamente” (2015, p. 58), portanto a escolha de cada um dos romances para desenvolvimento da dissertação envolve a empatia com a temática eleita pelas autoras na tessitura de seus respectivos romances.

Em *Becos da Memória* a narrativa trata de um contar/narrar a partir da voz protagonista de Maria-Nova, essa voz é registrada em seu tempo presente de vida adulta, porém o que ela conta são as vivências em seu tempo de juventude, assim como a protagonista recupera a própria memória, seu contar é também porta-voz de revivências de outras personagens inscritas em outros tempos.

O espaço da narrativa são os becos da favela que se apresentam no tempo do ir e vir das memórias das personagens. Maria-Nova é a jovem que lê o mundo ao seu redor ao tempo em que é educada ouvindo o contar/narrar dos mais velhos. Atenta as memórias de Tio Totó,

de sua tia Maria Velha e de seu Tio Tatão, a jovem observa os silêncios de sua progenitora Mãe Joana.

A narrativa nos apresenta a amizade entre a personagem Bondade e a personagem Maria-Nova, ele atua como um dos interlocutores próximos a jovem. Negro-Alfrio é a personagem por quem a jovem Maria-Nova sente admiração tanto por sua conduta na luta durante o processo de desocupação da favela como também no despertar de sua sexualidade. Vó-Rita, A Outra, Dora, Ditinha entre outras personagens femininas são foco do olhar da narradora protagonista no que tange as vivências femininas.

Em *Becos da Memória* (2017) Conceição Evaristo dá voz e protagonismo a mulheres e homens negros(os) e às suas contradições e dilemas como representações de seres humanos complexos, a escritora brasileira também coloca em evidência as demandas das mulheres negras e evidencia as intersecções das opressões de gênero, classe e raça.

Em *La hora violeta* a narradora Norma por meio de suas próprias memórias e a partir de notas, diários e cartas dá voz a personagens que vivenciaram diferentes períodos da história contemporânea do século XX na Catalunha/Espanha. O romance cumpre o papel de registrar literariamente erros e acertos dos campos progressista e de esquerda na Espanha na atuação da queda da Monarquia, República e Guerra Civil (1936 -1939) e pós-guerra sob a ditadura franquista.

As personagens Patrícia Miralpeix, cunhada de Judit Fléchier e a amiga Kati são as personagens que vivenciaram a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Estas três personagens são retratadas pelo que se contam sobre elas e por meio de notas, diários e anotações que Judit Fléchier fez ao longo da guerra e da pós-guerra.

As personagens Norma, Natália e Agnès são personagens que nasceram no período da pós-guerra e cresceram sob o regime ditatorial franquista. Norma e Natália são feministas que atuam no Partido Socialista Unificado de Catalunha (PSUC), vinculado institucionalmente ao Partido Comunista da Espanha, e usufruem de liberdade financeira e sexual. Norma é escritora e Natália, fotógrafa. Agnès cumpre dupla jornada; trabalha em uma creche e cuida sozinha dos filhos,

Em *La hora violeta* (1987) de Montserrat Roig as subjetividades femininas são representadas pelas diferentes vozes e distintos papéis sociais que desempenharam as personagens que viveram tanto o período da guerra civil como o período franquista.

Entre as pesquisas que já se debruçaram sobre ambas as obras, consideramos que este trabalho se diferencia dos demais porque ainda não há disponível nenhuma dissertação ou tese que trabalhe as aproximações e diferenças entre ambas as obras.

O portal de catálogo de teses e dissertações da Capes no Brasil apresenta oito publicações sobre obras de Montserrat Roig, sendo uma realizada no programa de Mestrado em Ciências Sociais e as demais nos programas de pós-graduação (mestrado/doutorado) em Letras.

Parte das pesquisas realizadas tematizam sobre o projeto teórico e estético da autora barcelonesa a partir de reportagens, entrevistas, ensaios, contos e demais títulos de romances publicados. Dentre as oito pesquisas realizadas sobre a obra da escritora catalã o portal divulga duas dissertações específicas sobre o romance *La hora violeta* que foram realizadas nos programas de pós-graduação em Letras.

O pesquisador Silvio Pereira da Silva (2001) realiza análise das personagens do romance tendo como referencial as personagens da Odisseia de Homero, a dissertação está intitulada “As personagens de L’Hora Violeta de Montserrat Roig à luz da Odisséia”.

Daniele Cristina Silva (2012) realiza análise de Norma, personagem escritora criada pela autora e as inquietações dessa personagem quanto a luta "contra o esquecimento de vivências traumáticas coletivas", a dissertação está intitulada "La hora violeta" de Montserrat Roig: inquietação no processo da representação literária.

O portal de catálogo de teses e dissertações da Capes no Brasil apresenta vinte publicações sobre as obras de Conceição Evaristo, sendo realizadas nos programas de pós-graduação (mestrado/doutorado) em Letras e em outros diferentes programas de pós-graduação. Em nossa dissertação nos referenciamos em algumas pesquisas que trabalham especificamente com o romance *Becos da Memória* e/ou comparações entre as obras *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória*.

A pesquisa de dissertação de Elisângela De Lana Costa intitulada *Becos Da Memória e da Identidade em Conceição Evaristo* (2014) aponta que a obra é

[...] construída de forma fragmentada, é o conceito de literatura negra ou afro-brasileira, ainda em construção. Também é a identidade negra, fragmentada, híbrida, sempre em construção, encenada ao longo da obra em análise. O interessante é que, nela, a cultura híbrida dos favelados aparece no mesmo patamar de igualdade da europeia (COSTA, 2014, p.14)

Rosângela Aparecida Cardoso da Cruz em sua dissertação: “Gênero e educação nas escrituras de Conceição Evaristo: um olhar sobre Ponciá Vicêncio e *Becos da Memória*” (2016) faz uma pesquisa documentando ênfase aos conceitos bakhtinianos de alteridade, dialogismo e polifonia. Para Cruz a linguagem literária de Evaristo é um reflexo da sua própria vivência “bem como de muitas outras vozes silenciadas, de muitas outras mulheres, sobretudo, de mulheres negras, em um movimento constante de firmar-se no mundo enquanto sujeito” (CRUZ, 2016, p. 59)

A pesquisadora Catia Cristina Bocaiuva Maringolo, em “Ponciá Vicêncio e *Becos da Memória* de Conceição Evaristo: construindo histórias por meio de retalhos de memórias” (2014), faz uma análise da questão da memória como fator constitutivo para a construção da identidade das protagonistas e como material constitutivo dos próprios romances, a pesquisadora registra que

Ponciá Vicêncio, neta de negros escravizados, tenta emendar um tempo no outro: o tempo de Vô Vicêncio com seu presente a fim de proporcionar significado a sua existência. Maria Nova, narradora e protagonista de *Becos da memória* (2006), tenta por meio da memória (des)construir a favela de sua infância devastada pela ganância humana. Do mesmo modo que Ponciá e sua mãe produziam esculturas de barro, os narradores dos romances também tentam eliminar as sobras dando contorno a uma massa disforme de retalhos de memória (MARINGOLO, 2014, p 7)

Em nossa dissertação nos fundamentamos em determinadas pesquisas e ao longo das análises fomos referenciando as autoras e autores com seus nomes e sobrenomes por entender que a luta contra o sexismo se faz também com a explicitação de nomes e não com os sobrenomes e assim dar visibilidade ao gênero das pesquisadoras.

A dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro intitulado “Bases fundadoras das relações opressivas” está subdividido em três subseções “Presente e Passado: injustiças que persistem” nessa seção nos referenciamos em Kabenguele Munanga e Nilma Lino Gomes (2006), Sueli Carneiro (2011), Denis de Oliveira (2017), Nilma Lino Gomes (2017) entre outras autoras e autores para compor o texto que trata das desigualdades de classe e raça.

Na seção “Breve contexto histórico: pré-guerra civil, guerra civil e pós-guerra” nos referenciamos em Giselle Beiguelman-Mesina (1994) e Ramón Tamamés (1979) para compor o panorama histórico que figura no romance *La hora violeta* em diferentes fragmentos.

Na seção “Feministas: desnudando opressões & evidenciando diferenças” nos referenciamos em Simone Schimdt (2004), Lélia González (1988), Célia Amorós (1991) entre outras pensadoras para pensar os diferentes feminismos: brasileiro e europeu, os fatores de aproximações e os que se diferenciam.

No segundo capítulo intitulado “A arte narrativa: aproximações e diferenças entre os romances *Becos da Memória* e *La hora violeta*” apresentamos os romances e a matéria narrada ao tempo em que fomos construindo as análises das personagens Maria-Nova e Norma.

Este capítulo está subdividido em três seções intituladas “Maria-Nova: promessa de narrar e narrar-se”, “Norma: disputas em narrar e narrar-se” e “Maria-Nova e Norma: diferentes formas de narrar e narrar-se”. Para compor as análises da narrativa nos referenciamos em Walter Benjamin (1994), György Lukács (2010), Mikhail Bakhtin (2005), Cuti (Luiz Silva) (2010) entre outros e outras teóricas(os).

O terceiro capítulo intitulado “Cá e Lá: escritas que desvelam opressões e reposicionam vivências” está dividido em duas seções “*Becos da Memória*: lembranças e vozes que reposicionam vidas negras” e “*La hora violeta*: dando vozes as palavras negadas”.

Na primeira seção nos referenciamos em Conceição Evaristo (2011), Heloísa Toller Gomes (2016), Vanda Machado (2006), Cuti (Luiz Silva) (2010) entre outras pesquisadoras (es) para as análises do romance e também do momento histórico social ao qual estão inseridas as personagens.

Na segunda seção nos referenciamos em Ana Maria Aguado (1994), Bonnie Anderson e Judit Zinsser (1991), Christina Duplâa (1996), Iris Zavala (2011) entre outras pesquisadoras(es) para compor as análises do romance e também do contexto histórico social posto que a narrativa em diferentes fragmentos referencia estes contextos.

Em Considerações Finais apresentamos as diferentes formas de narrar e narrar-se desvelando opressões e reposicionando vivências nos diferentes continentes.

## CAPÍTULO I BASES FUNDADORAS DAS RELAÇÕES OPRESSIVAS

Escrever sobre o passado, ainda que um passado ficcionalizado na arte literária é também um compromisso de entender o presente. Vanda Machado afirma que “A memória mantém uma revivência que não é tal como já aconteceu, mas como vem se repetindo nas suas diferenças em tempos e lugares. Neste contexto, a memória, que não separa o presente do passado, vai além atualizando os fatos da vida e da história” (MACHADO, 2006, p.81)

Nos dois romances as personagens transitam entre narrar o momento presente da escrita e também rememorar o passado, as vivências do momento que recordam sendo consequência de um passado cujas violações ainda se sentem. Em ambas as obras, as autoras realizam escritas que desvelam relações opressivas/repressivas e reposicionam as vivências, subvertendo papéis de subalternidade.

Assumimos a proposta de apresentar o entrelaçamento entre passado e presente no que tange as relações sociais e econômicas, relações essas, que, ao nosso olhar foram fundadoras das opressões contra as quais as personagens lutam e/ou explicitam nos romances *Becos da Memória* e *La hora Violeta*. As desigualdades contra as quais ainda hoje se luta das mais variadas formas, inclusas aí a escrita de ficção e histórica social.

O crítico português Boaventura de Souza Santos, prefaciando o livro *O movimento negro educador*, de Nilma Lino Gomes, afirma que “A diferença fundamental entre o conhecimento nascido nas lutas e o conhecimento elaborado a respeito delas é que o primeiro é um *conhecer-com*, enquanto o segundo é um *conhecer-sobre*” (SANTOS, 2017, p. 9 – destaques nossos).

Nilma Lino Gomes, em sua trajetória bibliográfica, alia a prática de teorizar sobre o racismo e demais desigualdades com a prática da ação<sup>1</sup> política.

O conhecimento nascido de lutas e recuperado nos textos selecionados foi pensado na intenção de desvelar as bases fundadoras das opressões: racistas, machistas/sexistas e de

---

<sup>1</sup> Ela atuou como ministra da *Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial* (2015) e do *Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos* da Presidenta Dilma Rousseff (2015 – 2016).

desigualdades de classe, pois é com base em um *conhecer-com* que as autoras Conceição Evaristo e Montserrat Roig se inscrevem na historiografia da literatura.

### 1.1 Presente e Passado: injustiças que persistem

Nessa seção buscamos apresentar vozes que relacionam o que vivemos no presente e as ações/os fatos do passado para compreendermos as injustiças que seguem acontecendo. Nilma Lino Gomes (2017) afirma que “quanto mais os setores conservadores, de direita, os ruralistas e os capitalistas se realinham nas relações sociais e de poder, provocando ainda maiores desigualdades” (p.15) a autora compreende ainda mais a relevância e “a força dos movimentos sociais nas lutas emancipatórias e pela democracia” (p.15) e revela que o período em que escreveu o livro

são tempos de profundas mudanças econômicas e políticas no Brasil e na democracia. Tempos de reorganização do capitalismo nacional e internacional e das lutas sociais. Nesse contexto, há quem pense que a força dos movimentos sociais está enfraquecida. Mas, pelo contrário. Eles continuam atuando como protagonistas políticos da emancipação social e como verdadeiros faróis que brilham em tempos tenebrosos, mostrando o caminho para aqueles que lutam pela emancipação social e pela democracia (GOMES, 2017, p. 16).

Os textos selecionados nessa dissertação perpassam as jornadas dos séculos de invasões/colonizações/escravizações e misoginia.

O romance *Becos da Memória* representa tanto parcela das opressões sofridas como as formas de resistência às violências resultantes da segregação e do genocídio perpetrado por uma cultura escravista que perpassa a sociedade brasileira contemporânea.

Nilma Lino Gomes cita Valter Silvério para afirmar que a “desigualdade que atinge a população negra brasileira não é somente herança de um passado escravista, mas sim, um fenômeno mais complexo e multicausal, produto de uma trama complexa entre o plano econômico, político e cultural” (SILVÉRIO, 2002 apud GOMES, 2017, p, 26). Apoiada nessa afirmação compreendemos que as relações sociais em nosso território e no mundo são, portanto, frutos de várias combinações.

A partir do texto de Nilma Lino Gomes podemos entender que a luta contra o racismo não deveria ser empreendida isoladamente, quando ela escreve sobre a existência/resistência da população negra brasileira, afirma que

É bom sempre lembrar que os avanços sociais e a desnaturalização da desigualdade racial e do racismo no Brasil, entendidos como parte das lutas sociais e da história de resistência, caminham junto com a luta contra a ditadura, pela redemocratização da sociedade, contra o neoliberalismo e a globalização neoliberal. Nesse sentido, não se trata de uma luta isolada, apesar de sua especificidade. (GOMES, 2017, p. 95)

Nilma Lino Gomes (2017) aponta que o racismo “constitui-se um sistema de dominação e opressão estrutural pautado numa racionalidade que hierarquiza grupos e povos baseada na crença da superioridade e inferioridade racial” (p. 98) e ressalta que em território brasileiro o racismo “opera com a ideologia de raça biológica, travestida no mito da democracia racial, que se nutre, entre outras coisas, do potencial da miscigenação brasileira” (p. 98) e opera conforme o colorismo<sup>2</sup>.

Nesse sentido importa o reconhecimento de que o racismo é realizado de diferentes formas incidindo, sobretudo pela tonalidade quanto pelas marcas identitárias de negritude. Conforme Nilma Lino Gomes explicita ao afirmar que a “ideologia da raça biológica encontra nos sinais diacríticos “cor da pele”, “tipo de cabelo”, “formato do nariz”, “formato do corpo” o seu argumento central para inferiorizar os negros, transformando-os (sobretudo a cor da pele) nos principais ícones classificatórios dos negros e brancos” (GOMES, 2017, p. 98). Quanto aos povos originários, a autora considera que

Os indígenas também possuem uma história e sobre eles incidem leituras corpóreas de forma estereotipada; porém, a possibilidade de serem nomeados pelas diferentes etnias e a sua história específica desde a colonização até a atual relação com o Estado merecem análises mais específicas e, em vários aspectos, se diferencia das relações raciais entre negros e brancos. (GOMES, 2017, p. 99)

Explicitar nessa seção como acontecem as relações sociais de racismo e desigualdades sociais é fundamental no processo para entender a composição identitária não só das personagens fictícias que são analisadas em *Becos da Memória* e *La hora violeta*, mas também para compreender atos e pressupostos de personagens reais que atuaram e atuam nas relações institucionais de poder que regem os caminhos da sociedade.

---

<sup>2</sup> Essa terminologia é tomada do texto *Negros de pele clara* de Sueli Carneiro em que a autora afirma que “há quase duas décadas uma parcela significativa de jovens negros inseridos no movimento *hip-hop* cunhou politicamente para si a definição de pretos e o *slogan* PPP (Poder para o Povo Preto), em oposição a essas classificações cromáticas que instituem diferenças no interior da negritude” a autora revela que a maioria desses jovens era “negros de pele clara, como um dos seus principais ídolos e líderes” e ressalta que essa consciência se dá justamente porque “esses jovens sabem, pela experiência cotidiana, que o policial nunca se engana, sejam esses jovens negros de pele mais clara ou escura” (CARNEIRO, 2011, p. 73- destaques da autora).

Para entender as origens de tantas desigualdades na sociedade nos referenciamos em Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes no texto *O Brasil, o que é afinal?*, em que fazem uma exposição didática e contundente sobre a forma como ocorreu a ocupação dessas terras e como ocorreram as primeiras relações sociais entre europeus e povos nativos, concordamos com os autores quando afirmam que “a dominação política do outro pela invasão do seu território, a exploração econômica de suas riquezas naturais e a sujeição cultural que pretendia substituir as culturas, religião e visão de mundo dos povos indígenas por outras consideradas melhores e superiores” (MUNANGA; GOMES, 2006, p.15).

Os autores evidenciam que as relações entre os povos colonizador/colonizados esteve marcada pela violência e desigualdade desde os primórdios, ainda que o discurso para realizar essa empreitada fosse o de levar/trazer um suposto progresso, desvela como as relações entre nativos e invasores foram baseadas no menosprezo por tudo aquilo que fosse diferente dos europeus na vestimenta, na religiosidade, nas relações sociais enfim, tudo isso causa nos portugueses o sentimento de superioridade, Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes afirmam também que “A escravidão “foi o meio que os portugueses encontraram para tirar maior lucro do Brasil” (MUNANGA; GOMES, 2006, p.16).

O texto elucida que as verdadeiras motivações eram econômicas ao recordarem que o sistema capitalista já estava sendo engendrado no continente europeu e fazem o questionamento sobre se “teria sido possível conseguir essa mão de obra pelo estabelecimento de um contrato de trabalho livre, mediante uma remuneração, como já era prática na própria Europa? Esta forma de relação de trabalho, no século XV, ainda estava engatinhando entre os europeus” (MUNANGA; GOMES, 2006, p.15). Didaticamente o texto evidencia que aqui sequer se cogitou essa hipótese.

Outra problemática enfrentada para nós, ex-colônias, em específico no caso brasileiro, é que o processo de “independência” ocorreu não para proporcionar transformações nas relações sociais e econômicas vigentes, mas sim para garantir a continuidade no poder das oligarquias locais.

Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes registram que “os grupos empobrecidos e descendentes de escravizados, apesar da abolição da escravatura e da proclamação da República, continuam a viver em completa e violenta desigualdade” (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 107).

No mesmo sentido, o sociólogo Jessé Souza também afirma que

A questão do poder é a questão central de toda sociedade. A razão é simples. É ela que nos irá dizer quem manda e quem obedece, quem fica com os privilégios e quem é abandonado e excluído. O dinheiro, que é uma mera convenção, só pode exercer seus efeitos porque está ancorado em acordos políticos e jurídicos que refletem o poder relativo de certos estratos sociais. Assim, para se conhecer uma sociedade, é necessário reconstruir os meandros do processo que permite a reprodução do poder social real. (SOUZA, 2017, p. 11)

A especulação imobiliária, narrada no romance *Becos da Memória*, desaloja as pessoas de seus lares representando a lógica reproduzida desde a violência da colonização, onde relações de poder relativas à posse de terra e direito de moradia são regradadas pela classe econômica mais privilegiada e branca.

A Lei de terras, de 1850, expropria pequenos produtores, sustenta juridicamente a destruição de quilombos urbanos e rurais e praticamente impede o acesso à terra para a massa de negros/as libertos seja pela resistência à escravatura, seja por mecanismos de compra da alforria ou substituição da mão de obra. Regina Maria d'Aquino Fonseca Gadelha (1989) apresenta um panorama daquele momento histórico.

Quanto aos escravos - e a lei alegava também a necessidade e substituição dos braços escravos -, tratava-se de resolver o novo fator de racionalidade que tingira o sistema escravagista, encarecendo o custo do escravo e de sua exploração, conseqüência maior da abolição do tráfico africano. Porém, os objetivos capitalistas dos proprietários só seriam alcançados se o acesso do solo aos ex-escravos e aos trabalhadores nativos fosse dificultado. (GADELHA, 1989, pp.153-162)

O sistema capitalista é alimentado e reorganizado a partir de crises cíclicas, a cada crise as forças detentoras de poder se reinventam para a manutenção de seus privilégios, no Brasil vivemos um ciclo de conquista de alguns direitos, que foram conquistados e após pouco tempo de usufruto estão sendo ameaçados de serem extintos.

Cabe ressaltar que propostas políticas de retiradas de direitos são heranças das concepções sobre trabalho/lucro/direitos do período escravocrata e na atualidade inspirados nas políticas de austeridade já realizadas e implementadas em países como Grécia, Espanha e Portugal, após a crise do sistema capitalista ocorrida a partir de 2008 de acordo com Denis de Oliveira no texto *Dilemas da luta contra o racismo no Brasil* em que explica que nesses três países foram implementadas profundas reformas nas leis trabalhistas e a priorização de pagamentos de juros e expõe que

O capital rentista tem imposto às nações, políticas ortodoxas de ajuste fiscal a fim de garantir seus interesses. Pode-se dizer que a única política de Estado consolidada nos últimos anos, um verdadeiro consenso estabelecido principalmente por parte dos meios de comunicação, a política fiscal ortodoxa que implica priorizar o pagamento dos juros da dívida pública, o controle inflacionário e a liberdade dos fluxos internacionais do capital. Essa política de Estado se expressa por uma hegemonia no pensamento econômico dessa opção que se espraia tanto na cobertura midiática como na manutenção dessa política por parte do Banco Central que se mantém autônomo em relação a esfera pública –, a despeito das políticas governamentais neodesenvolvimentistas. (OLIVEIRA, 2017, pp. 36-37)

O sonho e a luta por um mundo sem racismo, sem desigualdades e a busca por transformar as realidades vividas precisa acontecer em todo o planeta. O que acontece em outros países interfere também em nosso território e influencia a forma como as elites locais detentoras do poder se comportam, segundo Denis de Oliveira

a luta contra o racismo sinaliza para uma ação contra o capital que remete tanto a uma reconstrução da esfera política, esvaziada pela ação direta do capital, como por sua apropriação no sentido de uma profunda reforma do Estado nas perspectivas contrárias a sua formação histórica: desconcentração de renda e patrimônio, universalização plena da cidadania e desmonte dos aparatos de violência sistêmica. O racismo deve ser enfrentado não apenas na dimensão comportamental e relacional, mas fundamentalmente como mecanismo estruturante do autoritarismo social que sustenta as várias lógicas do capital. (OLIVEIRA, 2017, p.37)

Os textos de Denis de Oliveira e Nilma Lino Gomes apontam que a luta contra o racismo implica também numa luta contra a estrutura do sistema capitalista posto que o racismo é estruturante nas mais variadas relações sociais.

Silvio Luiz de Almeida evoca a voz de Étienne Balibar quando este ressalta que “racismo é uma relação social e não um simples delírio de sujeitos racistas” (BALIBAR, 2010 apud ALMEIDA, 2017, p. 23), em seu texto o brasileiro enfatiza que

a análise do fenômeno racial abre portas para que o marxismo cumpra sua vocação de tornar inteligíveis as relações sociais históricas em suas determinações sociais mais concretas. Os conceitos de classe, Estado, imperialismo, ideologia e acumulação primitiva, superexploração, crise e tantos outros ganham concretude histórica e inteligibilidade quando informados pelas determinações raciais. (ALMEIDA, 2017, p. 24)

O brasileiro afirma que “ao contrário do que apregoam as leituras liberais, racismo não é apenas um problema ético, uma categoria jurídica ou dado psicológico. Racismo é uma relação social, que se estrutura política e economicamente” (ALMEIDA, 2017, p. 23).

Marcio Farias quando escreve sobre a formação da sociedade brasileira considera “a participação ativa da população negra”, e quando analisa a narrativa *O Quilombo dos Palmares*, aponta que Clovis Moura “identifica uma contradição estrutural entre senhores e escravos, como primeira expressão de luta de classes no Brasil” (FARIAS, 2017, p. 40).

A luta de classes em território brasileiro, portanto, em seus primórdios é empreendida pela população negra, posto que o trabalho, era “quase exclusivamente, realizado pelo negro”, de acordo com Clóvis Moura, o escravizado “foi, em algumas regiões, a mão de obra exclusiva desde os primórdios da colônia. Durante todo esse período, a história do trabalho é, sobretudo, a história do escravo” (MOURA, 1988, p. 48).

Recordar e registrar algumas evoluções das ondas conservadoras, nas retiradas de direitos e aprofundamento das pautas neoliberais ao nosso ver são necessárias, porque essas temáticas não estão esgotadas, até porque os textos literários das autoras Conceição Evaristo e Montserrat Roig demonstram que racismo/machismo/sexismo/desigualdade de classe não esteve e não está presente apenas nas relações interpessoais, são estruturais na sociedade.

## 1.2 Contexto Espanhol: Pré-Guerra Civil, Guerra Civil e Pós-Guerra

Na Espanha no início do século XX o processo de retirada da esquerda do poder se deu após uma série de conflitos durante os processos eleitorais e com as condições materiais e política deu-se início a uma guerra que durou três anos, impingindo derrota aos republicanos e instaurando uma ditadura que durou mais de trinta anos conforme vasta historiografia<sup>3</sup> sobre este período.

Recordamos que no romance *La hora violeta*, personagens femininas e masculinas rememoram o período ditatorial franquista e personagens catalães que sobreviveram aos campos de concentração nazistas.

Nesta seção o retrospecto realizado com diferentes arcabouços teóricos visa compreender o passado cujas memórias são recuperadas em *La hora violeta*. A Guerra Civil Espanhola que teve início em 1936, tem suas origens muito antes em conflitos que se acentuaram a partir da crise da monarquia no período de 1917 a 1931, segundo Villar (1992)

---

<sup>3</sup> Dentre elas: BIGUELMAN – MESSINA, Giselle. **História em Aberto – A Guerra Civil Espanhola 1936 – 1939**. São Paulo, Scipione, 1994. e TAMAMES, Ramón. **La República. La Era de Franco**. Madrid: Ediciones Alfaguara, S.A. 1979 entre outros.

uma crise que passa por três fases: a primeira, dos *Distúrbios*, de 1917 a 1923, a segunda, da *Ditadura* do General Primo de Rivera, de 1929 a 1930, e a última, da *Queda da monarquia*, de 1930 a 1931. (VILAR, 1992, p. 98).

Desde o início do século, os operários das áreas urbanas das regiões de: Madri, Barcelona, Catalunha, Bilbao e Asturias se organizavam em centrais sindicais como a socialista UGT (União Geral de Trabalhadores), a anarco-sindicalista CNT (Confederação Nacional do Trabalho) e o PSOE (Partido Socialista Obrero Español) para enfrentar duramente o patronato, manifestando-se em greves gerais como a de Biscaia em 1910, a dos ferroviários em 1912, além dos 15 mil mineiros que entraram em greve na região do Rio Tinto, na Andaluzia em 1913. (BEIGUELMAN-MESINA, 1994, p.20)

Em 1919 surge a crise da indústria, contudo é a Espanha agrária quem, em primeiro lugar, se rebela. De 1918 a 1921 se instaura em Andaluzia o chamado “triênio bolchevique” os camponeses pintam inscrições como Viva Lênin nos muros das propriedades, aspirando à reforma agrária, além disso, as áreas urbanas também contam com numerosos movimentos grevistas.

Neste contexto de intensos conflitos, com o consentimento do rei Alfonso XIII, em 1923 o general Primo de Rivera faz um *pronunciamiento* – que significa golpe militar, concede a si mesmo plenos poderes e inicialmente conta com o apoio popular; declara estado de guerra e, então, inicia-se a segunda fase da crise monárquica, a *Ditadura*. O General governa por decreto lei; suspende os direitos civis e passa o governo das províncias para as mãos dos militares, além, é claro, de suprimir os partidos políticos.

Com o passar do tempo, devido a ausência de reformas e o agravamento da crise econômica, além da repressão aos movimentos sindicais, a insatisfação com a corrupção, a falta de benefícios aos trabalhadores e a falta de representatividade política, o povo deixa de apoiar o governo. Em 1924 é criado a União Patriótica, que teoricamente serviria para representar a opinião pública, mas que era dominada pelos homens mais importantes da ditadura. Não passou na verdade de um veículo e instrumento de propaganda oficial.

Perante a total falta de representatividade, universitários e intelectuais se manifestam publicamente insatisfeitos unindo-se em agremiações políticas, “criando em 1926 a Aliança Republicana e a Ação Republicana, a segunda ligada ao grupo de esquerda, sendo que ambas

organizações exigiam reformas legais que beneficiassem os trabalhadores e pusessem um fim à corrupção”. (BEIGUELMAN-MESINA, 1994, p.25).

Com a crise econômica, a repressão às lutas de classes, seguindo o modelo italiano fascista, a negligência aos problemas agrários e o agravamento das questões regionais catalã e basca, o fracasso político de Primo de Rivera torna-se evidente, sendo retirado do poder em 30 de setembro de 1930. Em consequência, o rei encarrega o General Dámaso Berenguer, então chefe da Casa Militar, de constituir um novo governo. Os meses seguintes foram de grandes agitações: multiplicam-se as greves operárias e as manifestações estudantis, o Governo Berenguer, disposto a controlar a agitação social, convoca eleições para 01 de março de 1931; no entanto, na região de Aragão, dois capitães, Galán e García Hernández, proclamam a República em 12 de dezembro de 1930, sendo fuzilados dois dias depois.

O fracasso desse movimento acaba transformando os dois capitães em heróis nacionais. Em razão disso, seus líderes, Alcalá Zamora, Largo Caballero, Maura e Fernando de los Ríos, que estavam presos em Madrid, têm sua popularidade elevada a índices nunca antes atingidos. O general Berenguer segue convocando eleições, mas os partidos se recusam à irem as urnas sob o que alguns historiadores chamam de *semi-ditadura*. Para contornar essa situação o Rei Alfonso XIII, substitui em 14 de dezembro de 1930, Berenguer pelo Almirante Aznar.

É a partir desta época que começamos a antever o que alguns historiadores chamam de duas *Españas*, uma conservadora, monarquista e depois fascista e a outra, republicana, onde se incluem os socialistas, comunistas, anarquistas, os chamados *rojos* (vermelhos). Nas eleições municipais de 12 de abril de 1931, a coligação republicano-socialista sai vitoriosa em várias regiões, e no dia 14 é proclamada a República.

Nas ruas de Barcelona, Madri, Valência, Saragoza e de outras cidades uma multidão comemora a vitória republicana, essa vitória, contudo, não resolvia os conflitos, pois os grupos que perderam o poder político seguiam no controle da economia; o governo tenta, apesar das dificuldades, implantar mudanças. No chamado *biénio reformador* de 1931 a 1933, Niceto Alcalá Zamora, representante do governo, tratará dos problemas da Constituição, da Escola, da Igreja e do Exército, enfim, ocorre profundas mudanças.

A aprovação de uma nova Constituição em que separa o Estado da Igreja; estabelece a igualdade de direitos e deveres de homens e mulheres, o casamento civil passa a ser válido, e

um ano depois, em fevereiro de 1932 é aprovada a Lei do Divórcio. As mulheres conquistam na Constituição o direito ao voto.

As transformações políticas e também sociais tiveram lugar no âmbito da cultura, em julho de 1932 surge o grupo de teatro ambulante “La Barraca”, a qual o poeta e dramaturgo Federico García Lorca foi participante e diretor. Formado por universitários, tinha como proposta colocar novamente o povo espanhol em contato com seu glorioso passado teatral; os repertórios incluíam peças de Cervantes, Calderón de La Barca, Lope de Vega, e outros. Conforme as solicitações do grupo artístico o governo cedia caminhões para transportar o palco e demais apetrechos, bem como ônibus ou veículos oficiais, dependendo das disponibilidades para o transporte de pessoal.

Outras transformações substanciais acontecem: no campo religioso, se cristaliza o decreto que dissolve a *Compañía de Jesús*; na área da educação prioriza o ensino primário com a criação de quase sete mil escolas, o governo republicano aumenta o salário dos professores e promove cursos por todo o país sobre novos métodos de ensino, além disso a educação passa a ser laica, gratuita e obrigatória, seria mista (la coeducación – homens e mulheres no mesmo ambiente) em todos os graus de ensino. (DE MARCO, 1999, p.14). Quanto ao Exército, o governo institui uma modernização, diminuindo o poder dos chefes e generais.

Através de inúmeros decretos, que logo se convertem em lei, o governo também procura solucionar alguns problemas crônicos que atingiam a população, instituindo na zona rural a redução da jornada de trabalho para oito horas, o cultivo obrigatório de terras ociosas e a prioridade de emprego para os trabalhadores da própria região.

A direita, representada pelos grandes proprietários rurais e o alto clero, reage às transformações implantadas pelo governo, conspirando com militares, e também no interior do próprio sistema parlamentar.

A Igreja, então instruída pelo Vaticano, cria a *Acción Nacional*, com o lema “Religião, Família, Ordem, Trabalho e Propriedade”. Em reação a esse movimento, a população passa a identificar a Igreja com as oligarquias, e promove inúmeros incêndios em conventos de Madri, Andaluzia e Valência. Em agosto de 1932, o General Sanjurjo lidera uma tentativa de golpe contra a República.

Essa insurreição acaba gerando apoio popular e leva o Governo Manuel Azaña a apresentar dois projetos de lei: O Estatuto de Autonomia da Catalunha e o de Bases da Reforma Agrária, ambos votados em 9 de setembro de 1932. Em dezembro, celebram-se as primeiras eleições para o parlamento catalão.

A reforma agrária, no entanto, não agrada os camponeses, nem os latifundiários: para os primeiros parece demasiado pequeno o número de assentamentos, enquanto, para os segundos soam alarmante as medidas tomadas.

O ano de 1933 é repleto de manifestações no campo promovidas por trabalhadores anarquistas e comunistas. O governo contém os movimentos através da força: com as ações da *Guardia Civil*, sempre temida e detestada pelo povo, e da *Guardia de Asalto*, esta, criada por Azaña.

O Governo foi desgastado pela crise econômica e pelas manifestações sociais, tanto nas cidades como no campo enquanto isso, a direita, inspirada por Angel Herrera, faz da até então *Acción Popular* um conglomerado de agrários, monárquicos e tradicionalistas; unidos contra a Constituição e o laicismo, mobilizam a opinião rural e uma parte da massa eleitoral feminina que se alia à direita conservadora.

Liderados por José María Gil Robles, sob o lema “uma grande nação profundamente cristã” cria em 1933 a *Confederación Española de Derechas Autónomas (CEDA)*. Nesse mesmo contexto, em outubro do mesmo ano, se destaca, o filho do ex-ditador Rivera, José Antonio Primo de Rivera, que cria a *Falange Española* formada também por grupos da direita; é declaradamente antirrepublicana e atuante contra o liberalismo e o marxismo.

O período é de formação de grandes frentes, o país já começa a dividir-se. As mulheres que até a nova Constituição não tinham direito ao voto e, portanto, não participavam da vida política do país, são motivos agora dos olhares masculinos formadores de opinião.

Nesta época vai se reafirmando o que alguns historiadores chamam de duas *Espanhas*, já começamos a perceber o lema *los buenos contra los malos*, havia que preservar a moral e os bons costumes, e claro, com cada um em sua *classe*. O Partido Comunista cria a organização *Mujeres Antifacistas* que diferentemente das organizações de direita, realmente atua com reivindicações em prol da democracia, do direito ao trabalho e ao aborto (VILAR, 1992, p. 118).

Os grupos conservadores, *CEDA* e *Acción Popular*, criaram *Las asociaciones femeninas de derechas e Asociación Femenina de Acción Popular*<sup>4</sup>, em que mulheres trabalharam na organização, nas campanhas e nas assistências sociais, sob as ordens masculinas.

Enquanto *los azules*, os nacionalistas vão se organizando, o país vai sendo assolado pela crise econômica, por greves e confrontos com a *Guardia Civil* e a *Guarda de Asalto*. Esses conflitos atingem o ápice na região andaluza de *Casas Viejas*, com o assassinato a sangue frio de uma dúzia de camponeses, causando estupor na população e desgastando ainda mais o governo.

A Igreja, que já acusava o governo pelo *sacrilégio* do matrimônio civil e do divórcio legal, após a votação da Lei de Congregações, que proibia as entidades religiosas de exercer o ensino, passa a instruir os pais a enviarem seus filhos às escolas católicas, tornadas inconstitucionais, e a se afastarem daqueles que pudessem colocar sua fé em perigo.

O Governo, então acuado pela direita e abandonado pela esquerda, se vê forçado a dissolver o parlamento e a convocar novas eleições em novembro de 1933. Os anarquistas não votam, as mulheres pela primeira vez vão às urnas. No entanto, influenciadas pela Igreja e pelas associações conservadoras, elas votam com a direita, que sai vitoriosa com 228 deputados, contra 144 de centro, e 94 de esquerda. A partir de então, três problemas se agravam: o político, o social e as questões regionais, gerando conflitos violentos.

Na política, Alcalá Zamora conta com Lerroux para o novo Conselho de Ministros que, presidido por esse “republicano histórico, anti-socialista, demagogo” (VILAR, 1992, p.104) será um governo sob a pressão da direita, visando a anulação de todas as leis votadas entre 1931 e 1933. Quanto às agitações sociais, com seiscentos mil desempregados, sendo quatrocentos mil camponeses, os conflitos são refletidos nas manifestações organizadas pela CNT e UGT.

Na região da Catalunha também ocorrem conflitos agrários, com a proclamação do comunismo libertário, no entanto, as manifestações são contidas, o que não acontece em Asturias: o movimento parte das massas, caracterizando-se pela unidade revolucionária (anarquistas, socialistas, comunistas) e pelo armamento dos operários, que tomam os quartéis e as fábricas de armas. Durante nove dias, a região vive sob uma organização revolucionária,

---

4 As associações de mulheres de direita e a Associação de Mulheres de Ação Popular

militar e econômica, no entanto, os regimentos marroquinos do general López Ochoa cercam a cidade e os revolucionários dispersam-se pelas aldeias e montanhas.

Durante o período de outubro de 1934 a fevereiro de 1936 ocorrem violentas mudanças: operários despedidos, salários diminuídos, nos campos os rendeiros são expulsos, a reforma agrária é suspensa, além de vários escândalos financeiros envolvendo Lerroux. Considerando tudo isso, a esquerda, então, começa a reorganizar-se, criando a Frente Popular (comunistas, socialistas, antifascistas e outras facções de esquerda). Sindicatos e partidos de esquerda se unem num programa que prevê a anistia dos presos políticos do mês de outubro de 1934 e o restabelecimento da legislação do biênio reformador. Com essa pauta triunfam nas eleições de 16 de fevereiro de 1936 e Manuel Azaña assume o governo, juntamente com Santiago Casares Quiroga.

Após a vitória da esquerda ocorrem ainda alguns distúrbios no campo e nas cidades: os rendeiros expulsos voltam as terras e a reforma é espontaneamente retomada; na cidade o motivo das agitações é a liberdade dos presos e, em várias regiões, em represália à Igreja, conservadora e grande detentora de terras, se retoma a prática de incendiar conventos.

O país está outra vez assolado por greves e confrontos violentos. Naturalmente, os generais conspiram, na verdade, não deixaram de conspirar desde 1931, mas quando os comunistas solicitam que detenham os mais suspeitos (generais: Goded e Francisco Franco), o Governo prefere fazê-los cair em desgraça, cometendo um terrível erro para a República, ao enviar um para Canarias e outro para Baleares.

O mês de junho de 1936 será de tomada de posições, com a apresentação de projetos de Lei que previam a devolução de vastas extensões de terra pelos proprietários. Isso, somado à previsão da aplicação da Lei de Bases da Reforma Agrária, indicando que haveria um reenquadramento das relações de produção no campo, isso a burguesia agrária não toleraria.

Em uma sessão parlamentar, a direita em seus discursos, pinta com cores apocalípticas as greves e as expropriações feitas pelos camponeses, deixando claro que não toleraria qualquer mudança na ordem social e que, para tanto, não economizaria violência. Com o assassinato de Calvo Sotelo por membros da *Guardia de Asalto* em represália à morte de um de seus camaradas republicanos, o governo não proíbe as manifestações contraditórias no enterro de ambas as vítimas.

Aproveitando-se do efeito moral causado por essas mortes, no dia 17 de julho rompe o levantamento militar, há meses os oficiais conspiravam, o chefe, é o responsável exilado, depois da última conspiração, Sanjurjo, coligado com o político Calvo Sotelo, com contatos nas guaritas, nos partidos e no estrangeiro (Alemanha, Itália e até Inglaterra). Os generais em desgraça, Goded nas Ilhas Baleares e Franco nas Ilhas Canárias, tomam suas medidas locais e depois se dirigem aos pontos mais sensíveis (VILAR,1992. p.113).

Esse é o contexto em que eclodiu a Guerra Civil Espanhola como se percebe, foi fruto de um longo percurso de violência social e opressão, na tentativa de concretizar os planos de derrubar a República, para manter seus privilégios, se previa pouca resistência, no entanto o golpe fracassa politicamente nas regiões vitais do país, transformando o levante direitista em uma guerra que dura três anos.

O fato de na Espanha e na França vigorarem governos de Frente Popular, fez com que o governo republicano acreditasse que o governo francês seria solidário à sua causa e seria um aliado na defesa de suas instituições. Contudo, o cenário internacional era de temor ao avanço da Alemanha e de medo da revolução comunista, a exemplo do que ocorrera na URSS. Em vista disso a França, a Inglaterra e os EUA se retardarão a fornecer ajuda substancial ao governo republicano espanhol.

Por outro lado, Portugal, sob a ditadura de Salazar, se converterá em uma base de operações para transportar material bélico recebido da Alemanha para a frente nacionalista espanhola, demonstrando que não haveria hesitação por parte da aliança nazista/fascista.

O apoio de Hitler e Mussolini aos nacionalistas era estratégico, não só pelo posicionamento na Europa, mas também pelos interesses no norte do continente africano com seus campos de petróleo e controle de rotas marítimas. Assim os nacionalistas passam a receber aviões, munição, material bélico, treinamento e soldados para lutar ao seu lado.

Em outubro de 1936 os partidos comunistas soviéticos e francês organizam as Brigadas Internacionais, em nome da luta antifascista; enquanto os grupos desses voluntários em favor da República e da democracia era formado em maior parte por intelectuais, operários e trabalhadores do mundo todo, o grupo de “voluntários” pró-nacionalistas, eram militares oriundos da Alemanha (de Hitler), da Itália (de Mussolini) e de Portugal (de Salazar). A desigualdade entre as tropas republicanas e as tropas nacionalistas não foi apenas qualitativa, mas também quantitativa.

Em setembro de 1936, começa a funcionar o acordo Internacional de “não intervenção”; no entanto, o decorrer da história demonstrou de que forma funcionou a “não intervenção”, pois quando se denunciou o apoio estrangeiro aos nacionalistas, Portugal, Alemanha e Itália simplesmente negaram as acusações sem que qualquer país se pronunciasse; em contra partida, quando a URSS começa a embarcar armas para o governo republicano, o Comitê Internacional não hesitou em condenar e procurar controlar a atitude soviética.

O ano de 1937 é marcado por bombardeios das forças aéreas alemãs. Criada em novembro de 1936, a *Legião Condor* será responsável, entre outras atrocidades, pela destruição de *Guernica*, um pequeno povoado no País Basco. Em consequência da inexperiência dos republicanos e a falta de recursos para os enfrentamentos, os nacionalistas, com superioridade militar, vão tomando o poder em todo território espanhol, até a tomada da Catalunha, no fim de janeiro de 1939, o que, na prática, assinalou a vitória dos nacionalistas na guerra.

Em fevereiro quatrocentos mil refugiados atravessam a fronteira com a França e; em 28 de março, Franco ocupa Madrid. No dia primeiro de abril de 1939, o general Francisco Franco Bahamonte assume o governo do país, somente o deixa ao morrer, em 1975. Franco coloca-se como o salvador da Espanha e, apoiado pela Igreja e pela Falange, tratará de reprimir qualquer um que expressasse pensamentos antifascistas, buscando moldar as novas gerações à ideologia imposta pelo regime.

A coligação conservadora garantirá a *paz* na sociedade através da autoridade estabelecida; o exército, a Igreja e a Falange desempenharão papéis fundamentais, para que a *ordem* seja retomada: salários retrocedem ao nível de fevereiro de 1936, terras são devolvidas aos proprietários, indenizações às pessoas atingidas nos seus bens por razões políticas, medidas tomadas enquanto a fome, a miséria e o desemprego tornam-se latentes.

Essa realidade do que aconteceu lá me remete o que vivenciamos aqui, após o golpe de 2016 o desemprego, a fome e a miséria estão se avolumando enquanto o judiciário partícipe do golpe incorpora valores de auxílio moradia aos já altíssimos salários inclusive sem cobrança de imposto sobre esses valores.

Há que se ressaltar que Franco manteve todos os poderes em suas mãos e que nenhum outro governante possuiu tanto poder na Espanha, *El Caudillo* via a si mesmo como fundador

de uma nova ordem; para ele a luta de classes significava “verdadero atentado contra la riqueza nacional”<sup>5</sup>; exercerá controle sobre a todos os meios de comunicação, toda publicação passará pelo crivo da censura, a nova geração receberá uma educação autoritária, castradora e conservadora, se aprenderá que a República fora algo terrível, destruidora da Espanha “noble – religiosa – temente a Dios”<sup>6</sup>.

Nesse contexto conturbado e de repressão os papéis que as instituições: Estado, Igreja e Família vão designar para as mulheres será o papel da subalternidade; da repressão aos direitos de ir e vir; da imposição de regras quanto ao vestuário entre tantos outros exemplos de controle e repressão.

Por tudo o que foi exposto entendemos que a conjuntura política, social e econômica, e a própria formação do país gerou as condições para que acontecesse o embate por meio das armas. Lá as comunidades autônomas sempre se insurgiram de distintas formas contra o poder central espanhol, as diferenças linguísticas e culturais também são fatores que influenciaram e influenciam ainda hoje os conflitos na nação.

---

5 Verdadero atentado contra a riqueza nacional. (Tradução nossa)

6 “nobre – religiosa – temente a Deus”. (Tradução nossa)

### 1.3 Feministas: desnudando opressões & evidenciando diferenças

Nessa seção trazemos vozes brasileiras, estadunidenses, catalãs e espanholas, mulheres negras e não negras porque em nossa concepção para construir um mundo possível sem tantas opressões é preciso ouvir e agrupar vozes que lutam contra elas, ao tempo em que reconhecemos que existem fatores que podem gerar uma cumplicidade e outros que distanciam.

Organizamos o texto dialogando com as relações entre o *feminismo* como movimento social e a *autoria feminista literária* entendendo que existiu/existem escritoras que não se assumem como parte desse movimento, ainda que suas obras tenham contribuições por meio da escrita ficcional e ensaísta, uma escrita cujo tecido textual esteja comprometido com as vivências e subversão de papéis subalternizados.

No âmbito espanhol trazemos a voz da feminista espanhola Célia Amorós porque se inscreve no rol de intelectuais que teoriza sobre as desigualdades de classe, afirmando que

el capitalismo es un sistema de discriminación en la explotación [...] Y en esa misma medida, la mujer que es directamente explotada por este modo de producción es sobreexplotada, pues la opresión específica de que es objeto introduce un incremento diferencial en su explotación<sup>7</sup> (AMORÓS, 1991, p. 299)

Célia Amorós nesse fragmento chama atenção sobre o caráter específico de exploração que nós mulheres sofremos e em seguida aborda como essa temática tem acontecido no movimento feminista afirmando que

la explotación de que es objeto la mujer obrera, ha habido y sigue habiendo amplias discusiones en el seno del movimiento feminista acerca de los elementos de subarriendo de explotación que concurren en su caso y de la asignación de las cuotas respectivas de cada beneficiario, el capitalista y el marido asalariado [...] la significación del trabajo doméstico y sus implicaciones económicas<sup>8</sup> (AMORÓS, 1991, p. 302)

Quando escreve sobre a exploração e opressão cita Rosa Luxemburgo quando esta afirma que “el patrono explota al ama de casa obrera en la medida en que el trabajo éste

---

<sup>7</sup> O capitalismo é um sistema de discriminação na exploração [...] E, nessa medida, a mulher que é diretamente explorada por esse modo de produção é superexplorada, já que a opressão específica a que está sujeita introduz um aumento diferencial na sua exploração. (Tradução nossa)

<sup>8</sup> a exploração à qual as trabalhadoras são submetidas causou e continua causando amplas discussões dentro do movimento feminista sobre os elementos de sublocação de exploração que concorrem em seu caso e a alocação das respectivas cotas de cada beneficiário, o capitalista e o marido assalariado [...] a relevância do trabalho doméstico e suas implicações econômicas (Tradução nossa)

contribuya al abaratamiento de la reproducción de la fuerza de trabajo. [...] realiza una doble jornada laboral, aportando además el trabajo doméstico gratuitamente, o si se la hace objeto de discriminación en el nivel del consumo familiar<sup>9</sup> (LUXEMBURGO apud AMORÓS, 1991, p. 302).

No contexto brasileiro a autoria literária por parte das mulheres e o posicionamento político como feministas<sup>10</sup> nas escritas do campo teórico e ficcional possuem um amplo arcabouço teórico pertencentes a diferentes correntes e distintos campos do conhecimento, como a filosofia, a história, a sociologia entre outros. Rosane Borges considera que o *Feminismo* recebe o atributo de vitorioso “em virtude de ter abalado, no século XX, os alicerces das normas e dos códigos que regiam espaços públicos e privados” (BORGES, 2017, p. 46).

Ao escrever sobre *Literatura de autoria feminina* Lucia Osana Zolin cita Rita Terezinha Schmidt ao apontar que a crítica literária feminista

[...] a ótica da alteridade e da diferença, muito historiadores literários começaram a resgatar e reinterpretar a produção literária de autoria feminina, numa atitude de historicização que se constitui como resistência à ideologia que historicamente vinha regulando o saber sobre a literatura. Trata-se de promover a desestabilização de paradigmas estabelecidos e saberes instituídos, como o de "essencialismo, homogeneização e universalismo que sustenta a institucionalização da literatura e que subjaz às noções vigentes de tradição e cânone literário, ao discurso crítico da historiografia literária, às estratégias interpretativas e critérios de valoração herdados e legitimados na cultura patriarcal" (SCHMIDT, 1999, p.36) apud (ZOLIN, 2005, p. 275)

As afirmações acima desnudam a persistência do patriarcalismo em todas as instâncias inclusive no acadêmico com a constituição de cânones excludentes, o texto aponta para a necessidade de promover desestabilização nessa historiografia literária e em sua crítica para que de fato ocorram transformações.

Ao escrever sobre teorias críticas pós-estruturalistas que consideram a categoria “mulher” como um conceito “vazio e essencialista” Simone Pereira Schmidt afirma que

---

9 o patrão explora a dona de casa na medida em que esse trabalho contribui para o barateamento da reprodução da força de trabalho. [...] realiza uma dupla jornada de trabalho, contribuindo para o trabalho doméstico de graça, ou a transforma em objeto de discriminação ao nível do consumo familiar. (Tradução nossa)

10 Desse ponto de vista consideramos além da ampla produção das feministas ocidentais (liberal, marxista, radical), também a produção das feministas dos estudos pós-coloniais e decoloniais, são estas que vão abordar as várias intersecções raça, classe, sexualidade, ou seja são essas feministas que vão abordar as especificidades das diferentes possibilidades de existência em ser mulher, indígena, negra, homoafetiva, pobre dentre outras existências.

o gênero, além de ser um instrumento “para reivindicar um certo terreno de definição, para insistir sobre a inadequação das teorias existentes em explicar as desigualdades persistentes entre as mulheres e os homens”, conforme Joan Scott, é também um movimento de saída, de expansão das fronteiras da crítica feminista, cujos paradigmas já não davam conta das demandas colocadas pelos embates vividos tanto nos enfrentamentos teóricos quanto nas disputas políticas travadas pelas feministas. (SCHMIDT, 2004, p.18)

Ao reconhecer que o feminismo e suas diferentes vertentes possuem um vasto arcabouço teórico produzido nos diversos países e continentes, consideramos que ao longo do tempo sempre houve mulheres que se colocaram contra as opressões nos mais diferenciados contextos opressivos, mesmo que o nome/conceito *Feminismo* não fosse ainda utilizado.

Constância Lima Duarte, no texto *Feminismo e literatura no Brasil*, adverte que “diferentemente do que ocorre em outros países, existe entre nós uma forte resistência em torno da palavra feminismo” (DUARTE, 2003, p.151), insiro aqui a minha voz para apontar que essa resistência de brasileiras e brasileiros demonstram o quanto ainda em nosso contexto, os direitos e a vida das mulheres ainda estão tutelados aos homens brancos que estão no poder desde os primórdios da invasão/colonização. A autora publica o texto em 2003 e considera que

Se lembrarmos que feminismo foi um movimento legítimo que atravessou décadas, e que transformou as relações entre homens e mulheres, torna-se (quase) inexplicável o porquê de sua desconsideração pelos formadores de opinião pública. Pode-se dizer que a vitória do movimento feminista é inquestionável quando se constata que suas bandeiras mais radicais tornaram-se parte integrante da sociedade, como, por exemplo, mulher frequentar, universidade, escolher profissão, receber salários iguais, candidatar-se ao que quiser... Tudo isso, já foi um absurdo sonho utópico, faz parte de nosso dia a dia e ninguém nem imagina mais um mundo diferente. (DUARTE, 2003, p.151 – destaque da autora)

Em seu texto a autora considera que o movimento feminista possui uma larga trajetória e que por isso já existem alguns avanços. As pesquisas demonstram que apesar dos progressos nós continuamos recebendo menos, os dados citados na seção anterior desvelam também o mito da democracia racial, quando explicita em números e porcentagens que a pirâmide social não é somente de gênero, há que se olhar com atenção a informação sobre raça.

Sueli Carneiro recorda que em 2002 precisou escrever e publicar um artigo no Jornal Correio Braziliense, para contrapor um artigo de uma juíza que contestava o debate sobre a implantação de cotas para negros, ela lembra que em seu texto de defesa, colocou

informações que desvelavam o mito da democracia racial ao afirmar que “para as mulheres negras alcançarem os mesmos padrões salariais das mulheres brancas com quatro a sete anos de estudos elas precisam de mais quatro anos de instrução”, ou seja, “para mulheres negras, são necessários de oito a onze anos de estudos para alcançar o salário de mulheres brancas” (CARNEIRO, 2011, p. 49).

A informação publicada neste ano sobre os frutos da política reparatória de cotas é importante porque dialoga com as defesas que Sueli Carneiro fazia antes e durante a implantação da política de ação reparatória, pois teve muitas contestações mesmo depois de promulgada a lei, houve contestações por parte de juristas brancas(os) que não reconheciam os privilégios que possuem e tão pouco a dívida que o país deve ao povo negro.

Em se tratando da produção das feministas no âmbito da crítica literária, assim como em outros campos do conhecimento, os textos teóricos e conceitos relacionado a escrita, enquanto matéria narrada e a autoria produzida por mulheres considerando os aspectos de raça/classe/sexualidade e demais variantes opressivas também são frutos da trajetória de várias pensadoras não só na esfera acadêmica como também dos a partir dos movimentos sociais de mulheres. Simone Schmidt afirma que

em nossa atuação presente, a sombra das matriarcas que fundaram um teto todo nosso, delimitando no campo da teoria uma casa construída como espaço de auto-representação e busca de autonomia. Os nomes dessas matriarcas são ainda constantemente evocados, e certamente cada um dos campos disciplinares ora presentes poderiam evocar os seus. No caso da literatura, que é minha casa mais restrita, eu convocaria Elaine Showalter, Susan Gubar, Sandra Gilbert, Anette Kolodny, Myra Jehlen, assinalando a sua inegável importância na delimitação de um território para as mulheres dentro da literatura e da tradição literária, que permitiu a realização de todo um fecundo trabalho de revisão do cânone, de releitura crítica da historiografia tradicional e de resgate de autoras e de obras. (SCHMIDT, 2004, p. 18)

Francineide Santos Palmeira no texto *Escritoras Negras na America Latina* escreve sobre a produção literária e discute as relações entre discurso autoral e discurso textual, pois entende que existem várias designações para tentar nomear “*literatura de mulheres? Literatura feminista? Literatura feminina?*” e observa que estas denominações estão “diretamente relacionadas ao sexo da escritora [...] há quem também busque a identidade de gênero das escritoras”, e cita Nelly Richard ao afirmar que o “o diferencial da escrita feminina é o discurso textual”. (RICHARD, 2002, apud PALMEIRA, 2011).

Heloisa Toller Gomes, em ensaio produzido sobre a autoria de escritoras negras no continente americano se posiciona afirmando que

Espraiando-se nas mais diversas regiões das Américas, dos séculos escravistas aos dias de hoje, e manifestando-se principalmente na literatura poética, auto-biográfica e ficcional, esta escrita de mulheres exhibe particularidades que a diferenciam e identificam dentro da própria literatura negra. Ela tem-se acrescido, nos últimos cem anos, de valiosas contribuições no domínio das ciências sociais e da crítica literária, vindo a ser um objeto privilegiado para investigações de manifestações culturais como, por exemplo, a literatura comparada e os modernos estudos culturais. Grande massa de coisas ditas e escritas, tal produção cultural apresenta, pois traços comuns e reconhecíveis. Ela constitui uma “formação discursiva”, se quisermos utilizar a terminologia de Michel Foucault que, em *A Arqueologia do saber*, assim caracterizou agrupamento de textos que carregam em si pressupostos culturais semelhantes, discursivamente dados, marcados por conjunturas históricas específicas. (GOMES, 2004, p. 1)

Simone Pereira Schmidt escreve em *Como e por que somos feministas* utilizando a palavra "arena" para apontar para o espaço de disputa nas lutas que ocorrem tanto dentro do movimento social de mulheres como também no campo da produção teórica dos *Estudos Feministas*, como constatamos na citação abaixo

Estudos Feministas aponta para o desejo de fazer de uma publicação o lugar de tornar públicos (e, portanto, de fazer circular) os estudos (ou seja, uma determinada produção, de perfil marcadamente acadêmico) produzidos a partir de um ponto de vista específico, ou seja, o feminista. Assim, penso que o primeiro tema que deve tentar abordar é o do próprio conceito de feminismo. Estou entendendo o feminismo, em primeiro lugar, como uma arena, depois, como um campo teórico, uma prática interpretativa e, por fim, como um lugar político. (SCHMIDT, 2004, p. 17)

O texto da autora aponta para a linha de estudo no âmbito acadêmico que assume politicamente o compromisso, a tomada de posição explícita sobre a perspectiva de leitura e produção de conhecimento a partir do posicionamento como feminista. Considerando o conceito *feminismo* Simone Schmidt segue argumentando que

Se o feminismo, como prática política, já nasce como uma arena, lugar para onde confluem discursos vindos de muitos lugares, cena aberta de disputa e negociação de poder, com o visível alargamento do campo nas últimas décadas, esta sua característica se intensifica. E uma publicação que se pretende veiculadora e interlocutora desses debates deve, necessariamente, inserir-se nesta arena, para onde convergem os discursos de dentro e também de fora do espaço acadêmico, onde o político e o estético negociam sentidos, onde diferentes campos de saber reivindicam sua especificidade, e onde, enfim, vozes marcadas por diferenças geográficas, sexuais, étnicas, raciais, religiosas, geracionais, convivem, dialogam, disputam e se intersectam, acentuando-se reciprocamente, em variações que muitas vezes nos escapam. (SCHMIDT, 2004, p. 17)

As afirmações de Simone Pereira Schmidt são relevantes na composição deste texto porque não se furta em escrever e mostrar que existem diferentes correntes e também diferentes campos de saber que reivindicam e teorizam sobre as especificidades das demandas existentes decorrentes das diferentes formas de existir habitando em um corpo feminino, mas que existem diferenças quanto dentro desse *intragênero*, concordamos com ela também quando aponta a importância das produções que se fazem dentro e fora da academia.

Ao trazer essas vozes que não teorizam apenas sobre a arte literária busco nessa seção deixar evidente que ainda se fazem necessárias as lutas antirracistas, feministas e contra as desigualdades sociais, inclusive no âmbito da literatura. Os arcabouços teóricos na construção desse texto desvelam como ainda funcionam as opressões de raça, gênero e classe no país. De acordo com Lélia González no artigo *Por um feminismo afro-latino-americano*

o feminismo como teoria e prática vem desempenhando um papel fundamental em nossas lutas e conquistas, e à medida que, ao apresentar novas perguntas, não somente estimulou a formação de grupos e redes, também desenvolveu a busca de uma nova forma de ser mulher. Ao centralizar suas análises em torno do conceito do capitalismo patriarcal (ou patriarcado capitalista), evidenciou as bases materiais e simbólicas da opressão das mulheres, o que constitui uma contribuição de crucial importância para o encaminhamento das nossas lutas como movimento. (GONZÁLEZ, 1988, 17)

Para pensar as questões sobre feminismo e feminismo negro acredito ser necessário pensar nas relações desiguais ocasionadas pelo sistema capitalista e nesse sentido a construção teórica de Lélia González e outras feministas negras se fazem necessárias para a análise da estreita relação entre: gênero, raça e classe como elementos condicionantes e estruturantes das condições precárias de mulheres pobres e negras.

Segundo Lélia González “tratar, por exemplo, da divisão sexual do trabalho sem articulá-la com seu correspondente em nível racial, é recair numa espécie de racionalismo universal abstrato.” (GONZÁLEZ, 1988, 14), quando ela discorre sobre a questão racial na América Latina afirma que “é importante insistir que no quadro das profundas desigualdades raciais existentes no continente, se inscreve, e muito bem articulada, a desigualdade sexual. Trata-se de uma discriminação em dobro para as mulheres não-brancas da região” (GONZÁLEZ, 1988, p.17).

A feminista negra brasileira reitera ainda que “exploração de classe e discriminação racial constituem os elementos básicos da luta comum de homens e mulheres pertencentes a

uma etnia subordinada”, a autora salienta que no feminismo negro existe em certa medida uma cumplicidade entre mulheres e homens, posto que “a experiência histórica da escravização negra, por exemplo, foi terrível e sofridamente vivida por homens e mulheres, fossem crianças, adultos ou velhos” (GONZALÉZ, 1988, p.18).

Para Lélia González, na América Latina, “o feminismo negro possui sua diferença específica em face do ocidental: o da solidariedade, fundada numa experiência histórica comum” (1988, p.20).

bell hooks<sup>11</sup> no artigo “Mulheres Negras: moldando a teoria feminista” faz uma série de críticas a algumas correntes do feminismo liberal e afirma que “apenas se analisando o racismo e sua função na sociedade capitalista é que pode surgir uma compreensão profunda das relações de classe” (hooks, 2015, p. 195).

Angela Davis, outra pensadora do feminismo negro estadunidense também formula uma análise crítica anti-capitalista, antirracista e anti-sexista no artigo intitulado “As Mulheres Negras na Construção de uma Nova Utopia” publicado em 2011 no Portal Geledés, ela afirma que:

É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. (DAVIS, 2011)

O livro *Mulheres, raça e classe*, publicado em inglês em 1981, somente teve tradução/divulgação no Brasil em 2016, nessa obra Angela Davis, faz um extenso estudo sobre a sociedade estadunidense, a trajetória do movimento feminista sufragista, apresenta homens e mulheres que contribuíram na luta antirracismo, mas também denuncia que parte das líderes do movimento sufragista “não suspeitavam que a escravização da população negra no Sul, a exploração econômica da mão de obra no Norte e a opressão social das mulheres estivessem relacionadas de forma sistemática” (DAVIS, 2016, p. 75).

Nessa afirmação percebemos que já na década de oitenta a ativista e escritora apontava as relações estruturais e sistêmicas da exploração capitalista, ela ressalta que “os capitalistas

---

<sup>11</sup> bell hooks é o pseudônimo de Glória Jean Watkins. O nome bell hooks foi inspirado na sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. De acordo com o Portal Geledés para ela nada tem mais importância do que as ideias e o conhecimento: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”. Por isso, bell hooks escreve seu nome desta forma: somente com letras minúsculas. <https://www.geledes.org.br/a-pedagogia-negra-e-feminista-de-bell-hooks/> Acesso em 12/03/2019

do Norte almejavam o controle econômico sobre toda a nação. Sua luta contra a escravocracia do Sul não significava, portanto, que apoiassem a libertação de mulheres negras e homens negros enquanto seres humanos” (DAVIS, 2016, p. 83). O saber letrado era pré-requisito para aprovação do sufrágio uma evidente demonstração de racismo, posto que homens e mulheres negras não tinham o direito à educação naquele período.

A obra de Angela Davis apesar de tratar do contexto estadunidense revela certas semelhanças com as condições de inclusão da população afro-brasileira nos processos ditos “democráticos” de abolição e pós-abolição.

No contexto brasileiro e no continente americano as feministas negras foram pioneiras em colocar na pauta do gênero as demandas de raça e classe. Lélia González ao levantar dados e estatísticas sobre as condições de mulheres negras e/ou pobres, já na década de 1980 afirma que “as intelectuais e ativistas tendem a reproduzir a postura do feminismo europeu e norte-americano ao minimizar, ou até mesmo deixar de reconhecer, a especificidade da natureza da experiência do patriarcalismo por parte de mulheres negras, indígenas e de países colonizados” (GONZÁLEZ, 1980 apud NASCIMENTO, 2008, p.36).

Conforme aponta Sueli Carneiro em *Mulheres em Movimento* “*Enegrecendo o feminismo* é a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro” (CARNEIRO, 2011, p. 46). A autora assevera a necessidade do enegrecimento do movimento feminista para que se possa fazer também o combate das “desigualdades de gênero e intragênero”, porque afirma que a luta é também para viabilizar “uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra e, em geral, pobre, delineamos, por fim, o papel que essa perspectiva tem na luta antirracista no Brasil” (CARNEIRO, 2011, p. 46).

Quando Sueli Carneiro afirma a necessidade da luta antirracista, está incluindo aí a defesa do gênero masculino também, e nisso também o feminismo negro se diferencia de outras correntes feministas.

Essa ideia já estava contida nas origens da atuação das mulheres negras, Lélia González ao rememorar a atuação do movimento negro no período de fins de 1973 e início de 1974 revela que

um fato da maior importância (comumente “esquecido” pelo próprio movimento negro) era justamente a atuação das mulheres negras que, ao que parece, reuniam-se para discutir seu cotidiano marcado, por um lado, pela discriminação racial e, por

outro, pelo machismo - não só dos homens brancos, mas dos próprios negros [...] que mulher negra não passou pela experiência de ver o filho, o irmão, o companheiro, o namorado, o amigo, etc passar pela humilhação da suspeição policial, por exemplo? Nesse sentido o feminismo negro tem uma diferença específica em relação ao feminismo ocidental: a solidariedade, fundada numa experiência histórica comum. (GONZÁLEZ, 1984, p.38)

Ao enfatizar as diferenças entre o feminismo ocidental o feminismo realizado pelas mulheres negras, na continuidade do texto, Lélia González recupera os nomes das companheiras que faziam parte dessas reuniões, ao fazer isso inscreve na história do movimento feminista negro brasileiro os nomes de "Beatriz, Marlene, Vera Mara, Joana, Alba, Judite, Stella, Lúcia, Norma, Zumba, Alzira, Lísia e várias outras" ela afirma que eram cerca de vinte mulheres que após as reuniões "juntavam-se aos companheiros para a reunião ampliada (que chamavam de "grupão"), onde expunham os resultados de sua discussão anterior a fim de que o conjunto também refletisse sobre a condição das mulheres negras" (GONZALES, 1984, p.38 - destaques da autora).

A produção sobre a interseccionalidade das opressões atualmente estão presentes não apenas nos estudos literários como também em outros campos do conhecimento, como por exemplo, no campo da filosofia, da história e da sociologia, todas estas áreas contribuem para a formação de um amplo arcabouço teórico sobre os estudos de gênero considerando os variados aspectos da condição feminina, raça, classe, orientação sexual, entre outras possibilidades de existência.

O termo interseccionalidade foi cunhado por Kimberlé Crenshaw no final da década de 80, porém dentro do contexto estadunidense Patricia Hill Collins aponta que o trabalho de pensar e produzir sobre as combinações das variadas opressões já vinha sendo realizado ao longo de décadas por feministas negras ativistas dos direitos de raça/classe como também pelas ativistas negras que militavam contra a homofobia/lesbofobia.

O texto de Patricia Hill Collins traduzido ao português por Bianca Santana aponta as origens do conceito interseccionalidade para demonstrar como caminham os movimentos sociais de mulheres negras e o campo teórico na academia.

No artigo "Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória" (2017), a estadunidense retoma as origens do termo interseccionalidade e registra que "Histórias da emergência da interseccionalidade costumam clamar que a intelectual feminista afro-americana Kimberlé Crenshaw "cunhou" o termo

interseccionalidade no artigo *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color*, publicado na *Stanford Law Review* (Crenshaw, 1991)”. Patricia Hill Collins em seu artigo salienta que

Como uma teórica crítica da temática racial e advogada, Crenshaw não foi uma militante nos movimentos sociais, mas estava intimamente familiarizada com o trabalho por justiça social dos movimentos. Nesse sentido, Crenshaw foi idealmente posicionada na convergência dos estudos de raça/ classe/ gênero na academia, assim como na centralidade de iniciativas de justiça social para a mudanças legais e sociais que fizeram avançar argumentos da interseccionalidade”. (COLLINS, 2017, p. 10 destaques da autora).

A afirmação de Patrícia Hill Collins sobre a trajetória de Kimberly Crenshaw que apesar de não participar dos movimentos sociais como militante esteve atenta ao que se produzia fora da academia, é importante esse olhar para entendermos que o movimento emancipatório não está apenas no mundo das letras e importante que não esteja apenas nele para que as transformações e reivindicações não fiquem apenas nas folhas de papel.

Da mesma forma que a romancista, a professora Simone Pereira Schmidt relata seu percurso e formação como feminista nos anos 80 e demonstra que o feminismo no nosso país se difere daqueles dos países europeus e estadunidense, ela revela que

Foi necessário um longo percurso, em que por diversas vezes cruzei a fronteira que separa a teoria da ação política, num movimento de vai e vem que lembra os pontos de uma costura, foi necessário mesmo que houvesse essa costura em minha trajetória pessoal e política, para que eu chegasse hoje a compreender que, vivendo num contexto histórico diferente do europeu e do norte-americano, fui e sou parte de uma outra história do feminismo, nem sempre identificada com a modernidade, e sempre situada como periferia. Como parte dessa outra história localizada na América Latina, vi acontecer movimentos como o das margaridas na Paraíba, das sem-terra, das sem-teto; acompanhei as lutas de mulheres que foram às ruas para bater painéis contra a fome e a carestia, de mães que foram às praças gritar por seus filhos desaparecidos. Domésticas, donas de casa, negras, brancas, mestiças, cholas, indígenas, mães, guerrilheiras, margaridas, evitas, beneditas, a história do feminismo, por aqui, muitas vezes na contramão da pós-modernidade, se escreveu em sofridas lutas, onde a classe e a raça necessariamente se articulavam ao gênero, colocadas suas urgências todas na ordem do dia, antes mesmo de tal articulação imperar nas agendas dos feminismos metropolitanos. (SCHMIDT, 2004, p. 21)

Simone Pereira Schmidt aponta para as diferenças entre o feminismo latinoamericano e o feminismo “pós-moderno” de países da europeus e também o estadunidense, e propõe que

devemos levar muito a sério aquilo que afirma Chandra Mohanty, ao propor que a construção dos feminismos no Terceiro Mundo conjuga um empreendimento de desconstrução (a crítica interna aos feminismos hegemônicos ocidentais) e uma tarefa afirmativa (a formulação de estratégias e preocupações feministas autônomas,

que sejam: geográfica, histórica e culturalmente situados. Construindo os feminismos fora do centro, embora em diálogo com ele, estamos estabelecendo redes alternativas, horizontais, que devem reorientar nossa prática, para fora do eixo centro-periferia. (SCHMIDT, 2004, p. 20)

Ao falar sobre os feminismos brasileiro, europeu, estadunidense nesta seção, buscamos recuperar vozes que considerem os fatores de gênero/raça/classe porque como apontamos na seção anterior, nem sempre a discussão sobre gênero e raça estão incluídas no bojo das produções, ou como o racismo incide na vida de mulheres e homens.

Ao abordarmos os feminismos brasileiro e europeu percebemos fatores de aproximação como a preocupação com a desigualdade de classe, já entre o feminismo estadunidense a aproximação se dá por conta das questões de raça, posto que tanto os movimentos sociais como as teóricas na academia vão pautar as intersecções gênero/raça/classe. No feminismo brasileiro e demais países latino-americano as lutas se dão nos movimentos sociais e também no âmbito das produções acadêmicas conforme assinalou Simone Schmidt.

Ao considerar as distâncias entre as conquistas do feminismo europeu já nos anos oitenta, percebemos que aqui no continente sul-americano o processo também avançava, pois desde os anos setenta as mulheres negras mesmo durante a ditadura, já se organizavam e provocavam desestabilizações no status quo, conforme já foi assinalado por Lélia González e citado anteriormente, no entanto essas conquistas não significam que estamos no mesmo patamar de direitos e reconhecimento que os homens, e é sempre oportuno recordar a hierarquização estrutural de raça, gênero e classe, portanto ainda há muito a avançar.

Nas duas próximas seções estão as análises dos dois romances em que ficam patentes tais necessidades, ainda que as autoras busquem inscrever e escrever uma outra vida possível literariamente, as denúncias das desigualdades e opressões também se fazem presentes.

## CAPÍTULO II

### A ARTE NARRATIVA: APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS ENTRE OS ROMANCES BECOS DA MEMÓRIA E LA HORA VIOLETA

Ao pensar as reflexões sobre a arte da escrita literária, tomamos a palavra de György Lukács quando afirma que “não há composição sem concepção do mundo” (2010, p. 179), nesse sentido, nosso olhar para as obras de Montserrat Roig e Conceição Evaristo busca mostrar as possíveis visões de mundo e de sociedade que as duas autoras apresentam em suas obras de ficção e também nas teorizações sobre a arte de narrar e narrar-se que ambas apresentam em ensaios e entrevistas.

Os romances<sup>12</sup>, *Becos da Memória* e *La hora violeta*, apresentam uma polifonia de vozes femininas e masculinas e por meio do entrelaçamento das memórias (individual e coletiva) dessas personagens se mostra latente uma estética literária de engajamento em narrar as temáticas do contexto social e histórico em que estão inseridas, em *Becos da Memória*, especificamente, dá-se ênfase também às questões de gênero, raça e classe.

Tomando como base os conceitos memória coletiva e memória individual desenvolvidas por Maurice Halbwachs quando afirma que

a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. (HALBWACHS, 2006, p. 69)

Na citação selecionada acima a memória individual se apoia na memória coletiva e é múltipla como são múltiplos os indivíduos que lembram, em ambos os romances as memórias individuais das personagens estão de acordo e apoiadas nas memórias dos grupos sociais as quais pertencem.

---

<sup>12</sup> Cabe recordar que as fundamentações teórico metodológicas nessa dissertação **não** estão organizadas em um capítulo específico, os textos sobre a inserção das autoras na história literária de seus respectivos países, bem como, o debate sobre autoria feminina e autoria negra feminina, todos esses arcabouços teóricos vão sendo referenciados ao longo dos capítulos na medida em que vão se apresentando os recortes e as temáticas escolhidas.

Tomamos as conceituações que Mikhail Bakhtin desenvolve sobre as obras de Dostoiévski posto que se pode perceber nos romances estudados “a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes” (BAKHTIN, 2005, p.4).

As formas como são organizados os romances se aproximam por apresentarem vozes das múltiplas personagens que recuperam a memória coletiva de seus contextos por meio da memória individual com um olhar para a história oficial de seus respectivos países e a partir da(s) voz(es) feminina(s) nesses contextos sociais e históricos, vão se (re)posicionando as experiências e vivências de seu povo.

Se a estrutura organizativa das duas obras é semelhante por apresentarem a forma contemporânea (no século XX) do gênero romance (estrutura fragmentada tanto na organização como na vivência das personagens), a matéria narrada em cada um deles é o que torna ambos os textos totalmente diferentes entre si.

O enredo no romance *Becos da Memória* não é linear e tão pouco dividido em capítulos, a obra está organizada em fragmentos de relatos de diferentes vozes que vão apresentando a vida atual (no espaço urbano da favela) e também personagens que recuperam memórias (individual e coletiva) de seus ancestrais (em outros espaços do país e memórias individuais em tempos vividos no período da escravidão), ao tempo em que a vida cotidiana se faz narrando os afetos nas relações vivenciadas nos becos da favela e da memória as denúncias sobre as desigualdades sociais também emergindo no mesmo ritmo.

O romance *La hora violeta* está organizado em cinco capítulos, contudo a narrativa também não é linear, o enredo apresenta o ir e vir de personagens que apresentam suas vivências no pós-guerra civil espanhola (durante e depois a ditadura franquista) e personagens que recuperam memórias (individual e coletiva) do período antecedente e contemporâneo a guerra civil espanhola (1936-1939).

Na obra de Conceição Evaristo os marcadores principais são raça e gênero, e a escrita também contempla as questões relacionadas as desigualdades entre as classes sociais. No romance de Montserrat Roig o marcador que se torna mais perceptível na análise é o gênero, porém a escrita abrange também as questões das desigualdades entre as classes sociais.

György Lukács sustenta que “toda estrutura poética é profundamente determinada, exatamente nos critérios de composição que a inspiram, por um dado modo de conceber o

mundo” (2010, p.178). Nesse sentido, as romancistas e ensaístas, demonstram por meio de suas escritas que existem disputas sobre o que precisa ser narrado, quais concepções da/sobre a humanidade necessitam serem contadas, quais as experiências e as complexidades do contexto social ao qual se inserem as personagens carecem de registro, se coloca em evidência também que é necessário (re)posicionar o que já foi contado/narrado e/ou está silenciado.

Em *Becos da Memória* a composição da obra está nas mãos de uma personagem feminina, cabe à jovem Maria-Nova o trabalho de fazer o registro das vivências e memórias da sua comunidade e de seus familiares, a promessa de narrar e narrar-se<sup>13</sup>, é realizada por parte dela e esse desejo de escrever é revelado e vai sendo apresentada as(os) leitoras(es) ao longo dos vários fragmentos narrados.

Em *La hora violeta* o critério de composição também é colocado por uma personagem feminina, a escrita é pensada/argumentada pela personagem Norma, - personagem criada por Montserrat Roig para cumprir o papel de escritora na obra, é ela quem apresenta as(os) leitoras(es) o debate sobre o que deve ser registrado/narrado no romance que está escrevendo.

Conceição Evaristo e Montserrat Roig, ao apresentarem o debate sobre a arte de narrar e sobre o que deve/merece ser contado, tanto na ficção como em entrevistas e ensaios, demonstram e vão construindo um projeto de estética literária que reflete e problematiza as diferentes realidades sociais, daí a construção não linear e com distintas vozes nas obras de ficção.

Para dar conta de apresentar essas distintas visões de mundo os romances *Becos da Memória* e *La hora violeta* apresentam uma pluralidade de vozes narrativas, para Tzvetan Todorov “cada ideia é a ideia de alguém [...] no lugar do absoluto encontramos uma multiplicidade de pontos de vista: os das personagens e o do autor que lhes é assimilado; e eles não conhecem privilégios nem hierarquia” (EVARISTO, 2003, p. 21).

Se “cada ideia é a ideia de alguém” (EVARISTO, 2003, p.21), nos romances estudados cabe às personagens narradoras o papel de organizar as ideias na matéria que vai sendo

---

13 Os termos narrar e narrar-se estão sendo utilizados para diferenciar na dissertação quando se trata da memória coletiva e quando se trata da memória individual das personagens protagonistas, neste sentido concordamos com Jean Duvignaud quando este aponta que Maurice Halbwachs “evoca o depoimento da testemunha, que só tem sentido em relação a um grupo do qual esta faz parte, porque pressupõe um evento real vivido outrora em comum e, através desse evento, depende do contexto de referência no qual atualmente transitam o grupo e o indivíduo” (DUVIGNAUD APUD HALBWCHS, 2006, p.12).

narrada porque foram personagens criadas pelas autoras para cumprirem a função de escritoras.

Tomamos as afirmações de Mikhail Bakhtin sobre Dostoiévski quando concebe que este sabia “representar a ideia do outro, conservando-lhe toda a plenivalência enquanto ideia, mas mantendo simultaneamente a distância, sem afirmá-la nem difundi-la com sua própria ideologia representada” (BAKHTIN, 2005, p. 83). Podemos considerar que ambas as autoras realizam em seus romances a construção de uma multiplicidade de personagens que dialogam entre si e atuam em conjunto na construção da memória coletiva que vai sendo recuperada.

Maria-Nova em *Becos da Memória* e Norma em *La hora violeta* são personagens que pensam e organizam a escrita, cabendo a elas registrar na ficção as distintas visões sobre as vivências femininas, raciais e sociais; subvertendo os lugares de subalternidade que a sociedade insiste em querer relegar.

György Lukács (2010) afirma que “as concepções do mundo próprias dos grandes escritores são variadíssimas e ainda mais variadas são os modos pelos quais elas se manifestam no plano da composição” (p. 179) ele acrescenta ainda que “na verdade, quanto mais uma concepção do mundo é profunda, diferenciada, alimentada por experiências concretas, tanto mais variada e multifacetada pode se tornar a sua expressão compositiva” (2010, p.179).

Essa capacidade de criação é o que observamos e constatamos nas obras de Conceição Evaristo e Montserrat Roig, dado que, é justamente a multiplicidade de vozes em *Becos da Memória* e *La hora violeta* que proporcionam as/os leitoras(es) reflexões sobre a vida, a morte, a política, a velhice e a juventude, os encontros e desencontros, as ilusões e as realidades, os relacionamentos conjugais e familiares, o amor, a amizade, a inveja, o ciúme, a traição, enfim, a sociedade e a humanidade com suas complexidades de alegrias e tristezas.

Pensar na tomada da palavra por mulheres no âmbito da escrita é também perceber que o avanço da sociedade capitalista desde o período invasor/colonizador negou às mulheres brancas o estatuto de seres pensantes e quanto nós mulheres negras e/ou nativas nas regiões invadidas/colonizadas sequer éramos consideradas humanas.

A batalha pela liberdade, pela emancipação, pelo voto entre outras lutas foram primordiais para certas transformações e deslocamentos dos espaços subalternizados, porém consideramos que ainda há muito o que precisa ser alterado e, várias destas razões podem ser

percebidas por meio de experiências e vivências das personagens femininas negras e não-negras em *Becos da Memória* e *La hora violeta*.

Ao conceber uma literatura para além da fruição estética, Conceição Evaristo e Montserrat Roig escrevem e se inscrevem como sujeitos políticos que produzem ensaios e ficções, e que teorizam e subvertem os lugares de subalternidade que a sociedade ainda persiste em querer manter. A partir das produções escritas de ambas as autoras podemos considerar que a leitura e a escrita para mulheres negras e não negras foram, e ainda são, espaços que estão sendo conquistados por meio de lutas. Nada a elas foi cedido sem embates.

Essa dissertação ao trazer uma escritora negra brasileira e uma escritora catalã busca demonstrar como vivenciamos de forma diferente o sexismo, o patriarcado e os desafios que a vida impõe. O desenvolvimento das análises permite explicitar como atuam e vivenciam de maneiras distintas as mulheres na sociedade, tanto quanto é plural e multifacetada as realidades fora da ficção.

Por meio de suas falas/ensaios/ficções é possível perceber como ambas autoras teorizam sobre uma infinidade de questões pertinentes à humanidade. György Lukács (2010) considera que “o escritor precisa ter uma concepção do mundo sólida e profunda; precisa ver o mundo em seu caráter contraditório para ser capaz de selecionar como protagonista um ser humano em cujo destino se cruzem os contrários” (p. 179), em se tratando dos romances *Becos da Memórias* e *La hora violeta* as personagens protagonistas veem o “mundo contraditório” e justamente por perceber esse mundo são capazes de atuar e escrever sobre ele.

As personagens femininas em *Becos da Memória* e *La hora violeta* são exemplos de superação do sexismo, do racismo e das desigualdades que a sociedade de classes impõe às mulheres negras, não negras e/ou pobres; por isso é relevante destacar que o termo mulheres aqui refere-se às possibilidades das múltiplas intersecções<sup>14</sup> de opressões que se pode vivenciar, dentre elas: raça, classe, gênero, homoafetividade entre várias outras realidades de existências.

---

14 Ao longo da dissertação estão abordados e referenciados diferentes feminismo(s). Por hora, cabe colocar que o termo interseccionalidade tem sido referenciado como criação da intelectual feminista afro-americana Kimberlé Crenshaw para se referir às análises que contemplam as diferenciadas possibilidades de existências e opressões.

Nos âmbitos fora das ficções, em entrevistas e ensaios realizados, Conceição Evaristo e Montserrat Roig também teorizam sobre a arte de escrever e a matéria a ser narrada a partir do olhar delas enquanto mulheres em suas respectivas sociedades.

Jean Paul Sartre afirma que o escritor engajado “sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar. Ele abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da sociedade e da condição humana” (SARTRE, 2015, p.29), nesse sentido podemos notar que ambas intelectuais atuam e escrevem com engajamento literário comprometido com a sociedade em que estão inseridas, pois tanto na teoria como na ficção de Conceição Evaristo e de Montserrat Roig estão explicitamente colocadas suas posições/visões sobre o mundo/sociedade.

Mikhail Bakhtin ao falar sobre forma e conteúdo na literatura afirma que “*todo artista, em sua obra, se ela é significativa e séria, aparece como o artista primeiro e tem que ocupar imediatamente uma posição estética em relação à realidade extra-estética do conhecimento e do ato*” (BAKHTIN, 1993, p.38, grifo da edição).

Nesse sentido Conceição Evaristo se posiciona e teoriza sobre distintas temáticas em diversas entrevistas, ensaios e também em sua escrita ficcional, em 2005 no depoimento intitulado *Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita*, afirma que “se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida” e acrescenta que “escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo”. Ela também adverte que “em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação”. A partir dessas e de outras teorizações sobre a “insubordinação” da escrita feminina de autoria negra, vamos percebendo que o ato de pensar a escrita, a vivência e a produção de mulheres negras para além da obra de ficção.

A escritora catalã Montserrat Roig similarmente em entrevista concedida à Rosa María Piñol no jornal catalão *La Vanguardia* quando comenta sobre a literatura de autoria feminina e suas temáticas serem categorizadas utilizando pejorativamente o termo “literatura feminista” salienta e denuncia que “se ha tildado a la literatura escrita por mujeres o la feminista, en términos peyorativos. Y cuando los hombres bucean en su propia vida no se les considera

peyorativamente”<sup>15</sup> (ROIG, 1989, p.42), em outro momento, quando teoriza sobre o que a literatura pode significar/realizar, ela afirma ainda que “si la literatura es expiación, lo es para ambos os sexos”<sup>16</sup> (ROIG, 2001, p.107).

Essas concepções sobre a escrita literária como expiação, bem como sobre como a sociedade recebe/avalia a produção literária de autoria feminina, mostram sua pertinência porque realmente não lemos nenhum tipo de estudo crítico colocando de forma pejorativa nenhuma obra de autoria masculina que se debruça sobre as questões existenciais masculinas, vivemos em sociedade e as relações são humanas, homens e mulheres possuem sentimentos, o que nos distingue é a existência das diferentes realidades opressivas, patriarcado, racismo, desigualdades econômicas entre outras tantas sujeições.

A temática sobre intelectuais que se veem como universais também pode ser levada para o âmbito das produções de autoria feminina negra e não-negra, o texto de Djamila Ribeiro, ainda que não teorize especificamente sobre a arte de narrar, no artigo intitulado *Cansado de ouvir sobre machismo e racismo?* Ela constrói argumentação sobre a literatura de autoria feminina que são pertinentes ao que as autoras Conceição Evaristo e Montserrat Roig também afirmam, a filósofa quando escreve sobre machismo e racismo, salienta que

há os intelectuais e especialistas dispostos a falar sobre todos os assuntos e que nos acusam de “só saber falar disso”. Julgo esses casos ainda piores, porque essas pessoas têm acesso a um debate mais crítico, mas preferem se esconder atrás de seus privilégios. Criam categorias como “literatura feminina”, assuntos “para mulheres”. A literatura produzida por eles é tida como universal, enquanto a feita por mulheres é “literatura feminina”. Alguém já ouviu falar em literatura masculina? Essas subcategorias são criadas para hierarquizar arte e conhecimento. *Julgam que falam do universal enquanto nós falamos do específico, do “nosso mundo”, quando é justamente o contrário. Ao falarmos de nós, estamos denunciando o quanto essa categorização que tem como base o homem branco é falsa. Apontar isso é ampliar a universalidade, fazer com que abranja um número maior de possibilidades de existência. Se racismo e machismo são elementos fundadores da sociedade, hierarquizações de humanidade serão reproduzidas em todos os espaços.* Desse modo, a ciência já foi utilizada para legitimar racismo através dos estudos de evolução biológica do século XIX, que introduziram o conceito de “racismo biológico”, assim como para tentar provar uma suposta inferioridade natural da mulher. (RIBEIRO, 2018, p.77 destaques da autora)

---

15 Classificou-se pejorativamente a literatura escrita por mulheres ou a literatura feminista e quando os homens mergulham em sua própria existência não são classificados de maneira pejorativa. (Tradução nossa)

16 Se a literatura é expiação, é para ambos os sexos. (Tradução nossa)

As elaborações de Djmila Ribeiro nos dão as dimensões do quanto é significativa a produção feminina, a escrita para as mulheres ainda é taxada pejorativamente, por isso a relevância das produções de escritoras que teorizam e produzam ficções para além da fruição estética, escritas conectadas com a realidade vivida.

A partir das citações selecionadas entendemos a literatura como espaço de produção que concebe distintas realidades, assim como os ensaios de suas respectivas autoras, os romances *Becos da Memória* e *La hora violeta* são concebidos como obras de ficção que recuperam vivências que geralmente são silenciadas e/ou estereotipadas dando-lhes protagonismo.

Walter Benjamin no texto “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” afirma que “escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites. Na riqueza dessa vida e na descrição dessa riqueza, o romance anuncia a profunda perplexidade de quem a vive” (BENJAMIN, 1996, p. 201). Os romances estudados, portanto, representam a vivência da vida humana nos mais diversificados espaços e classes sociais.

Cabe apontar que, no contexto sul-americano/brasileiro as análises apontam também a existência do debate em construção sobre literatura afro-brasileira e/ou literatura negro-brasileira<sup>17</sup>. Essas vertentes críticas estão referenciadas ao longo das análises.

## 2.1 Maria-Nova: promessa de narrar e narrar-se

Na narrativa de *Becos da Memória*, arte de pensar a escrita, e a promessa/compromisso de narrar se faz presente desde as primeiras páginas, uma voz feminina revela a promessa de contar, o espelhamento entre a autora Conceição Evaristo e a personagem narradora Maria-Nova também são perceptíveis.

A intelectual afirma no texto de apresentação do romance que busca “a voz, a fala de quem conta, para se misturar a minha” (p. 11), podemos observar que a metaficção na obra está na voz em primeira pessoa da personagem narradora e também em outras vozes ao longo do romance.

---

17 Os termos literatura negro-brasileira e literatura afro-brasileira são desenvolvidos por diferentes teóricas(os), Maria Nazareth Soares, Fonseca, Zilá Bernd, Domicio Proença Filho, Luiz Silva (Cutí), Eduardo de Assis Duarte, Edimilson de Almeida Pereira entre outras(os).

Samira Chalhoub afirma que “a função metalinguística pode ser percebida quando, numa mensagem é o fator código que se faz referente, que é apontado” (CHALHUB, 1986, p. 27). Em *Becos da Memória* a narradora afirma

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos da minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, à D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à D. Maria, mãe do Aníbal, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donna do Padin. (EVARISTO, 2017, p. 17)

O romance *Becos da memória* é uma narrativa entretecida em *narrar* (sobre outras e outros) e *narrar-se*, a personagem Maria-Nova é a responsável por recuperar as vozes de mulheres e homens e narrar suas histórias.

Maria-Nova afirma que narraria essa história que “era de cada um e de todos”, as recordações individuais propiciam a recuperação da memória coletiva, o ato político de resistência e denúncia ao registrar com palavras a vivência de si mesma e dos seus.

Vanda Machado no texto *Tradição oral e vida africana e afro-brasileira*, afirma que “A Tradição Oral é a grande escola da maioria dos povos africanos” (MACHADO, 2006, p. 79). Em *Becos da Memória* essa tradição oral acontece para descortinar e (re)posicionar a humanidade de negras e negros que em outros textos aparecem apagados/silenciados e/ou estereotipados, a narrativa do romance desconstrói imagens estereotípicas que estão marcadas tanto na ficção literária como em livros de História e nas mídias em geral.

Walter Benjamin afirma que “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1996, p. 198). Nesse sentido, o texto em *Becos da Memória* ainda que obedeça às normas vigentes da língua portuguesa na escrita, carregam as marcas da oralidade que aproximam as(os) leitoras(es) dessas diversas vozes que contam suas vidas cotidianas e suas memórias.

O compromisso com a escrita, a arte de narrar a que se propõe a personagem Maria-Nova, é uma homenagem aos seus, como ela registra nas primeiras páginas, impulsionada pelas memórias que viveu e também pelas infindáveis histórias que escutou das pessoas idosas. É perceptível o desejo da protagonista de também contar-se, ela não é simplesmente a

porta-voz de sua comunidade, ela tem a autonomia de falar por si mesma, a jovem se inscreve como herdeira das tradições orais das culturas afro-brasileiras.

A certeza do compromisso de *viver, narrar e narra-se* por parte da personagem Maria-Nova é colocada por um narrador que ao descrever a trajetória da jovem nos becos do lar/favela anuncia em tom de profecia

A menina crescia. Crescia violentamente por dentro. Era magra e esguia. Seus ossinhos do ombro ameaçavam furar o vestidinho tão gasto. Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e a fogo. A vida não brincava com ela nem ela brincava com a vida. Ela tão nova e já vivia mesmo. Muita coisa, nada ainda, talvez ela tivesse definido. Sabia, porém, que aquela dor toda não era só sua. Era impossível carregar anos e anos tudo aquilo sobre os ombros. Sabia de vidas acontecendo no silêncio. Sabia que era preciso pôr tudo para fora, porém como, como? Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e fogo. (EVARISTO, 2017, p.76)

Nesse fragmento o narrador também deixa entrever que as histórias vividas ali estavam sendo observadas e guardadas por Maria-Nova, sobre seus ombros jovens já recaía a responsabilidade de que de alguma forma era preciso mostrar/registrar esses acontecimentos.

A interferência do narrador nesse fragmento poderia ser a incorporação da autora Conceição Evaristo quando lemos as afirmações “sabia que aquela dor toda não era só sua” e também “era impossível carregar anos e anos tudo aquilo sobre os ombros” (p.76), a identidade desse narrador, porém, não é primordial para o desenvolvimento da análise, posto que a própria autora já escreveu sobre esse certo espelhamento entre suas obras e sua vida.

Em entrevista concedida em 2007 a Giselle Araújo, quando trata do espelhamento entre suas obras e sua própria biografia revela que “há uma relação muito grande entre o sujeito autoral com a ficção na literatura afro-brasileira” (EVARISTO<sup>18</sup>, 2007).

Conceição Evaristo em sua tese de doutorado explica e poetiza sobre o poder da literatura e da palavra realizada por povos colonizados afirmando que

Recordar é preciso. Ficcionalizar também. A literatura, como uma agulha mágica nas mãos dos povos colonizados, surge, retecendo fios esgarçados de um tecido antigo e roto, pano de fundo de um passado. Fendas, espaços lacunares, fuligem do tempo são preenchidos por uma poética da lembrança. Busca-se o esquecido. A literatura pode, também, ser a voz e a letra do presente, mover-se entre *o aqui* e *o agora*, retendo o atual, poetizando o *instante-já*. E ainda, porque a ficção muito pode

---

18 **Entrevista com Conceição Evaristo.** En Publicacion: Boletín PPCOR nº31. LPP, Laboratório de Políticas Públicas, UERJ: Brasil. Abril-Maio 2007. Disponível em <http://nossaescrivencia.blogspot.com/2012/08/programa-politica-da-cor-boletim-n-31.html>

anunciar profética e poeticamente o futuro, imaginando *o vir a ser*. (EVARISTO, 2011, p.55 – destaques da autora)

A arte de narrar realizada em *Becos da Memória* cumpre o que a romancista afirma em seu texto na tese de doutorado, “recordar é preciso”, na narrativa ao contar *o instante já* do processo de desfavelamento, com a arte da palavra literária vai recuperando memórias, por meio das diversas vozes e do compromisso de Maria-Nova, em quem essa necessidade/destino se cumpre, *retecendo* vidas, afetos e denúncias, preenchendo dessa maneira as lacunas que a mente poderia apagar. A ficção em *Becos da Memória* anuncia profeticamente o destino da jovem Maria-Nova.

No romance evaristiano se realiza o que Vanda Machado afirma em seu texto *Compreendendo a história oral como fonte da História*

É a palavra que diz o que é, sendo o que diz. A palavra é um bem. A fala é vida, é ação. É sopro que transforma. A fala faz acontecer o que preexiste em potência em cada movimento do universo. No universo africano tudo fala, e pela palavra tudo ganha força, forma e sentido, e orientação para a vida. (MACHADO, 2006, p.80)

A personagem Maria-Nova como predestinada a narrar/a contar é colocada a partir do que Tio Tatão também lhe diz, na verdade, a jovem revela que o tio pressagiara seu destino “quase como se estivesse dando uma ordem”

Menina, o mundo, a vida, tudo está aí! Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, se libertam na vida de cada um de nós, que consegue viver, que consegue se realizar. A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos. (EVARISTO, 2017, p.111)

A personagem cumpre/realiza a tarefa de ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos, colhe as histórias contadas/narradas pelos seus e por toda(os) as/os demais de seu lar/favela, a personagem tão jovem absorve as dores ouvidas, vistas e sentidas com o próprio coração, por isso, também precisa expurgar toda essa vivência que não foi só sua, ela também necessita contar-se, para que possa registrar o que vivenciou

Maria-Nova andava em dias de grande banzo. Tristeza por tudo, por fatos recentes e passados. Tristeza dos fatos que ela testemunhara e por fatos que ouvira. O peito, o coração da menina estava inchado de dor. Era preciso segurar a lágrima e ensaiar o riso. Saía um sorriso molhado dos olhos úmidos. Como e quando acabaria aquilo

tudo? Por que um lugar tão triste, uma vida tão desesperada e a gente se apegando tanto? A favela já estava com vazios imensos, áreas sem barracões, e muitos becos já tinha desaparecido. (EVARISTO, 2017, p. 128)

Nesse fragmento, percebe-se como a personagem ainda tão jovem já assume um desejo de ser forte, o texto evaristiano nesse fragmento se inscreve como ato político de denúncia ao demonstrar que para as jovens negras, a proteção, o cuidado são negados, desde muito jovem já aprendemos a “segurar a lágrima e ensaiar o riso” (p. 128), o tempo de permitir-se o choro em outro momento é chegado, pois jovens, mulheres negras também sentem/amam/sofrem e o texto evaristiano vai apresentar também essa possibilidade de vida com direito a vivenciar todos os sentimentos que nos pertencem.

A oportunidade de liberdade é vivenciada pela jovem narradora ao acompanhar o tio. Esse momento acontece quando homens da comunidade, que nunca tiveram a oportunidade de serem crianças, resolvem dirigir tratores; o barulho, a destruição causada pela perda de controle da máquina, são o estopim para permitir-se rolar o pranto

As dores-lágrimas lavaram a face de Tio Totó pela primeira vez, quando naquela noite os carrinhos-trator dos homens-vadios-meninos se beijaram mortalmente. E depois disto Tio-Totó chorava sempre. Às vezes calado, às vezes em soluço. [...] A menina se aproximava, na tentativa de consolá-lo, abraçando o velho. E sem pudor, sem orgulho algum, sem vergonha de serem vistos, os dois libertavam o pranto. Tio Totó chorava por toda as dores juntas. Era um choro nervoso, desesperado. A dor ficara muito tempo, muitos anos estancada no peito. (EVARISTO, 2017, p. 130)

Nesse fragmento, o texto evaristiano desconstrói dois estereótipos, tanto o estereótipo da mulher negra forte que aguenta tudo/que não chora, como desfaz também o estereótipo de masculinidade forte/rude/insensível/durona. Maria-Nova e Tio Totó finalmente se permitem ao ato político do pranto.

Em depoimento realizado em 2008, Conceição Evaristo quando aborda a temática da reivindicação afirma que “a gente não deve esquecer o passado, pois ainda precisamos exorcizar essa nossa dor” (EVARISTO<sup>19</sup>, 2005). Em *Becos da memória* as reivindicações são colocadas não somente a partir das memórias de Maria-Nova como também a partir das memórias e vozes de outras personagens femininas e masculinas.

---

19 Conceição Evaristo. Depoimento: **Da Grafia-Desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Disponível em: <https://nossaescrivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>

Cabe salientar que o romance *Becos da Memória* não é composto apenas de denúncia, de dores e de pranto, Adriana Soares de Souza em sua dissertação de mestrado recupera o texto *Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira* de Conceição de Evaristo em que ela afirma que “a literatura negra não é feita só de banzo, para isso o samba existe. O corpo esteve escravo, mas houve e sempre há a esperança de quilombo” (EVARISTO<sup>20</sup>, 2010, - destaque nosso).

Os *becos* das *memórias* de Maria-Nova também recuperam as alegrias e a solidariedade vivenciadas por seus habitantes, assim como, os sonhos/os desejos de futuro:

Havia meninas virgens na favela que sonhavam com o príncipe encantado. Havia casamentos, festas, vestidos de noiva e lançamento do buquê para o ar. Havia barracões de madeira e zinco, que o noivo cuidadosamente preparava para sua eleita. Havia sonhos que não cabiam em barracos (EVARISTO, 2017, p.120).

Conceição Evaristo revela suas concepções sobre literatura negro-brasileiro e/ou afro-brasileira em entrevista concedida a Aline Arruda em 2007, a romancista quando trata da arte da escrita, evoca a personagem Ponciá de seu romance Ponciá Vicêncio e compara sua forma de construir a arte literária revelando que “quando construo o texto e trabalho as palavras, é como Ponciá trabalha o barro. Aquele cuidado dela é como o que a escritora tem a feitura do texto” (EVARISTO<sup>21</sup>, 2007a).

Nessa entrevista, a romancista afirma ainda que literatura afro-brasileira “é uma produção literária nascida da experiência de vida do sujeito negro na sociedade brasileira. Refiro-me agora às palavras de Eduardo de Assis Duarte e de Cuti quando dizem que essa experiência negra se apresenta no texto de maneira consciente ou inconsciente” (EVARISTO, 2007a).

A arte de narrar e narrar-se, portanto, se dá não somente com o trabalho da palavra escrita como também um compromisso em (re)escrever essas vidas.

Conceição Evaristo quando indagada sobre a invisibilidade de negras e negros, aponta que “me arriscaria a dizer que nesse sentido não pesa uma invisibilidade sobre o negro, mas sim estereotipia” e afirma que a “literatura brasileira está repleta de personagens negras, tanto

---

20 Conceição Evaristo. Ensaio: **Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira**. Disponível em [bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/evarist.rtf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/evarist.rtf)

21 Arruda, Aline. Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo: um bildungsroman feminino e negro. Dissertação de mestrado (UFMG), Belo Horizonte, 2007. **Entrevista com Conceição Evaristo concedida a Aline Arruda (2007a)** Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-76RF2H/aline\\_alves\\_arruda\\_texto.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-76RF2H/aline_alves_arruda_texto.pdf?sequence=1)

no verso, como na prosa” e reafirma “o que há é uma estereotipia do negro nos textos literários”<sup>22</sup> (EVARISTO, 2007b.)

A escolha, em *Becos da Memória*, portanto é de iniciar o romance (re)posicionando uma personagem negra feminina desde a primeira página. A obra se inicia com a descrição de desta personagem que depois descobrimos ser uma das líderes da comunidade: “Vó Rita era boa, gostava muito dela e de todos nós.”, em seguida vem outra informação “Talvez ela só pudesse contar com o amor de Vó Rita, pois de nossa parte, ela só contava com o nosso medo, com o nosso pavor” (p.15).

É a partir desta perspectiva que o romance é iniciado revelando esse amor que a personagem Vó Rita demonstra por uma outra mulher, uma personagem que não é nomeada, ao longo de toda a obra essa outra personagem é referenciada como *Outra/Ela*. A personagem narradora afirma “Vó Rita era a única que a conhecia toda. Vó Rita dormia embolada com ela” (p. 15).

A jovem narradora tem curiosidade sobre essa personagem, uma atitude própria da meninice em descobrir o que se esconde, “naquela época, eu menina, minha curiosidade ardia diante de tudo. A curiosidade de ver todo o corpo dela, de olhá-la todinha. Eu queria poder vasculhar com os olhos a sua imagem, mas ela percebia e fugia sempre.” (p.16).

O texto de Conceição Evaristo como afirma Elisângela Lana Costa “propõe, através da memória, discutir a identidade negra no nosso cotidiano, tentando abordar o ser e o estar no mundo como negro, as vivências precárias de um grupo para que o leitor reflita sobre elas” (COSTA, 2014, p. 10). Esse contar da narradora é realizado por meio de uma escrita que desde a primeira página do romance posiciona personagens femininas negras como centralizadoras do protagonismo, os homens também possuem voz na narrativa, porém é perceptível o enfoque maior nas vivências femininas.

A narrativa se inicia e termina com a personagem Vó Rita, uma mulher forte e amorosa com a comunidade, uma idosa respeitada por todas e todos na favela, é descrita da seguinte forma “Lá estava ela, velha, mais de 70, de 80 talvez. Vó Rita era imensa. Gorda e Alta. Tinha um vozeirão. Todo mundo sabia quando ela estava para chegar. Vivia falando.

---

22 **Entrevista com Conceição Evaristo.** En Publicacion: Boletín PPCOR nº31. LPP, Laboratório de Políticas Públicas, UERJ: Brasil. Abril-Maio 2007. (2007b) Disponível em <http://nossaescrivencia.blogspot.com/2012/08/programa-politica-da-cor-boletim-n-31.html>

Nunca vi Vó Rita calada. Se não conversava, cantava. Boca fechada não entra mosquito, mas não cabem risos e sorrisos” (p.27).

A afetividade com que é descrita Vó Rita perpassa todo o romance, ao utilizar os adjetivos “gorda”, “alta”, “imensa” a personagem-escritora Maria Nova subverte os sentidos pejorativo que tais vocábulos carregam atualmente, o dito popular “boca fechada não entra mosquito” é ampliado para incluir o riso/sorriso, nessa e em outras construções da linguagem, percebemos a mistura de um discurso formal entrelaçado com provérbios e ditos populares, dando as(os) leitoras(es) a impressão de uma conversa presencial / um *tête-à-tête* com a narradora.

A autora Conceição Evaristo revela que “na base, no fundamento da narrativa de *Becos da Memória* está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever *Becos* foi perseguir uma *escrevivência*. Por isso também busco a primeira narração, a que veio antes da escrita” (EVARISTO, 2017a, p.11).

A arte de contar e contar-se em *Becos da Memória* demonstra os deslocamentos dos lugares de subalternidade que comumente é visto na literatura e nas mídias em geral. Importa na narrativa demonstrar que não são essas as experiências das mulheres negras, pelo contrário, a vida em diáspora<sup>23</sup> dos sujeitos negros e negras é repleta de resistência/lutas/protagonismo para seguir vivendo. Esse recontar reafirma o que a romancista já tinha escrito em sua tese de doutorado: “todo indivíduo e toda coletividade têm direito ao seu auto-pronunciamento, têm direito de contar/cantar a sua própria história” (EVARISTO, 2011, p.08).

Adriana Soares de Souza quando traça a trajetória das diferenças entre o que se produziu sobre o povo negro e o que literatura afro-brasileira realiza afirma que “nessa perspectiva, evidencia uma *autorrepresentação* de si e dos seus, de um novo perfil do negro, de tudo que antes fora dito para e sobre o negro – deste que antes era objeto de uma escritura e agora se torna sujeito dela, construindo uma nova identidade, sobretudo, literária” (SOUZA, 2011, p.11).

Concordamos com a pesquisadora posto que é a partir dessa voz autoral que deseja contar e contar-se que a voz de Maria-Nova acompanhada de tantas outras vozes se faz ouvir ao longo de *Becos da Memória*, e reafirmamos aqui as palavras de Adriana Soares de Souza

---

23 Diáspora é uma palavra usualmente utilizada para designar povos que foram arrancados forçadamente de seus territórios ou ainda povos que saíram por vontade própria em busca de melhores formas de vida. Para Stuart Hall são pessoas “que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal” (HALL, 2006, p.88 – destaque do autor)

quando ressalta que “São histórias que só as mãos negras podem recuperar, pois nada mais justo do que escrever de si e dos seus. Escavando com as suas próprias mãos, revirando a terra, vasculhado, palmo a palmo, a sua história” (p. 11).

Ao recuperar os nomes, as profissões e as vozes que vieram antes de sua escrita, a personagem do mesmo modo recupera sua própria memória em meio às vozes das demais personagens, a voz da própria personagem Maria-Nova se faz ouvir “Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela” (EVARISTO, 2017a, p, 17).

Essa afirmação revela como as memórias ficaram amontoadas dentro dela, o ato de escrever, portanto podendo funcionar como ordenamento/organização dessas histórias/memórias e conseqüentemente dando “uma nova autoria, assim como outra interpretação da história a um relato que, anteriormente, só trazia o selo do colonizador” (EVARISTO, 2011, p. 08), afirmação que faz em sua tese de doutorado em que trabalha com os textos poéticos de Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira, brasileiros e de Agostinho Neto angolano.

A narrativa em *Becos da Memória* traz o saber sobre o passado, reconstrói vivências e também apresenta a vida no seu cotidiano presente, o espelhamento entre a personagem Maria-Nova e a autora Conceição Evaristo, ou seja a identidade da narradora Maria-Nova e a identidade de Conceição Evaristo pode ser notada/percebida pelas(os) leitoras(es), porém a intelectual já afirmou em textos e entrevista que a obra não é uma autobiografia “busquei a escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade” (2017a, p. 11), e ao explicar o conceito *escrevivência* ela afirma

Também já afirmei que invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em *Becos da Memória* é mentira. (...) E continuo afirmando que a favela descrita em *Becos da Memória* acabou e acabou. Hoje as favelas produzem outras narrativas, provocam outros testemunhos e inspiram outras ficções. (EVARISTO, 2017a, p.12 – destaques da autora)

Conceição Evaristo ao criar o conceito *escrevivência* mostra na trama de suas obras essa *escrita* que narra *vivências* e também explica e explicita em ensaios e entrevistas o que é esse conceito, na trama de *Becos da Memória* a personagem narradora Maria-Nova observa a trajetória da vida colhendo e guardando as histórias contadas pelos seus, a personagem

masculina nomeada como Bondade é quem cumpre o papel de um interlocutor com profunda afinidade com a jovem menina. Um narrador onisciente revela que “Maria-Nova queria sempre histórias e mais histórias para sua coleção. Um sentimento, às vezes, lhe vinha. Ela haveria de recontá-las um dia, ainda não se sabia como. Era muita coisa para se guardar dentro de um peito só” (EVARISTO, 2017, p. 37). Esse desejo de narrar é demonstrado ao longo do romance.

A ação de leitura na obra também é colocada como parte dos processos de cura, de expurgar dores, a personagem Tio-Totó, em um de seus relatos para a sobrinha Maria-Nova após recordar a perda das duas primeiras esposas, revela que

- Nas andanças de lá para cá, consegui um punhado de almanaque. Li todos, foi o tempo em que eu mais li. Tinha dor na cabeça e nas vistas de tanto ler. Quando acabei a leitura de todos, havia aprendido alguma coisa. Senti que lia melhor. A leitura já não me dava tanto trabalho. Eu já não precisava mais juntar letra por letra, havia palavras que eu lia no primeiro olhar. Um dia li em voz alta para mim mesmo e senti que quase não gaguejava mais. Passei, então, a copiar tudo que eu gostava num caderno e veja isto aqui. Estas palavras riscadas embaixo: *Os sonhos dão para o almoço, para o jantar; nunca.* [...] Fiquei embatucado com aquele dizer. Primeiro pensei que era sonho (doce, daquele tão gostoso que sua Tia Maria-Velha faz) e fiquei matutando, matutando... Ora entendia, ora não entendia. (EVARISTO, 2017, p. 49,50 – grifos da edição)

Nesse fragmento, que revela a ação terapêutica da leitura, a romancista afirma em entrevista realizada que “a arte dá a possibilidade de viver no meio de tudo sem enlouquecer de vez. Ela permite suportar o mundo. O ser humano tem essa necessidade” (EVARISTO<sup>24</sup>, 2007). Em *Becos da Memória* essa necessidade é sua ação terapêutica é demonstrada em vários fragmentos, como o que foi citado acima.

O ato de ler como fuga das dores é também embutido de poesia e denuncia no romance ao revelar que a personagem aprende a ler sozinha, “juntando letra por letra. A democratização do ensino passava e ainda passa longe de grande parte da população, o “mérito” de aprender a ler sozinho confirma a regra estruturante do racismo e da desigualdade social.

Ao narrar as dores da perda da família na voz da personagem negra e idosa, Tio-Totó sua sobrinha Maria-Nova lhe dá direito a mostrar-se frágil pelo luto e ao mesmo tempo em

---

24 Arruda, Aline. Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo: um bildungsroman feminino e negro. Dissertação de mestrado (UFMG), Belo Horizonte, 2007. **Entrevista com Conceição Evaristo concedida a Aline Arruda (2007)** Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-76RF2H/aline\\_alves\\_arruda\\_texto.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-76RF2H/aline_alves_arruda_texto.pdf?sequence=1)

que o ato de leitura é preenchido como processo terapêutico, no fragmento selecionado, fica demonstrado que pessoas negras também sofrem.

Conceição Evaristo no depoimento *Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita* (2005). Afirma que “se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida”.

Nesse depoimento em que revela a trajetória de sua escrita e de outras mulheres negras, a romancista assinala que ler e escrever também funcionam como atividades terapêuticas, “em nossa fala, em nossa escrita, há muito fazer - dizer, há muito de palavra - ação. Falamos para exorcizar o passado, arrumar o presente e predizer a imagem de um futuro que queremos”, a leitura e a escrita ao longo do romance vão se apresentando como processos terapêuticos de *refazer* e de *exorcizar* o passado.

A escrita também é ato de poder, o crítico e escritor negro-brasileiro CUTI (Luiz Silva) em seu livro *Literatura Negro-brasileira* (2010) postula que Literatura “é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação” (p.12) quando analisa o racismo na sociedade e como ele se reflete na literatura, o crítico mostra que “certa mordaza em torno da questão racial brasileira vem sendo rasgada por seguidas gerações” (p.13), e salienta que “os autores nacionais, principalmente os negro-brasileiros, lançaram-se a esse empenho, não por ouvir dizer, mas por sentir, por terem experimentado a discriminação em seu aprendizado” (CUTI, 2010, p.13).

O mito da democracia racial e da igualdade de direitos na sociedade brasileira é desvelado ao longo desse *narrar e narrar-se* empreendido pela personagem Maria-Nova, que toma o poder da palavra e com sua escrita vai reconstruindo de maneira positivada o ser/ver mulheres e homens negros não só na literatura como na vida fora da ficção.

Conceição Evaristo utiliza a expressão “ato político de escrever” ao contar o seu percurso como escritora explicita seu pertencimento quanto à raça e gênero e as implicações que esta realidade gera na publicação/divulgação/distribuição de suas obras:

Se para algumas mulheres o ato de escrever está imbuído de um sentido político, enquanto afirmação de autoria de mulheres diante da grande presença de escritores homens liderando numericamente o campo das publicações literárias, para outras, esse sentido é redobrado. **O ato político de escrever** vem acrescido do ato político de publicar, uma vez que, para algumas, a oportunidade de publicação, o reconhecimento de suas escritas, e os entraves a ser vencidos, não se localizam apenas na condição de a autora ser inédita ou desconhecida. Não só a condição de gênero vai interferir nas oportunidades de publicação e na invisibilidade da autoria

dessas mulheres, mas também a condição étnica e social. (EVARISTO, 2017b, p. 11 – 12, grifo nosso).

Nessa afirmação a poeta, ensaísta e romancista negra brasileira reconhece que escritoras não negras ainda vivenciam a experiência da hierarquia do patriarcado, porém chama atenção para outras hierarquias e desigualdades impostas às mulheres negras e pobres, as quais se destacam as exclusões de raça e classe.

No livro intitulado *Introdução à Literatura Negra*, a autora Zilá Bernd afirma que “no que concerne à literatura negra, sua característica maior talvez seja aquela ligada aos procedimentos de (re)nomeação do mundo circundante. Ora, nomear equivale a tomar posse do que foi nomeado” (BERND, 1988, p.20). Nesse sentido, as produções de escritoras(es) negras e negros tomam posse do que já é nosso, ou seja, são obras que dão vida e existência conforme é a realidade que vivenciamos e a que sonhamos também.

A classe social das personagens também é informada no início da obra pela voz da personagem Maria-Nova em um tempo cronológico de vida já adulta “hoje a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado!” (EVARISTO, 2017a, p.17).

Essa informação, outra vez permite as(os) leitoras(es) perceberem que cabe a personagem Maria-Nova recuperar e selecionar o que deve ser contado/narrado, e ela escolhe ao narrar, também denunciar, não pode simplesmente narrar as vidas vividas, é preciso registrar/denunciar por isso a escolha do adjetivo “miserável”.

A escrita literária como possibilidade de união entre realidade e ficção é abordada por Conceição Evaristo ao comentar sobre o enredo do romance afirma que “Tenho dito que *Becos da Memória* é uma criação que pode ser lida como ficções da memória. E como memória esquece, surge a necessidade da invenção” (EVARISTO, 2017a, p. 10).

Tomamos as palavras da própria Conceição Evaristo quando ela deslinda o conceito “*escrivência*” explanando sobre as questões relacionadas à vivência – o que existe de fictício e o que pode acontecer de verdade, a arte que imita a vida – a produção de uma literatura comprometida em narrar a vivência do povo negro. Ao escrever sobre a construção do romance *Becos da memória* Conceição Evaristo destaca que:

nada que está narrado em *Becos da memória* é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever *Becos*

foi perseguir uma *escrevivência*. Por isso também busco a primeira narração, a que veio antes da escrita. Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha. (EVARISTO, 2017a, p.11 – grifos da autora)

Nessa declaração, a romancista descreve que "*escrevivência*" é escrever a vivência, a experiência da vida sua e dos seus, porém deixa explícito que a obra não é uma autobiografia. Conceição Evaristo no texto sobre a construção do romance *Becos da memória* faz a seguinte declaração:

Quanto à parencença de Maria-Nova, comigo, no tempo do meu eu-menina, deixo a charada para quem nos ler resolver. Insinuo, apenas, que a literatura marcada por uma *escreveviência* pode con(fundir) a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. Esta con(fusão) não me constrange. (EVARISTO, 2017a, p.12 – grifos da autora)

Para dar conta deste projeto de *escrevivência*, em *Becos da Memória*, cabe a personagem Maria-Nova o papel de narrar e também ser protagonista, à jovem compete a função de contar o que viveu e também o que ouviu sobre a História dos seus. História com maiúscula porque o romance *Becos da Memória*, cumpre a tarefa de narrar fatos sob uma perspectiva que geralmente a história oficial omite/se recusa a registrar.

A crítica, professora e escritora Nilma Lino Gomes afirma que a escrita como forma de re(escrever) a história oficial se dá por meio da memória, uma re(escrita) por meio de uma "Memória Social" realizada nas publicações de intelectuais negros(as) que não possuem um "olhar distanciado e neutro sobre o fenômeno do racismo e das desigualdades raciais, mas sim, uma análise e leitura crítica de alguém que os vivencia na sua trajetória pessoal e coletiva" (GOMES, 2010, p.496) apud (SALGUEIRO, 2016, p. 14).

O procedimento de rever, (re)contar e reescrever a história brasileira é encaminhado com extrema crítica pela personagem narradora-protagonista Maria-Nova, em uma das aulas no colégio a jovem faz relações entre o conteúdo e terminologias dos livros que tratam da história oficial e as terminologias utilizadas no período histórico em que ela, seus familiares e amigos estão vivendo:

Duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito. *Senzala-favela*. Nesta época, ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar a professora. Queria citar, **como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava**. Ia abrir a boca, olhou a turma e a professora. Procurou mais alguém que pudesse sustentar a ideia, viu a única colega negra que tinha na classe. Olhou a menina, porém ela escutava a lição tão alheia como se o tema escravidão nada

tivesse a ver com ela. Sentiu certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras, e, a mesmo assim, tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. Senzala-favela, senzala-favela! (EVARISTO, 2017a, p. 73, grifo nosso)

Neste fragmento, a narradora-protagonista demonstra às(aos) leitoras(es) a crítica e comparação dos termos casa-grande versus bairro nobre, ao fazer a relação temporal quanto a *Senzala* de outrora com a *Favela* do agora. Maria-Nova se dá conta da falta de interlocução para dialogar sobre o processo escravocrata e novamente apresenta uma visão crítica sobre a realidade da educação escolar, dada a exclusão de estudantes negras e negros. Além disso percebe que a única colega negra não concebe o tema da escravidão como parte de sua própria História.

Nesse momento em que não se dá uma interlocução com a colega negra, ocorre um auto silenciamento provocado pelas condições estabelecidas naquela sala de aula. Mais à frente no romance, a personagem se conscientiza que pode falar por meio do registro escrito onde exercerá seu direito de voz.

A personagem Maria-Nova persegue seu destino como narradora. Em vários momentos essa promessa de narrar não está ainda bem delineada, porém é perceptível o desejo de ser criadora de outros mundos possíveis, ela reflete e seus pensamentos são revelados pelo narrador “É impossível que tudo acabe assim, pensou a menina, Vida. É preciso, não sei como, arrumar, uma nova vida para todos” (EVARISTO, 2017, p. 136). Em outro fragmento o narrador retrata esse desejo/compromisso da jovem por narrar-se

iria adiante como ele. Sim, ela iria adiante. Um dia, agora ela já sabia qual seria sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo. (Conceição Evaristo, 2017, p. 177)

A escrita como ferramenta para fazer soar/soltar vozes em *Becos da Memória* cumpre o papel transformador, pois essas vozes vão demonstrando a humanidade de mulheres e homens, pois a romancista afirma que “não esquecer impulsiona você a cobrar, porque nada que a sociedade está nos oferecendo é de graça. Então vale lembrar o passado” (EVARISTO, 2006 apud NASCIMENTO, 2014, p. 228).

## 2.2 Norma: disputas em narrar e narrar-se

O romance *La hora violeta* desde a primeira página apresenta vozes de mulheres e documentos (notas, carta, diário) produzidos também por mãos femininas, ao tempo em que se apresenta reflexões sobre a história e literatura, se percebe o espelhamento entre a autora Montserrat Roig e a personagem narradora Norma, é visível o debate das disputas sobre o que precisa/deve ser narrado/registrado.

No primeiro capítulo “Primavera de 1979”, a voz em primeira pessoa da personagem Norma aparece no primeiro parágrafo “Un día, Natàlia me dio algunas notas que había escrito sobre su tía, Patricia Miralpeix, y también algunas cartas de Kati y el Diario de Judit Flécher, su madre. No es que Judit hubiera escrito un Diario; mas bien se trataba de unos papeles dispersos en los que ella ponía fecha.” (p. 13).<sup>25</sup> Nesse início se pode notar que a narrativa se trata de contar/narrar sobre a vida de mulheres, esse curto capítulo funciona como uma apresentação/introdução ao romance que está sendo escrito.

Quando trata da enunciação em primeira pessoa no romance, Rosa Rossi no texto *Instrumentos y Códigos. La mujer y la diferencia sexual* afirma que “es en la enunciación, donde se abre el camino a la subjetividad”, para ela o “texto narrativo en primera persona siempre será enunciado por una voz que necesariamente será sexuada”<sup>26</sup>, essas vozes sexualizadas como femininas no romance *La hora violeta* é a voz de Norma e das demais mulheres que se inscrevem na narrativa e de onde podemos apreender as vivências e subjetividades vividas no contexto catalão porque “es en el plano de la dinámica entre lenguaje y subjetividad que se abre el primer nivel de la sexuación del lenguaje literario, un carácter marcadamente sexuado” (ROSSI, 2011, p.16, 18).<sup>27</sup>

Esse discurso marcadamente sexualizado pela voz feminina de Norma, nos dá conta de que seu ofício é a escrita, quando revela que não está muito seduzida para escrever sobre as mulheres que a amiga Natàlia havia solicitado “yo había terminado un largo libro sobre los

---

25 Um dia, Natàlia me deu algumas notas que sua tia Patricia Miralpeix, e também algumas cartas de Kati e o diário de Judit Flécher, sua mãe. Não que Judit houvesse escrito um diário; se tratava mesmo de uns papéis dispersos nos quais ela colocava data. (Tradução nossa)

26 O texto narrativo em primeira pessoa será sempre enunciado por uma voz que necessariamente será sexualizada. (Tradução nossa)

27 É no plano da dinâmica entre linguagem e subjetividade que se abre o primeiro nível de sexualização da linguagem literária com carácter marcadamente sexualizado. (Tradução nossa)

catalanes en los campos nazis, y la verdad es que no me habían quedado ganas de remover el pasado. La historia de la deportación me dejó enferma y escéptica”<sup>28</sup>(ROIG, 1987, p. 13).

Essa informação sobre o término do livro sobre “los catalanes en los campos nazis” torna nítido o espelhamento entre a personagem narradora Norma e a autora Montserrat Roig, posto que a escritora catalã publicou em 1977 um livro intitulado *Noche y Niebla Los Catalanes en los campos nazis*, pra realizar essa obra a romancista realizou pesquisas e entrevistas com as/os sobreviventes dos campos de concentração nazistas.

Myriam Diás-Diocaretz quando trata da consciência orientada socialmente pelo sujeito que fala/que narra aponta que “la consciencia estratégica de las mujeres consiste en una actitud responsiva desde la dicotomía masculino/femenino, a menudo ignorada por los escritores”<sup>29</sup> ela revela ainda que “la estrategia de la producción de la mujer genera una correspondencia entre el mundo representado y la realidad empírica, inscrita en el mundo del hablante”<sup>30</sup>(DIÁS-DIOCARETZ, 2011, p. 98).

No romance *La hora violeta* essa realização do mundo representado e sua correspondência com o mundo do falante ocorre na narrativa desde o início, quando a personagem demonstra a intenção de uma escrita literária comprometida, além de revelar a capacidade da narradora em se solidarizar com as vítimas do nazismo, ela utiliza os adjetivos *enferma y escéptica* para demonstrar como ficou doente e cética. Criar o romance incluindo uma escritora como personagem, segundo Myriam Diás-Diocaretz é mais do que

la afirmación del sujeto hablante, se convierte en lugar de perspectiva en cuanto matriz dinámica de la composición; se convierte en vehículo de expresión de identidad en el terreno individual, y en el ángulo desde el cual se construye el punto de vista valorativo. En este sentido, la visión del mundo de la mujer, distinta a la patriarcal, exige que se incluya la importante correlación de las características textuales y la inscripción a nivel metatextual de la mujer como escritora<sup>31</sup>(DIÁS-DIOCARETZ, 2011, p. 98)

---

28 Eu tinha terminado um longo livro sobre os catalães nos campos de concentração nazistas, e na verdade não tinha nenhuma vontade de remexer o passado. A história da deportação me deixou doente e cética. (Tradução nossa)

29 A consciência estratégica das mulheres consiste em uma atitude reativa à dicotomia masculino/feminino, frequentemente ignorada pelos escritores. (Tradução nossa)

30 A estratégia da produção da mulher gera uma correspondência entre o mundo representado e a realidade empírica, inscrita no mundo do falante. (Tradução nossa)

31 A afirmação do sujeito falante, torna-se perspectiva como matriz dinâmica da composição; se transforma em veículo de expressão de identidade no terreno individual e no ângulo a partir do qual se constrói o ponto de vista valorativo. Neste sentido, a visão de mundo da mulher, diferente do patriarcal, exige que se inclua a importante correlação das características textuais e a a inscrição em nível metatextual da mulher como escritora. (Tradução nossa)

Christina Duplàa (1996) afirma que a personagem Norma é “una clara máscara de la autora” porque apresenta as reflexões que Montserrat Roig também fazia em suas demais produções escritas, a crítica revela que a romancista catalã seguia “el modelo teórico y analítico de crítica latinoamericana” (p. 47), e podemos perceber que no romance, a personagem Norma do mesmo modo que sua criadora, também demonstra o desejo e a realização de um projeto roigueano de “dar la voz a quienes no la han tenido”<sup>32</sup> o projeto da romancista apontado por Christina Duplàa é o que permite que Montserrat Roig “desarrollar un discuso en el que ella, como mediadora, se enfrenta al juego historia/ficción seleccionando e interpretando los hechos del pasado desde la perspectiva del presente”<sup>33</sup> (p.47). Esse desenvolvimento de um discurso em que a escrita requer seleção e interpretação do passado e o registro escrito faz um jogo entre história e ficção está latente nas reflexões que a personagem Norma apresenta aos leitores(as).

A intelectual Montserrat Roig e a personagem Norma que figura como seu espelho possuem uma escrita comprometida politicamente ao teorizarem e construírem ficções que desvelam as problemáticas e contradições da sociedade em que estão inseridas, realizando o que Michael Foucault apresenta sobre o papel do intelectual,

o intelectual tem uma tripla especificidade: a especificidade de sua posição de classe (pequeno burguês a serviço do capitalismo, intelectual "orgânico" do proletariado); a especificidade de suas condições de vida e de trabalho, ligadas à sua condição de intelectual (seu domínio de pesquisa, seu lugar no laboratório, as exigências políticas a que se submete, ou contra as quais se revolta, na universidade, no hospital, etc.); finalmente, a especificidade da política de verdade nas sociedades contemporâneas. E então que sua posição pode adquirir uma significação geral, que seu combate local ou específico acarreta efeitos, tem implicações que não são somente profissionais ou setoriais. Ele funciona ou luta ao nível geral deste regime de verdade, que é tão essencial para as estruturas e para o funcionamento de nossa sociedade (FOUCAULT, 1998, p.13).

A personagem Norma cumpre o papel de intelectual engajada, ao atuar como narradora-escritora, cabe a ela selecionar, organizar os documentos (cartas, anotações, diários) que sua amiga Natália Miralpeix (fotógrafa) lhe envia por carta, pois recebe a incumbência de escrever um romance sobre as mulheres que produziram esses textos.

---

32 projeto de Roig de dar voz a quem não a teve. (Tradução nossa)

33 Desenvolver um discurso em que ela, como mediadora, enfrenta o jogo história/ficção selecionando e interpretando os fatos do passado a partir da perspectiva do presente. (Tradução nossa)

Essas três personagens femininas, Patrícia Miralpeix, cunhada de Judit Fléchier e a amiga Kati são as três mulheres que vivenciaram a Guerra Civil Espanhola. O que as(os) leitoras(es) vão conhecer sobre elas ao longo da narrativa, são informações registradas nesses papéis (notas, cartas e diário) além é claro do que se contam sobre elas, posto que a personagem Natàlia Miralpeix é filha de Judit e sobrinha de Patrícia, portanto ao recordar fatos de sua vida e de sua família essas duas mulheres são recuperadas também pelas memórias da fotógrafa.

Tais documentos, portanto, servirão de argumento e matéria para o romance que Norma é incumbida pela amiga de escrever. Estas páginas que introduzem as(os) leitoras(es) na narrativa em construção é apontada por Christina Duplãa como “muy importantes para el estudio textual e ideológico del texto”<sup>34</sup> ela justifica a afirmação mostrando que tais documentos revelam “la idea de rescate de una historia escondida, que sólo se transmite a través de la escritura”<sup>35</sup> e acrescenta que essa história está escondida justamente porque “es la historia de las mujeres, la que no es oficial, ni pública, pero real, auténtica y cotidiana”<sup>36</sup> (DUPLÀA, 1996, p. 118).

O debate sobre o que deve ser narrado/registrado já se coloca desde as primeiras páginas do romance, as amigas Norma (personagem – escritora) e Natàlia Miralpeix (fotógrafa) desde esse início da obra conversam sobre seus ofícios (escrita e fotografia) refletindo sobre o que deve ser registrado tanto na escrita como na fotografia, Norma questiona as razões por que escreveria sobre essas mulheres, dizendo *¿qué setores de la sociedad cabe investigar?*, esse questionamento revela mais uma vez o espelhamento entre a autora Montserrat Roig e a personagem narradora, justamente porque o comprometimento com a história que será contada é colocado nas mãos da personagem Norma, quem deterá o controle sobre o que e como será narrado, justamente porque a ela (dentro da ficção) cabe o papel de organizar os documentos e escrever sobre eles.

Na narrativa do romance *La hora violeta*, o jogo de marcar cronologicamente o tempo vai demonstrando que as personagens transitam entre realidade e ficção em um tempo que está demarcado, pela informação colocada no título do capítulo (*Primavera de 1979*), por essa data é possível saber que a sucessão dos acontecimentos narrados, ou seja, a escrita do

---

34 muito importantes para o estudo textual e ideológico do texto. (Tradução nossa)

35 a ideia de resgate de uma história escondida, que se transmite somente através da escritura. (Tradução nossa)

36 é a história das mulheres, a que não é oficial, nem pública, mas real, autêntica e cotidiana. (Tradução nossa)

romance, se dá após dois anos da morte do ditador Francisco Franco Bahamonte, a narrativa porém apresenta um ir e vir de personagens e memórias que abarcam também um passado mais abrangente na história do país e a disputa sobre a narrativa a partir do ponto de vista dos derrotados (los rojos y los republicanos)<sup>37</sup> se torna matéria narrada e de reflexão.

A amiga Natália Miralpeix também apresenta o debate sobre história e literatura quando a fotógrafa afirma “la literatura no es historia. La literatura inventa el pasado basándose en unos cuantos detalles que fueron reales, aunque sólo lo fueron en nuestra mente”<sup>38</sup> (ROIG, 1987, p. 15), a literatura enquanto arte capaz de transitar entre realidade e ficção também é colocada pela fotógrafa como uma arte capaz de “salvar” e (re) posicionar a história das mulheres, quando ela afirma “Todas las mujeres del mundo que se habían perdido o estrellado. Me parecía que era necesario salvar con palabras todo lo que la historia, la Historia grande, es decir la de los hombres, había hecho impreciso, había condenado o idealizado”<sup>39</sup> (ROIG, 1987, p. 20).

Essas reflexões apresentadas pela personagem Natália Mirapeix sobre a literatura registrar a(s) história(s) da(s) mulher(es), bem como, a literatura transitar entre a ficção (sonho) e a realidade, se inscrevem no romance como construções ensaísticas sobre a arte narrativa. Christina Duplãa afirma que “la máscara de Montserrat Roig no sólo está en el personaje de Norma, sino también en el de Natália”<sup>40</sup>, ela aponta que “en realidad el diálogo que a lo largo del texto se establece entre ellas es una reflexión sobre principios ideológicos en los que se debate la propia Montserrat Roig y que bien podían estar escritos em forma de monólogo”<sup>41</sup> (DUPLÀA, 1996, p. 119).

O debate sobre a escrita permeia toda a obra, enquanto Norma ainda está considerando se vai ou não escrever o romance, ela argumenta: “Traté de decirle que Kati y Judit eran personas, no personajes. ¿Para qué recordarlas ahora, cuando había tantos reportajes por

---

37 (os comunistas e os republicanos) (Tradução nossa)

38 a literatura não é história. A literatura inventa o passado baseando-se em muitos detalhes que foram reais, mesmo que tenha sido só em nossa mente (Tradução nossa)

39 Todas as mulheres do mundo que tinham se perdido ou fracassado. Me parecia que era necessário salvar com palavras tudo o que a história, a História grande, quer dizer, a dos homens, tinha tornado imprecisa, tinha condenado ou idealizado. (Tradução nossa)

40 a máscara de Montserrat Roig não está aparece somente na personagem Norma, mas também na personagem Natália. (Tradução nossa)

41 Na realidade o diálogo estabelecido entre elas, ao longo do texto, é uma reflexão sobre princípios ideológicos nos quais se debate a própria Montserrat Roig e que poderiam estar escritos em forma de monólogo. (Tradução nossa)

hacer?”<sup>42</sup> (ROIG, 1987, p.14), essa preocupação sobre quais temas deveriam ou mereceriam ser escritos demonstram mais uma vez seu posicionamento enquanto uma ativista social/política. Assim como Montserrat Roig, a personagem narradora Norma, é construída como romancista e jornalista, atuando na obra como feminista e suas produções como jornalista engajadas na busca por mostrar e transformar a realidade social espanhola/catalã.

Ao utilizar a metaficção na construção do romance *La hora violeta*, essa atividade de criar/selecionar/engendrar a história dessas mulheres é construída como função da personagem *Norma*. Essa forma de construção na obra pode passar a impressão de que a narrativa ficcional é responsabilidade da personagem *Norma* e não da escritora Montserrat Roig como autora do romance.

Daniele Cristina da Silva cita Samira Chalhub ao apontar que “a função metalingüística pode ser percebida quando, numa mensagem é o fator código que se faz referente, que é apontado” (CHALHUB, 1986, p. 27) apud (SILVA, 2012, p. 63) para a pesquisadora no romance *La hora violeta* “é o fator ficção que toma conta do cenário, o que está em jogo é a própria construção literária, portanto, o fio condutor da narrativa é o próprio processo de narrar” (SILVA, 2012, p. 63).

As inquietações estéticas sobre pessoas/personagens enquanto matéria-prima da escrita literária são demonstradas na argumentação de Norma quando ela por fim decide atender o pedido da amiga que leia os papéis:

Una persona tiene más de mil caras... Y ya es bastante si se consigue que, en una novela, salgan tres o cuatro. De todos modos, le prometí a Natàlia que los leería. Ella no esperó mi respuesta y, al día siguiente, la portera me dio una carta que le habían entregado a mano. No se sí fue por la carta de Natàlia, o por los papeles de Judit y Kati, o tal vez por el vacío que me dejó la separación de Ferran, pero lo cierto es que decidí escribir alguna cosa – no sabía qué – sobre Judit y Kati <sup>43</sup> (ROIG,1987, p. 14)

Ao decidir escrever sobre “Judit y Kati” a personagem também se inscreve na narrativa, pois revela nesse início do romance como se sentia vazia após a separação do

---

42 Tentei argumentar que Kati e Judit eram pessoas, não personagens. Para que lembrar delas agora, quando tinha tantas reportagens pra fazer? (Tradução nossa)

43 Uma pessoa tem mais de mil caras... E já é muito se conseguir que, em um romance saia três ou quatro. De qualquer forma, prometí a Natàlia que os leria. Ela não esperou minha resposta e, no dia seguinte, a porteira me deu uma carta que lhe entregaram em mãos. Não sei se foi pela carta de Natàlia, ou pelos papéis de Judit e Kati, ou talvez pelo vazio que me deixou a separação de Ferran, mas o fato é que decidi escrever alguma coisa – não sabia o quê – sobre Judit e Kati. (Tradução nossa)

marido Ferran, porém somente na quarta parte do romance é que a relação entre o ex-casal é narrada.

Ao longo do romance *La hora violeta* vão se avolumando as vozes femininas, porque ao decidir aceitar a proposta da amiga Natàlia Miralpeix, a personagem Norma vai tecendo uma rede de relações entre essas mulheres do passado e suas amigas contemporâneas.

Essas vozes femininas propostas como vozes de liberdade dentro da arte na obra de Montserrat Roig é apontada por Elizabeth J. Ordoñez em *Multiplidad y divergencia: voces femeninas en la novelística contemporánea española*

Roig describió la labor de la mujer que había progresado desde su rol como espejo para hombres a su nuevo diálogo con su propio cuerpo, con el silencio, con la prohibición. El resultado de ese proceso, afirmó Roig, ha llegado a ser el desmantelamiento del masoquismo femenino y de la superioridad internalizada masculina y la instalación de la figura patriarcal tambaleante (...) para Roig, la pérdida de la inocencia femenina trajo consigo la espantosa pero fascinante obligación de crear, y el subsecuente acto de creación promete ser imitado<sup>44</sup> (ORDÓÑEZ, 1998, p.221)

Em *La hora violeta* as reflexões sobre a literatura enquanto uma arte narrativa capaz de transformar e reconquistar a liberdade também é tema de reflexão exercido pela personagem Natàlia, ao indagar “¿no es el Arte un obstinado intento del ser humano para reconquistarse en libertad? ¿No crees que las mujeres también podemos ser libres dentro del arte, o sea, dentro del sueño?”<sup>45</sup> (ROIG, 1987, p. 20).

Daniele Cristina da Silva registra que em *La hora violeta* as (os) leitoras (es) ao lerem o primeiro capítulo podem imaginar que “na sequência, serão colocadas as histórias das personagens Kati e Judit e, no entanto, os próximos capítulos são um emaranhado de histórias de outras personagens que, por vários motivos, entrelaçam-se com as histórias dessas personagens” (SILVA, 2012, p. 59) e nós acrescentamos que esse emaranhado de histórias e personagens que se entrecem junto as vidas de Judit Fléchier, Kati e Patrícia Miralpeix se

---

44 Roig descreveu o trabalho da mulher que tinha progredido a partir de seu papel como espelho do homem para um novo diálogo com seu próprio corpo, com o silêncio, com a proibição. O resultado desse processo, Roig afirma que, chegou o momento da desconstrução do masoquismo feminino e da superioridade internalizada masculina e a instalação de uma figura patriarcal desequilibrada (...) para Roig, a perda da inocência feminina trouxe consigo a espantosa, porém fascinante obrigação de criar, e o subseqüente ato de criação promete ser ilimitado. (Tradução nossa)

45 Não seria a arte uma obstinada intenção do ser humano para reconquistar a liberdade? Não acredita que nós mulheres também possamos ser livres dentro da arte, ou seja, dentro dos sonhos? (Tradução nossa)

justifica na narrativa justamente porque Norma enquanto personagem escritora tem um projeto de registrar as várias visões de mundo, inclusive a própria história.

Na quarta parte do romance, temos o ato de narrar e narrar-se apresentado no título do capítulo *La hora dispersa (Ellos y Norma)* a narrativa apresenta as relações sociais de Norma no âmbito da militância partidária, os amores e amantes, o círculo de amigas e amigos, a atuação como jornalista e escritora ao pesquisar e entrevistar os sobreviventes, ex-deportados dos campos de concentração nazista. Nesse sentido, podemos afirmar que Norma cumpre o projeto de narrar e narrar-se, pois também se inscreve na narrativa que está construindo.

O uso do adjetivo *dispersa* no título do capítulo em que a personagem Norma trata de revelar/contar fatos de sua vida, sugere que a arte de narrar pode estar desviada da função de narrar ficção, porque é justamente nesse capítulo que se conta a relação da personagem narradora com os sobreviventes deportados dos campos de concentração nazista, esse adjetivo junto com a indicação de que a narrativa trata de “Ellos y Norma”, o pronome “ellos” indica a gama de personagens que se inscrevem na vida da personagem narradora.

Nesse capítulo, Norma narra a vida de “ellos” e também se narra, é nesse capítulo que são reveladas as angústias da personagem enquanto pesquisadora, jornalista, escritora, as dificuldades que essa mulher engajada na arte de narrar sente em afastar-se/desvencilhar-se dos temas de sua narrativa, toda essas inquietações podem ser percebidas no seguinte fragmento:

Norma quería vivir todo eso en lugar de escribirlo. Pero se encontraba otra vez en la casa de la hondonada, en el pueblo húmedo y hundido de las afueras de Barcelona, para escribir la historia de Judit y de Kati, y los recuerdos la estorbaban. Los recuerdos se mezclaban con las penas de los demás, caían sobre ella como las hojas de un almendro. En apariencia eran frágiles, estaban a punto de ser llevados por la fuerza del viento – es decir, del olvido –, pero lo cierto era que las penas de los demás y los recuerdos se iban acumulando hasta formar una segunda piel <sup>46</sup> (ROIG, 1980, p.210).

Nesse trecho, Norma utiliza a metáfora da leveza das folhas que podem ser levadas pelo vento para demonstrar que as dores e as recordações das pessoas/personagens sobre quem está escrevendo estão se acomodando como uma segunda pele na sua própria vida e

---

46 Norma queria viver tudo isso ao invés de escrever sobre ele. Porém estava outra vez na casa “de la hondonada”, num povoado úmido e escondido nos arredores de Barcelona, para escrever a história de Judit e de Kati, e as recordações a atrapalhavam. As lembranças se misturavam com as dores dos outros, caíam sobre ela como as folhas de uma amendoeira. Na aparência eram frágeis, estavam a ponto de ser levadas pela força do vento – quer dizer, do esquecimento –, mas a verdade é que os sofrimentos dos outros e as recordações iam se acumulando até formar uma segunda pele. (Tradução nossa)

explicita a contradição humana que sente enquanto mulher e escritora no desejo de que o vento leve todos esses sentimentos, o vento como metáfora para o esquecimento.

Nessa quarta parte do romance, se consegue perceber com mais profundidade a dimensão humana da personagem narradora Norma, nessa parte da narrativa a voz da personagem se mistura com a voz em terceira pessoa de um narrador onisciente que descreve as ações e pensamentos da personagem narradora.

Ao rememorar o período em que se apaixona e vive com o marido Ferran, a narrativa faz um (re)posicionamento da construção de imagens femininas e masculinas, a ideia de um homem protetor fica apenas na imaginação da personagem Norma, em sua mente ela procura encontrar um homem que se assemelhasse a figura do ator Gary Cooper (1901 – 1961), esse ator é citado na narrativa como modelo de “parceiro” que a personagem Norma constantemente buscava nos homens que cruzam seu caminho. Essa descrição de estereótipo de uma mulher frágil em busca de proteção é realizada no plano da imaginação, enquanto na matéria narrada se constrói outra imagem de personagem masculina, na narrativa do romance *La hora violeta* é a personagem Ferran quem tem pesadelos, acorda gritando e precisa de acolhimento durante a noite

Y mientras, yo buscaba a Gary Cooper en cada hombre que me abrazaba [...] Ferran, el hombre que tenía miedo. *Ferran soñaba por la noche y a menudo se despertaba dando un agudo grito. (...) Tenía tanto miedo que, cuando íbamos por la calle, miraba constantemente de reojo para ver si le perseguían. Y Ferran ya no era Gary Cooper, sino un pasado que yo amaba y al que ya no podía renunciar.*<sup>47</sup> (ROIG, 1987, p. 191-destaque nosso)

Nesse fragmento, a construção narrativa mostra que a personagem Norma, possui sonhos, desejo de ser amada, compreendida, sua humanidade não é negada porque cumpre o papel de militante e feminista comprometida na luta contra o machismo, cabe recordar que o romance *La hora violeta* é iniciado com a informação do ano (1979), podemos inferir, portanto que nesta matéria narrada, Norma é pertencente ao grupo feminista dos anos setenta.

A narrativa demonstra que não existia incompatibilidade entre o desejo de afeto, carinho e erotismo. Christina Duplâa quando expõe a luta feminista dos anos setenta detalha que

---

47 E enquanto eu procurava por Gary Cooper em cada homem que me abraçava (...) Ferran, o homem que tinha medo, Ferran sonhava de noite e frequentemente acordava dando um grito agudo. (...) Tinha tanto medo que, quando caminhávamos pela rua, olhava constantemente de esguelha para ver se alguém o seguia. E Ferran já não era mais Gary Cooper, mas sim um passado que eu amava e ao qual eu já não podia renunciar. (Tradução nossa)

La creación de los centros de planificación familiar y la difusión de los métodos de control de la natalidad, junto a la idea de difundir una concepción de la sexualidad ligada al placer y no a la explotación, son los proyectos más representativos de la década de los setenta. El movimiento feminista tiene muy clara la idea de que junto a la defensa de un trabajo asalariado, de una socialización del trabajo doméstico, de una educación y legislación no discriminatorias, está el derecho a la libre disposición del cuerpo. Este último aspecto es el que va a cuestionar el discurso patriarcal en el seno de la familia, así como el tabú de la virginidad, el mito de la maternidad y la dependencia femenina a todos los niveles, con respecto a la autoridad masculina.<sup>48</sup> (DUPLÀA, 1996, p.86)

De acordo com Ana María Aguado, em *Texto para la historia de las mujeres en la edad contemporánea*, em 1973, o movimento democrático de mulheres que se declarava feminista era composto por mulheres que militavam nas fileiras marxistas e inscrevia explicitamente em seu manifesto que a luta não era contra os homens (porém ao longo da narrativa a matéria não se furta ao papel de criticar o sexismo de seus militantes de esquerda)

En su lucha por los derechos de la mujer, el Movimiento Democrático de Mujeres se apoya en el movimiento obrero y los demás sectores de la oposición en lucha (...) nosotras no nos limitamos a nuestro terreno de lucha, vamos aún más lejos cuando nos unimos a todos los sectores oprimidos, cuando hacemos nuestra la lucha y reivindicaciones de todos los sectores.<sup>49</sup> (AGUADO, 1994, p.415)

As citações acima acerca do movimento feminista na década de setenta, eram em prol dos direitos das mulheres sem contudo se abster da luta em conjunto outros setores oprimidos, o direito ao prazer e a autoridade sobre o próprio corpo também justifica a construção das personagens femininas de *La hora violeta* que se apaixonam, que amam, que questionam o papel da maternidade, da divisão do trabalho doméstico, são mulheres que não estão em guerra contra os homens por isso até podem possuir o ator Gary Cooper como ídolo. A luta das mulheres nesse período é contra as instituições e também pelo reestabelecimento da democracia, daí a construção desta personagem militante feminista Norma condizendo com a atuação das mulheres femininas nesse contexto na Espanha.

---

48 A criação dos centros de planejamento familiar e a difusão dos métodos de controle de natalidade, com a ideia de difundir uma concepção de sexualidade ligada ao prazer e não a exploração, são os projetos mais representativos da década de setenta. O movimento feminista tem muito clara a ideia de que junto com a defesa do trabalho assalariado, de uma socialização do trabalho doméstico, da educação e legislação não discriminatórias, com tudo isso aparece livre o direito da disposição do corpo. Este último aspecto é o que vai questionar o discurso patriarcal no seio da família, assim como o tabu da virgindade, o mito da maternidade e a dependência feminina em todos os níveis com respeito a autoridade masculina. (Tradução nossa)

49 Em sua luta pelos direitos da mulher, o Movimento Democrático de Mulheres se apoia no movimento de trabalhadores e nos demais setores de oposição em luta (...) nós não nos limitamos ao nosso terreno de luta, vamos mais longe quando nos unimos a todos os setores oprimidos, quando fazemos nossa a luta e reivindicções de todos os setores. (Tradução nossa)

A tomada da palavra, da arte de narrar pelas mulheres é que proporciona (re)posicionar as vivências masculinas e femininas, a escrita subverte os papéis de subalternidade impostos as mulheres nesse período, daí se compreende a relação, o casamento de Norma com o militante comunista Ferran que sofre pesadelos por ter sofrido tortura na prisão durante a ditadura franquista.

Norma é quem lhe dá acolhimento, a narrativa desconstrói os estereótipos de mulheres e homens, Pilar Folguera Crespo revela que a igreja católica pregava que “el hombre refleja las pasiones más vehementes: la valentía, el carácter”<sup>50</sup> (CRESPO, 1997, p. 529) a narrativa ao apresentar um homem que tem medo, que tem pesadelos e nesses momentos é acolhido por sua companheira, desconstrói esse outros estereótipos que a sociedade espanhola católica e patriarcal propagava.

A personagem Norma ao narrar e narrar-se vai revelando as desconstruções dos inúmeros estereótipos propagados, na voz da personagem Norma e na voz de um narrador onisciente seguidamente nessa parte do romance se demonstra a inquietação referente à escrita e a arte de escrever ficção.

A metaficção nesse capítulo funciona para que Norma possa “narrar-se” entretecendo a própria história com a história das demais personagens. Um exemplo dessa escrita entretecida aparece quando ela revela as dificuldades que está enfrentando para criar a narrativa sobre o amor de Kati e Patrick, duas personagens que vivenciaram encontros amorosos durante a guerra civil espanhola, o homem, oriundo da Irlanda, fazia parte das brigadas internacionais no país atuando na guerra ao lado dos republicanos. Nesse trecho da narrativa, a história de amor dos dois personagens se confunde com a história de Norma e seu amante Alfred, a personagem narradora demonstra a dificuldade que sente em separar os momentos da própria vida e a vida das personagens sobre quem está escrevendo:

Debía dejar las imágenes que le hacían daño, las escenas del parque y del hotel de la semana pasada. Debía dejarlas en el umbral de la puerta y escribir sobre Kati y Judit. Explicar cómo Kati amó a Patrick, rodeados de muerte y destrucción... Pero, ¿cómo podía hacerlo, si sólo pensaba en Alfred? ¿Qué tiene que ver eso con la novela?, le reprocharía Natàlia, tienes que *separar el arte y la vida*.<sup>51</sup> (ROIG, 1987, p. 206 – destaque nosso).

50 o homem reflete as paixões mais veementes: a valentia, o caráter. (Tradução nossa)

51 Devia deixar as imagens que a machucavam, as cenas do parque e do hotel da semana passada. Devia deixá-las na soleira da porta e escrever sobre Kati y Judit. Explicar cómo Kati amou Patrick, rodeada de morte e destruição..., Mas, como podia fazer isso, si só pensava em Alfred? O que isso tem a ver com o romance? Natàlia a repreenderia, tem que separar a arte e a vida. (Tradução nossa)

Nesse fragmento é usado o termo “separar el arte y la vida”, e a narrativa demonstra que Norma não consegue separar a narrativa da sua vida da narrativa que está fazendo sobre “ellos”, o subtítulo (Ellos y Norma) do capítulo explica que é essa a *hora* de narrar e narrar-se, daí a construção de uma personagem com consciência de sua humanidade, suas forças, fragilidades e paixões. Iris M. Zavala aponta que a história do feminismo enquanto ação cumpre o papel de “mantenernos conscientes de nosotras mismas, obligarnos a poner sobre el tapete los naipes de nuestras creencias y hacer de nuestras evaluaciones y juicios un juego y un escrúpulo”<sup>52</sup> (ZAVALA, 2012, p. 9).

A escritora Montserrat Roig ao construir essa obra, a partir da metaficção a personagem Norma que realiza o feito de narrar e narrar-se está demonstrando o comprometimento de consciência, que existem múltiplas formas de existência enquanto mulher(es) e proporcionando a subversão de papéis femininos e masculinos que tradicionalmente se condicionou na escrita literária ao longo do tempo.

A literatura enquanto arte da escrita arte capaz de registrar as vivências humanas, os questionamentos sobre a nossa existência, os sentimentos, as dores, tristezas, injustiças, desilusões amorosas, afetos correspondidos ou não, enfim tudo aquilo que nos humaniza, entendemos que a literatura tal e qual uma “obra de arte compreendida como material organizado, como coisa, só pode ter significado como estimulador físico dos estados fisiológicos e psíquicos” (BAKHTIN, 1993, p. 20), essa arte capaz de dar significados psíquicos e materiais/corpóreo foi durante largo período uma arte acessada e produzida para/por poucas.

### 2.3 Maria-Nova e Norma diferentes formas de narrar e narrar-se

Nas seções anteriores buscamos apresentar duas formas de narrar e narrar-se, ainda que ambas as personagens Maria-Nova e Norma sejam as narradoras protagonistas, existem diferenças entre elas não apenas pelo ambiente social e geográfico ao qual cada uma está inserida, mas também no posicionamento sobre o que merece/deve ser contado.

---

52 nos mantenemos conscientes de nós mesmas, nos obriga a pôr sobre a mesa os naipes de nossas crenças e fazer das nossas avaliações e juízos um jogo e um escrúpulo. (Tradução nossa)

As obras apresentam semelhanças ao trazer vozes femininas e masculinas. A multiplicidade de vozes em ambos romances subverte lugares já impostos pela sociedade, porém, são totalmente diferentes no conteúdo da matéria narrada.

A personagem Maria-Nova em *Becos da Memória* tem o compromisso e o desejo de narrar sobre os seus vizinhos, seus entes queridos e sobre si mesma. A memória individual da jovem narradora se apoia na memória coletiva dos demais para ir (re)posicionando as experiências e vivências de seu povo e de si mesma; como porta-voz de sua comunidade ela tem a autonomia para falar por si mesma e pelos seus. A jovem se inscreve como herdeira das tradições orais das culturas afro-brasileiras e estava predestinada a contar/registrar. Foi treinada desde menina ouvindo as histórias dos mais velhos e observando os becos de sua favela para que, quando adulta, coubesse a ela a arte de narrar.

Em *Becos da Memória* existe um espelhamento entre a jovem narradora Maria-Nova e a autora Conceição Evaristo, porém a obra não é uma autobiografia. No romance *La hora violeta* as personagens Norma e Natália também atuam como espelhamento da autora Montserrat Roig, similarmente, a obra não é uma autobiografia.

A personagem Norma (que atua como escritora no romance) não está movida pelo desejo ou pela promessa de contar. A escrita do romance se dá de maneira diferente, as personagens Norma e Natália debatem sobre a literatura e a história. Norma é a personagem que atua como jornalista e escritora e Natália é a personagem responsável por convencer a amiga Norma a escrever um romance. Em nossa leitura, é no quarto capítulo que o ato de narrar e narrar-se está apresentado desde o título *La hora dispersa (Ellos y Norma)*. Nesse capítulo nós leitoras(es) podemos perceber como a personagem se sente ao escrever a obra. Ela narra sobre si mesma e sobre os demais, por exemplo a dificuldade que sente em separar as próprias vivências das experiências que vive Kati (personagem sobre quem está escrevendo) também sente dificuldade em distanciar-se das demais pessoas e personagens que entretencem sua vida. Nessa parte a memória individual de Norma se mostra emaranhada na memória coletiva dos demais.

### CAPÍTULO III CÁ E LÁ: ESCRITAS QUE DESVELAM OPRESSÕES E REPOSICIONAM VIVÊNCIAS

Neste capítulo trazemos a voz das críticas feministas e as vozes das romancistas para evidenciar o comprometimento de ambas autoras Conceição Evaristo e Montserrat Roig com as problemáticas de seus tempos e de seus países.

Nos seus romances *Becos da Memória* e *La hora violeta* ambas trazem a representação de múltiplas vozes femininas e masculinas permeadas por contradições presentes nas relações sócio-históricas de suas respectivas sociedades e lugares de fala. Ambas aos obras, sob nosso ponto de vista, evidenciam que as resistências também se dão na forma da transformação do narrar/narrar-se.

Em cada seção buscamos evidenciar também os fatores do contexto histórico de cada país para contribuir com as análises, posto que não são obras desconectadas de seus tempos e das problemáticas de seus países.

Ao escrever sobre o feminismo na Europa Christina Duplâa considera que a invisibilidade das mulheres na historiografia “se debe más a marginación canónica que a una auténtica ausencia femenina”<sup>53</sup> e cita Michelle Perrot para recordar que os discursos filosóficos e políticos ao longo dos séculos foram “privativos de los hombres por desarrollarse también en espacios de su exclusividad e inaccesibles a las mujeres”<sup>54</sup> (DUPLÀA, 1996, p78).

Christina Duplâa assinala que os homens produzem nas artes imagens estereotipadas de mulheres, e que ancorados no liberalismo burguês eles desenvolveram “uno de los discursos más misóginos de la historia: el discurso médico o discurso científico, en el que se manifiesta que las mujeres son seres débiles y, por sus condiciones sexuales, históricas, lo que en términos sociales se traduce en la ausencia femenina en ciertos espacios públicos”<sup>55</sup> (DUPLÀA, 1996, p79), a ausência em determinados espaços públicos cabe salienta

---

53 se deve bem mais a marginalização canônica do que a uma autêntica ausência feminina. (Tradução nossa)

54 privativo dos homens por se desenvolver também em espaços de sua exclusividade e inacessível para as mulheres. (Tradução nossa)

55 um dos discursos mais misóginos da história: o discurso médico ou discurso científico, no qual se afirma que as mulheres são seres fracos e, por suas condições sexuais, históricas, o que em termos sociais se traduz na ausência feminina em certos espaços públicos (Tradução nossa)

reservadas as mulheres abastadas, porque as mulheres trabalhadoras por sua condição de pobreza circulavam por determinados espaços por conta da função/emprego que exerciam.

No âmbito da escrita literária Christina Dupl  a   uma das estudiosas da obra da escritora catalã, ela também sinaliza que a romancista inscreve em sua produ  o uma contribui  o ideol  gica e estética e comenta sobre o “empeño en creer y defender la existencia de una subjetividad femenina: es decir, la existencia de hablar en primera persona”<sup>56</sup> (DUPL  A, 1996, p. 78).

Neste mesmo contexto europeu Birut   Ciplijauskait   escreve sobre a textualidade da autoria feminina e considera que os romances de “concienciación” se desenvolvem a partir da segunda metade do século XX, com uma tend  ncia a rememorar a vida passada e inclui Montserrat Roig no rol de escritoras que “evita contar paso por paso, prefiriendo la yuxtaposici  n de fragmentos que se juzgan de import  ncia primordial”<sup>57</sup>, a crítica assevera que esses romances de consci  ncia tem muitas facetas (CIPLIJAIUSKAIT  , 1994, p. 35).

Birut   Ciplijauskait   acrescenta que atualmente “la novela femenina de nuestro tiempo: va desde una escritura que tiene asomos de testimonio, de realismo y crítica social, es decir, muy bien integrada en el contexto”<sup>58</sup> (CIPLIJAIUSKAIT  , 1994, p. 36).

Iris M. Zavala quando escreve sobre os c  nones lembra que na história feminista “es que la suma de las visiones en esta historia está guiada por cada autora en cuanto sujeto crítico”<sup>59</sup> (ZAVALA, 2012, p. 11), a produ  o de autoria feminista para a crítica   portanto uma escrita que coloca em sua textualidade as subjetividades e demandas específicas das mulheres.

Quando Iris M. Zavala comenta sobre a obra de Montserrat Roig, ela recupera a voz da romancista catalã que em um de seus ensaios considera a questão da palavra da mulher e explicita que nessa produ  o esteja “nuestro próprio lenguaje, las explotaciones arqueológicas de la mujer acerca de su condición”<sup>60</sup> (ROIG, 1980 apud ZAVALA, 2012, p. 220).

---

56 O compromisso de acreditar na existência de uma subjetividade feminina defendendo-a: ou seja, a existência de falar em primeira pessoa (Tradu  o nossa)

57 evita contar passo por passo, preferindo a justaposi  o de fragmentos que se julgam de suma importância” (Tradu  o nossa)

58 o romance feminino do nosso tempo: parte de uma escrita que tem assomos de testemunho, de realismo e crítica social, isto  , está muito bem integrada no contexto (Tradu  o nossa)

59   que a soma das visões nesta história   guiada por cada autora como sujeito crítico (Tradu  o nossa)

60 nossa própria linguagem, as explora  es arqueológicas das mulheres sobre sua condi  o (Tradu  o nossa)

Podemos perceber pelas afirmações das intelectuais que na década de 80 elas consideravam que no território europeu/espanhol a figura patriarcal já estava desestabilizada, devido a ação das feministas em seus diversos âmbitos, inclusive pela tomada da palavra e pela forma diferencial de se inscrever e escrever literariamente.

No contexto brasileiro Conceição Evaristo faz de sua escrita o que faz também na sua militância ao se posicionar politicamente em defesa das lutas que buscam transformar e extinguir as opressões, em entrevista à *Revista Conexão Literatura* faz uma descrição belíssima sobre a capacidade literária quando indagada se suas obras tornam-se “ferramentas contra a discriminação racial e injustiças sociais”, Conceição Evaristo confirma seu projeto estético literário como uma escrita que “assim como há discursos literários fomentadores de posturas racistas, machistas, homofóbicas e outras práticas cruéis de uns sujeitos sobre outros, há uma literatura que pode concorrer para relações mais humanas entre as pessoas” (EVARISTO, 2017b, p. 8).

A escrita literária de Conceição Evaristo como ato político no que tange a predominância masculina de exposição/divulgação/publicação e como uma escrita engajada na re(escrita) da vivência de homens e mulheres negras está bem explícita não somente no conjunto de sua obra literária, essas reflexões aparecem também em seus artigos, ensaios e entrevistas. No ensaio intitulado *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, ela afirma

quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (...) Historicamente, no Brasil, as experiências das mulheres negras se assemelham muito mais às experiências de mulheres indígenas. E então, volto a insistir: a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influencia em minha subjetividade. (EVARISTO, 2009a, p. 18)

A leitura dessa afirmação atrelada à análise da construção do romance *Becos da Memória* torna evidente que as reflexões sobre as desigualdades sociais e as opressões que sofrem mulheres e homens negros(as) estão presentes tanto na ensaística de Conceição Evaristo como em sua ficção e que, portanto, sua escrita não é uma pintura descompromissada e desconectada da sociedade brasileira.

As afirmações de Conceição Evaristo permitem entender que seu projeto estético literário é um projeto de escrita que desnuda e transforma as vivências femininas e masculinas de negras e negros.

A autora assim como outras feministas negras também aponta que “as experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam” (EVARISTO, 2009a, p. 18), por isso é possível constatar que o romance *Becos da Memória* recupera relatos de mulheres e homens, sendo que o protagonismo maior está nas atuações femininas, ao inclusive colocar como narradora a personagem Maria-Nova, jovem responsável pelas reflexões críticas sobre a sociedade brasileira.

A romancista também não nega que existe um ponto convergente entre mulheres negras e brancas ao afirmar que “há uma condição que nos une, a de gênero. Há, entretanto, uma outra condição para ambas, o pertencimento racial, que coloca as mulheres brancas em um lugar de superioridade – às vezes, só simbolicamente, reconheço”, e salienta que em muitos momentos “a mulher branca pôde e pode se transformar em opressora, tanto quanto o homem branco” (EVARISTO, 2009a, p. 18).

### 3.1 Becos da Memória: (Re)Posicionando vivências negras

Ao indicar no título dessa seção que o romance *Becos da Memória* (re)posiciona vidas negras, o objetivo é demonstrar por meio das análises e dos arcabouços teóricos como a arte de *narrar* e *narrar-se* no romance dá voz e protagonismo aos sujeitos<sup>61</sup> que ao longo do tempo foram observados/analizados por vozes que falavam *sobre*, em *Becos* o processo literário é outro, aqui a narrativa fala (*con*)*vivência*, mulheres e homens assumem o papel e o protagonismo de *contar-se/narrar-se*.

Nesse sentido, o romance *Becos da Memória* é uma fonte de leitura que narra as possibilidades de vida e existência, possibilidades de enfrentamentos, possibilidades de

---

61 Tomamos as considerações de Cuti (Luiz Silva) sobre a complexidade do termo sujeito, a noção que ultrapassa a ideia de primeira pessoa (“eu”), implicando a noção daquele que organiza o texto, nele acrescentando ideias sobre o mundo que, por vezes, carregam em si valores os mais diversos (estéticos, éticos, políticos etc.). O Sujeito organiza, preside e veicula seus pressupostos. (CUTI, 2010, p. 18)

resistências, de luta, sujeitos que foram vitimizados pela especulação imobiliária e as desigualdades de classe, porém são sujeitos com voz e protagonismo.

A pesquisadora Cátia Cristina Bocaiuva Maringolo em sua dissertação de mestrado cita Jacques Le Goff e registra que a narradora Maria Nova e os demais personagens no romance simbolizam a voz do

*griot* presente em antigas tradições africanas, sendo o membro mais experiente e mais velho da comunidade, aquele responsável por transmitir as histórias do passado e por guardar a memória coletiva em um tempo no qual não se utilizavam arquivos, no sentido físico, quando o arquivo da memória era a lembrança dos mais novos. Os griots são importantes porque representam uma das únicas chances de sobrevivência da cultura, da história e primordialmente, da identidade da comunidade. Era por meio deles que a memória como sobrevivência da identidade de determinado grupo era transmitida de gerações em gerações. (MARINGOLO, 2014, p. 28)

A personagem Maria-Nova herdeira das tradições orais de matriz africanas possui o desejo de *narrar* e *narrar-se*, a jovem recupera as vozes de mulheres e homens de ação nos *becos* de suas memórias e pelos *becos* de seu lar/favela.

Em *Becos da Memória* a narrativa recupera o que a *História Oficial* se recusa/se nega a registrar, ou quando registra, o faz deturpando e estereotipando as vivências negras. Por isso a escrita literária de Conceição Evaristo é tão importante para a historiografia da literatura brasileira, pois em sua *escrita*, estão vivas e sobrevivem, as *vozes* e *vivências* de grande parcela da população brasileira, com uma narrativa que parte de *dentro* daquele território que estava sendo desalojado/usurpado pela ação do capitalismo na especulação imobiliária e vai se ampliando e recuperando outros tempos e vivências. Não é uma narrativa *sobre* é uma escrita literária *com*. Cuti (Luiz Silva) no livro *Literatura negro-brasileira* afirma que

O surgimento da personagem, do autor e do leitor negros trouxe para a literatura brasileira questões atinentes à sua própria formação, como a incorporação dos elementos à sua própria formação, como a incorporação dos elementos culturais de origem africana no que diz respeito a temas e formas, traços de uma subjetividade coletiva fundamentados no sujeito étnico do discurso, mudanças de paradigma crítico-literário, noções classificatórias e conceituação das obras de poesia e ficção. (CUTI, 2010, p. 11)

Em *Becos da Memória* as subjetividades de diferentes gerações de mulheres e homens negras/os, idosas/os, adultas/os, jovens são evidenciadas por essas distintas vozes. Conceição Evaristo afirma que “Na origem da minha escrita ouço os gritos, os chamados das vizinhas

debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma para outras as suas **mazelas**, como as suas **alegrias**”<sup>62</sup> (EVARISTO, 2005, grifo nosso).

Na biografia de Conceição Evaristo constam as informações sobre a origem trabalhadora de sua família, e sobre a especulação imobiliária que desalojou sua família quando era jovem, ou seja, ela e os seus como a maioria da população brasileira não é herdeira de propriedades, terras, riquezas e/ou outros bens materiais. Em diferentes textos e entrevistas a própria romancista revela que fala a partir do lugar de mulher negra, trabalhadora, o texto literário em *Becos da Memória* também demonstra essa consciência como se pode perceber nas reflexões sobre as relações entre trabalho e riqueza:

O dia acabava e os que voltavam do trabalho tentavam esquecer o cansaço, parando junto daqueles que levavam um vadio viver. Quem era o mais sábio? O malandro ou o trabalhador? Fora o perigo da polícia, a vida de ambos era igual. As privações eram as mesmas. Alguma coisa, pelo menos estava provada: o trabalho não enriquece ninguém. A malandragem barata de morro também não. (EVARISTO, 2017, p. 72)

O ato de pensar e escrever sobre as riquezas como fruto do trabalho alheio nesse fragmento permite às leitoras(es) confirmar o compromisso ético e estético de uma escrita literária engajada no propósito de escrever, desvelar e denunciar as relações interseccionais de opressões de raça, classe e gênero. Em outro momento o texto deixa explícito que o trabalho para mulheres e homens não impedia a miséria e a fome,

Desde os bons tempos, as mulheres levantavam bem cedo para lavagem das roupas, para o apanho da água, para o preparo das pobres marmitas. Os homens também. Uns saíam para o trabalho. [...] As crianças maiores acordavam cedo também, trazendo nos olhos e no estômago a desesperada expectativa. Será que hoje tem pão? Os menores, os nenéns brigando com a vida, dando socos no ar exigindo o peito da mãe ou a mamadeira completada com mais água sempre. Algumas crianças levantavam e tomavam o rumo da escola. Poucos, muito poucos, iam todos os dias. A escola os inibia. Bom, na escola, era a merenda que a gente comia. (EVARISTO, 2017, p. 168)

Nesse fragmento, a personagem Maria-Nova faz o relato sobre a fome presente em muitos lares brasileiros, evidenciando que ficção e realidade caminham par a par, a descrição narrada fez e faz parte do cotidiano de muitas brasileiras(os).

---

62 Conceição Evaristo. Depoimento: **Da Grafia-Desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Disponível em: <https://nossaescrivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>

A narrativa em *Becos* assim como nos diferentes arcabouços teóricos referenciados na seção anterior, também desvela as bases das diferentes opressões, as relações desiguais de classe e raça estabelecidos na sociedade brasileira desde os seus primórdios.

Em entrevista concedida à Luiz Carlos Azedo no programa *3a1 da TVBrasil* (2013) Conceição Evaristo revela que sua arte literária “parte de personagens concretas”, ao falar sobre a escrita de mulheres negras exemplifica narrando sobre a construção da personagem Ditinha que em *Becos* ocupa o papel de empregada doméstica, ela afirma que “enquanto uma outra autora escreve sobre a empregada, olhando para dentro do quarto da empregada e criando uma personagem, nós estamos dentro do quarto da empregada nos recriando” (EVARISTO, 2013), como podemos comprovar no fragmento abaixo em que a personagem Ditinha observa as joias da patroa e dentre várias reflexões, reflete também sobre as condições desiguais da sociedade

Ditinha olhava as joias da patroa e seus olhos reluziam mais que as pedras preciosas. Continuava a arrumação do quarto, varria debaixo da cama, olhava o teto à procura de aranha. Bonita aquela teia de aranha! Bem tecida. Um raio de sol batia nos finos fios traçados, fazendo-a brilhar que nem as joias. Limpou a poeira dos armários, guardou os sapatos na sapateira, esticou cuidadosamente o lençol da cama. Foi à gaveta, buscou o cobre-leito amarelo-ouro e acabou de arrumar a cama. Pensou nas joias. “Será que eu gostaria de ter umas joias dessas? Também se, se tivesse, não teria vestidos e sapatos que combinasse. E se eu tivesse vestidos e sapatos que combinassem, não saberia como arrumar meus cabelos. [...] Chegou perto da caixa com as mãos para trás. Havia uma pedra verde tão bonita, tão suave, que até parecia macia. “Mãos para trás”, pensou, “a gente vê com os olhos, não com as mãos. Também se eu tivesse umas joias dessas, onde é que eu iria? Só saio para trabalhar, ir à missa, às rezas, aos festivais de bola e às festas da favela. Como e onde eu usaria essas joias? Claro que se eu tivesse joias, eu seria rica como Dona Laura, eu não seria eu” riu de si mesma. Quis tocar nas joias um pouquinho. Teve medo, recuou. [...] Não era grande a distância entre a mansão da patroa e o barraco de Ditinha. O bairro nobre e a favela eram vizinhos. (EVARISTO, 2017a, p. 99)

Em *Becos da Memória* a construção da personagem Ditinha que trabalha como doméstica no bairro nobre ao lado da favela é bem minuciosa em retratar a subjetividade e os afetos da personagem feminina e ao mesmo tempo registrar as denúncias das desigualdades, o texto desenha e pinta com as cores da bandeira brasileira, verde e amarelo que são as cores descritas no início da cena em que Ditinha revela como se sente, como olha o mundo, como observa as diferenças entre sua vida e a vida da patroa, as reflexões sobre as joias e a pobreza de seu barraco.

A escrita literária evaristiana registra/denuncia: “mulheres, homens e crianças” todos se levantavam bem cedo, o ofício de lavar roupas demonstra que a remuneração era baixa, o

valor do trabalho realizado nitidamente desvalorizado. O trabalho dos homens também pouco remunerado, no texto está evidente a má distribuição de renda e/ou não distribuição já que a fome se faz presente para essas(es) trabalhadoras(es).

O debate sobre a desigualdade social entre os bairros ricos e pobres/periferias, e sobre as condições de vida na favela, acontece em diferentes momentos da narrativa, dentre eles quando a narrativa apresenta o relato sobre as comemorações da festa junina na casa de Cabo Armindo, a impressão gráfica do texto literário nesse fragmento específico muda a grafia para letra itálica como podemos comprovar no excerto abaixo

Diziam alguns que ele apenas organizava a festa e cedia o local, mas quem bancava tudo eram os ricos que moravam no bairro nobre bem ao lado da favela. Bancavam para que os favelados não os importunassem. Havia outros bairros perto da favela em que as casas eram constantemente arrombadas. Parece que havia mesmo um acordo tácito entre os favelados e seus vizinhos ricos. *Vocês banquem a nossa festa junina, deem-nos as sobras de suas riquezas, oportunidades de trabalho para nossas mulheres e filhas e, antes de tudo, deem-nos água, quando faltar aqui na favela. Respeitem nosso local, nunca venham com plano de desfavelamento, que nós também não arrombaremos a casa de vocês.* Assim, a vida seguia aparentemente tranquila. E dois grupos tão diversos teciam, desta forma, uma política da boa vizinhança. (EVARISTO, 2017, p. 47 - destaques da autora)

A voz do narrador onisciente quando se dirige aos do bairro rico, usa o pronome no plural *Vocês* também no plural incorpora as vozes masculinas, ao usar o marcador possessivo “nossas mulheres e filhas”, o fragmento utiliza inclusive uma diferenciação na grafia, a impressão do texto está destacada em letra itálica, o texto é firme em mostrar e dialogar diretamente/explicitamente sobre as desigualdade na distribuição das riquezas e até mesmo a ausência de um direito básico a *água*.

O texto literário em *Becos da Memória* desvela também a questão das drogas e as formas “diferentes” como “ricos” e “pobres” são classificados e abordados

Até então, havia na favela o álcool, o cigarro, o baralho. Tudo era o prazer. No jogo de cartas, o grito “truque” saía fundo das gargantas dos homens. [...] Um vício, porém, foi mantido escondido durante muito tempo na favela. Suspeitava-se principalmente dos filhos de Ana do Jacinto. Eles andavam sempre acompanhados de “filhinhos de papai”. Rapazes de lambretas subiam e desciam o morro. E tudo aflorou então. Passaram a fumar normalmente pelos bequinhos. [...] Numa noite, a polícia arrombou a porta do barraco de Ana do Jacinto. Levaram os filhos dela. Os rapazes de lambretas ficaram muitos dias sem subir o morro. [...] Quando descíamos o morro, lá na praça, rapazes alegres, bem vestidos, brincavam, conversavam ao sol. Eram tidos como jovens contestadores, estudantes, intelectuais. Os filhos de Ana do Jacinto, jovens vagabundos, perturbadores, marginais. (EVARISTO, 2017, p. 157)

Nesse fragmento a autora repete a linguagem/discurso das capas de jornais e dos noticiários nas mídias, os adjetivos para caracterizar os filhos da elite e/ou classe média são positivos “rapazes, contestadores” enquanto para os filhos de pobres nas periferias e favelas, os adjetivos que os classificam são “jovens vagabundos, perturbadores, marginais”. A polícia também não invade as casas dos bairros nobres e/ou de classe média como faz nos morros e comunidades pobres.

Retomando a afirmação da romancista, constatamos que em *Becos* temos, portanto uma narrativa que recupera *mazelas* mas também *alegrias*, é importante destacar essa afirmação da romancista porque é uma obra em que os sujeitos falam de dentro, a partir das próprias vivências, a narrativa portanto traz a vida seja quando preenchida de *padecimentos*, seja quando repleta de *deleitamento*, as personagens não vivenciam apenas *dores*.

Em depoimento realizado a romancista afirma que “A literatura, quando escreve a nosso respeito, o faz de outro modo” (EVARISTO<sup>63</sup>, 2005) em outro momento quando indagada sobre a luta contra o racismo por meio da escrita literária a romancista salienta que “uma leitura mais atenta de vários textos de escritores negros ao longo da literatura brasileira nos fornece essa resposta. Alguns conseguiram criar um discurso literário marcadamente opositor à mentalidade da época” (EVARISTO, 2005).

A autora cita exemplos de poetas e romancistas, dentre eles “Luiz Gama, Cruz e Souza, Lima Barreto, Lino Guedes, Solano Trindade e muitos dos escritores contemporâneos, incansavelmente, produzem obras que auxiliam e que valem mesmo como discurso contra o racismo” (EVARISTO, 2005).

O discurso contra o racismo também se inscreve na teoria literária, pela construção de diferentes nomes da crítica literária, dentre eles Cuti, Luiz Silva, quando recorda as teorias raciais do século XIX e muitos dos discursos forjados pela maioria da intelectualidade brasileira, ele desvela de maneira contundente que “a maioria desses intelectuais concordava com a ideia de superioridade congênita da chamada raça branca” (CUTI, 2010, p. 17). O crítico literário é categórico ao afirmar que “a palavra Brasil esconde os crimes e os criminosos” (CUTI, 2010, p. 18).

---

63 Conceição Evaristo. Depoimento: **Da Grafia-Desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Disponível em: <https://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>

A partir do texto literário evaristiano podemos registrar nessa seção mais uma memória que desvela *crimes* e *criminosos*, quando Maria-Nova recupera em seu *contar/narrar* uma história contada reiteradas vezes por sua tia Maria-Velha sobre seu tempo de criança,

Maria-Velha e Tio Tóto ficavam trocando histórias, permutando as pedras da coleção. **Maria-Nova, ali quietinha, sentada no caixotinho, vinha crescendo e escutando tudo. As pedras pontiagudas que os dois colecionavam eram expostas à Maria-Nova, que escolhia as mais dilacerantes e as guardava no fundo do coração.**

Havia uma história que Maria-Velha repetia sempre, um fato passado na infância e que ela contava e recontava para a menina Maria-Nova. Um dia, ela, Maria-Velha, ainda nos tempos de sua meninice, pulava, que nem cabrita na frente de seu avô. Ele olhava, limpava os olhos e fungava sempre. Um dia, Maria descobriu que ele chorava.

- O que foi, vovô, chorando? - Vovô chorando, chorando sim!

Aquela menina, pernas longas, aqueles pulos, acabritados, era a imagem fiel de uma filha sua. Filha que perdera de vista e que nunca mais vira.

Mãe de leite de uma criança, um dia a escrava se rebela contra o sinhô. Agarrou o homem pelo peito da camisa, sacudiu, sacudiu. A escrava foi posta no tronco, iam surrá-la até o fim. A criança, filha de leite, chora, grita, berra, desmaia, volta a si, quase enlouquece.

- Não matem “mamãe preta”, não matem “mamãe preta”!

Os sinhôs resolveram então vender a escrava e nunca mais se soube dela.

Maria-Velha, quando criança, quando era só Maria, toda vez que pulava, que cabritava diante do avô, era como se uma pedra pontiaguda atingisse o peito do velho homem. (EVARISTO, 2017, pp. 30-31, grifo nosso)

Esse fragmento demonstra como a jovem Maria-Nova aprendia e *guardava* as histórias no fundo do coração prenunciando que mais tarde seria sua vez de *relatar/contar* as *pedras pontiagudas* que a tia Maria-Velha e Tio-Totó rememoravam.

A pesquisadora Rosângela Aparecida Cardoso da Cruz afirma que

É por meio da arte de lembrar que o passado se presentifica nas histórias contadas à menina Maria-Nova. Os mais velhos se encarregavam de abrir o velho baú das memórias e repassar aos mais novos, em especial àquela menininha que gostava de colecionar selos e palavras, ouvia, pois, tudo atentamente, e ia acomodando uma a uma dentro do seu apertadinho peito-negro. (CRUZ, 2016, p. 147).

A herança da *tradição de contar/narrar* vai sendo ensinada/transferida nesses *contar e (re)contar*, e a jovem vai apreendendo e quando relembra registra/expõe a desumanidade do “sinhô” e da estrutura escravocrata que permitia dispor de pessoas negras como se fossem peças vendendo/comprando, separando famílias, impingindo castigos físicos, e indagamos como ficaram os filhos dessa mulher? Ela amamentava o filho do “sinhô” e com sua prole o que aconteceu?

Ao lermos esse fragmento compreendemos também o tempo presente em que ainda se faz necessário tantas reivindicações, greves, embates e lutas das mais avariadas formas para conseguirmos transformar esse país em uma sociedade em que não caiba mais racismo e desigualdades.

Trazer a realidade presente para o texto também nos permite inserir aqui as vozes de Kabenguele Munanga e Nilma Lino Gomes quando afirmam que é preciso “desmitificar a ideia de que após a assinatura da Lei Áurea (que aboliu a escravidão) a situação dos negros, descendentes de africanos escravizados no Brasil, tornou-se harmoniosa e estável” (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 107). A cada novo ataque aos mínimos direitos adquiridos, direitos há se que registrar conquistados por meio de muita luta e resistência, esses ataques tornam evidentes o quanto a *democracia* continua apenas no plano das *ideias*.

Ainda buscamos um tempo em que a vivência com nossas famílias não seja usurpada pelas longas e exaustivas jornadas de trabalho e por extensos períodos nos itinerários de casa – trabalho – casa. A batalha é árdua porque ainda estamos lidando com esse tipo de *gente* que herdou a concepção de que nós população trabalhadora negra e não negra não temos/não podemos ter direito a família, afetos, lazer, enfim *Vida*.

Cabe recuperar as informações sobre as bases opressoras que fundamentam a sociedade brasileira, e mais uma vez reiteramos/recordamos que quem continua no poder na atualidade são as/os herdeiras/os desses “sinhôs”.

Os filhos dos “sinhôs” antes amamentados por mulheres negras escravizadas, hoje continuam sendo amamentados em suas riquezas pela perpetuação do racismo e das desigualdades sociais estruturadas e estruturantes que regem as relações no país.

Cuti (Luiz Silva) destaca que a legitimação do racismo no Brasil se dá quando intelectuais dizem/escrevem que “os negros foram trazidos para o Brasil porque o país precisava de mão de obra” (CUTI, 2010, p. 18). O crítico literário reitera que esse discurso de “eruditos” seria o mesmo que afirmar que um criminoso “matou porque sua mãe precisava de um vestido novo” (CUTI, 2010, p. 18).

Retorno ao texto literário de Conceição Evaristo para demonstrar como sua escrita posicionada, engajada literariamente é complexa e completa, posto que ao tempo em que desvela *crimes* e *criminosos*, vai além dos períodos de *mazelas*, literariamente também narra vivências e afetos nas relações familiares, (re)posicionando vidas negras.

O fragmento abaixo selecionado refere-se ao relato realizado por Maria-Velha sobre seu pai Luisão, o narrador onisciente é quem descreve nesse excerto as memórias do avô de Maria-Velha e nos apresenta a história de Luisão da Serra (pai de Maria-Velha e Mãe Joana)

O avô de Maria-Velha sempre chorava [...] O velho tinha um amontoado de dores. Dos vários filhos que tivera, perdera quase todos. Vivo, só tinha Luisão e, mesmo assim, louco. Luís fora **menino inteligente, sempre indagador das coisas e das causas. Era um rebelde, odiava os sinhôs.** Quando venderam a sua irmã, por ela ter agarrado o sinhô pelo peito da camisa, ele vomitava ódio e prometia se vingar, pôr fogo na casa-grande. Chorou a noite toda. E o pai teve uma surpresa. **Luís falou com ele durante horas naquela língua da terra distante.** O pai pensava que o garoto soubesse falar só a linguagem dos brancos. Qual nada! Surpresa e alegria, Luís falava aquela linguagem tão bonita! No outro dia Luís sumiu.[...] Um dia, sem quê nem para quê, apareceu o menino, voltou já rapaz, homem feito. Luís de barba no rosto, alto, muito alto, sempre com aquele olhar distante. [...] **Nessas andanças descobri coisas... Há muito que branco não é mais dono de negro. Nem vender Iya, a mãe, com os filhos, nem vender Ayaba, minha irmã, podiam. Tenho algum dinheiro, labutei fora, trabalhei madeira vendi.** O homem velho e o homem moço foram a caminho. O velho calado, o moço mudo. **O homem moço comprou um pedaço de terra, passaram a lavrar o que era de seu,** pai e filho. A vida seguia calma boa. Luís vivia a cismar coisas, a falar sozinho. O pai queria tanto que o filho casasse, tivesse mulher e filhos, se multiplicasse, continuasse a raça. Luisão da Serra cumpriu os desejos do pai. Casaria. Uma negra calma haveria de ser a bonança, a paz, a lucidez de sua loucura. **Teria filhos: Maria, Tatão, Natividade, Ilídia e Joana.** Ele já velho já velho [...] Maria era igual, era a imagem pura de sua filha Ayaba. Filha para quem ele escolhera um nome bonito. [...] **Filha que ele pôde chamar de Ayaba que na linguagem dele e de seu povo significava Rainha.** Maria era igual a Ayaba, Maria parecia com a Rainha. (EVARISTO, 2017, pp. 33-35, grifo nosso)

A partir desse fragmento é possível perceber como o texto evaristiano equilibra a descrição/denúncia sobre *crimes* e *criminosos*, ao tempo em que imprime *leveza* e *afetividade* nas *vivências* das relações.

Os destaques nesse excerto explicitam a linhagem de Maria-Nova, o avô da narradora, Luisão da Serra, *inteligente, sempre indagador das coisas e das causas*, o pai de Maria-Velha e de Mãe Joana, *era um rebelde, odiava os sinhôs*, e aprendera também a língua dos ancestrais. “*Luís falou com ele durante horas naquela língua da terra distante*”, o bisavô da jovem narradora reage com surpresa e alegria quando percebe que o filho carrega esse legado, herança que o bisavó também possui, pois escolhera o nome da filha que lhe foi criminosamente arrancada na língua de seus ancestrais, *Filha que ele pôde chamar de Ayaba que na linguagem dele e de seu povo significava Rainha*. (EVARISTO, 2017, p. 33, grifo nosso)

Esses fragmentos demonstram como o texto evaristiano é herdeiro das tradições africanas ao apresentar as memórias de vivências negras ao tempo em que se inscreve e denuncia as *mazelas*. A pesquisadora Rosângela Aparecida Cardoso da Cruz aponta que “a memória enquanto linguagem se constitui como possibilidade de herança ancestral, o único meio de manter viva uma identidade afrodescendente que se encontra representada na diáspora africana” (CRUZ, 2016, p. 147).

Kabengue Munanga e Nilma Lino Gomes registram que “A população negra nunca aceitou passivamente essa situação. Na luta pela construção da cidadania muito sangue foi derramado” (MUNANGA; GOMES, 2006, p.108), porém a História Oficial e a literatura hegemônica pouco nada registrou nas letras brasileiras, quem realiza essa arte de registrar na escrita as memórias coletivas sem realizar estereotípias são as/os escritoras/es negras/os que ao longo dos séculos cumprem o papel de *narrar/contar* literariamente as lutas e as vidas vividas.

Ao falar sobre a capacidade da literatura e como sua construção toca a/o outra/o, o crítico Cuti (Luís Silva) aponta que a “subjetividade negra é intransferível, mas ela é comunicante pela semelhança de seu conteúdo humano. Por essa via da semelhança e por um movimento empático e cognitivo do outro” (CUTI, 2010, p. 88) e afirma que

O escritor, para mergulhar no universo diferente, necessita atuar como um ator na escrita, como se o outro fosse. No Brasil, os escritores brancos poderiam ter oferecido ao seu público tais experiências, mas perderam e perdem essa oportunidade por se negar estar não na pele, mas no coração de um negro e, a partir daí realizar seu texto. É que os preconceitos também têm sua profundidade e participam da moldagem da personalidade e até do estilo. (CUTI, 2010, p. 88).

O mergulho no universo de vivências de pessoas negras (sem estereótipos) está, portanto, na escrita de autoras(es) que são negras/os. Para Conceição Evaristo, a leitura e a escrita funcionam com duas oportunidades, de acordo com suas palavras “a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também desde aquela época abarcava estas duas possibilidades” (EVARISTO<sup>64</sup>, 2005).

---

64 Conceição Evaristo. Depoimento: **Da Grafia-Desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Disponível em: <https://nossaescrivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>

A ficção em *Becos* se (con)fundem com a realidade, pois a matéria narrada faz parte da história da autora e de tantas/os brasileiras/os que também tiveram seus lares desapropriados.

O texto atemporal alude as *vivências* da autora, nesse jogo *realidade/ficção* o romance toca as leitoras/es justamente porque realiza o conceito *escrevivência* criado e cunhado pela romancista, em que afirma que a expressão literária produzida por negras e negros é “um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou melhor dizendo, escrita e vivência” (EVARISTO, 2017, p. 9).

Heloísa Toller Gomes quando escreve sobre a escrita evaristiana no prefácio do livro de contos *Olhos d'água* ganhador do prêmio *Jabuti* de 2015 na categoria *Contos e Crônicas*, afirma que

a positividade textual prevalece, apesar de tudo. Uma positividade em que escrever é, certamente, “uma maneira de sangrar”; mas também de invocar e evocar vidas costuradas “com fios de ferro” – [...] a persistente costura dos fios da ficção, não decerto a imortalidade, mas a tenaz vitória humana, a cada geração, sobre a morte. (GOMES, 2016, p. 11).

A professora e crítica literária Heloísa Toller Gomes comenta a escrita dos contos, e nós trazemos suas considerações também para a análise de *Becos*, em que a romancista tece os fios das memórias recuperando *mazelas* e *alegrias* e dando voz aos velhos, adultos e jovens.

Ao narrar sobre os *padecimentos* e *deleitações* as desigualdades da sociedade brasileira no texto não são escamoteadas, é uma escrita que *invoca* e *evoca* vivências de afeto, mas também é uma *escrita que sangra*.

Um narrador onisciente descreve “Os festivais de bola na favela tinham gosto de grandes alegrias. Aconteciam em uma época certa, era uma vez por ano. Duravam meses, durante os sábados e domingos. O campo era uma área livre, enorme, que ficava entre a favela e o bairro rico. Bem rico e bem próximo” (EVARISTO, 2017, p. 23). Na narrativa sobre o gosto da alegria também está a parcela de uma escrita consciente de classe, ao frisar que o bairro rico estava bem próximo da favela.

Na descrição estão as alegrias sobre a (con)vivência na comunidade ao tempo em que demonstra o compartilhamento, a solidariedade entre os moradores:

No campo, a terra solta, durante os jogos, a cada chute dado, levantava um redemoinho de pó, os jogadores caíam e rolavam na poeira. Em dias de chuva, caía-

se na lama, às vezes até se machucava, mas a disputa continuava. Juntos estavam os operários, os vagabundos, os marginais em hora de gozo e lazer.

Em volta do campo fincavam-se bandeirinhas armadas em um varal de estacas de bambu. A garrafa de cachaça rodava de mão em mão, algumas cervejas também. Miúdos de porco eram sempre servidos. Muita gente criava porquinho no chiqueiro, no fundo do barraco. A bebida ficava sempre por conta daqueles que no momento tivessem mais. Donos de botequim e de bitaquinha sempre davam alguma. A criançada ganhava balas, pipocas e pirulitos. Os heróis ali muitas vezes ganhavam mulheres. Brigas sempre, só de faca; tiro, às vezes saía algum. Muito raro alguma morte. Se morte havia, o jogo, a bola não tinham culpa. Existiam outros motivos; quase sempre mulher. (EVARISTO, 2017, p. 25)

O texto mostra que os tempos dos jogos era propício para o *gozo e lazer* de adultos e crianças, a cachaça, os petiscos de porco, a cerveja era deleite dos adultos, enquanto doces e pipoca faziam o agrado para as crianças.

O texto evaristiano “constrói em sua narrativa a trajetória da solidariedade daqueles(as) que encontraram um apoio entre si que ia além dos laços feitos por consanguinidade, uma vez que, muitas vezes, haviam perdido o contato com suas famílias” (SILVA, 2013, p.101). As memórias de Maria-Nova também recuperam laços de amizade, companheirismo e solidariedade entre os moradores.

O crítico literário Eduardo de Assis Duarte, afirma que “*Becos da Memória* traz uma das marcas registradas de sua autora e descarta a violência gratuita que marca muitas vezes a representação dos excluídos em nossas letras. Mais do que isso, busca narrar suas raízes” (DUARTE, 2013 apud OLIVEIRA, 2013).

A escrita literária de Conceição Evaristo como herdeira das tradições africanas realiza o que Vanda Machado aponta sobre o *narrar/contar* histórias, ela assevera que “a memória das antigas sociedades africanas se apoiava na transmissão continuada de histórias, contendo conhecimentos, princípios e valores que preservavam, entre outros, o sentido agregador enquanto família e vinculação à terra” (p. 80), a autora indica que nessas sociedades “o ato de lembrar está na essência das tradições que sustentam a organização comunitária e formas de governar nessas sociedades” (MACHADO, 2006, p. 80).

Em *Becos*, as personagens herdeiras das tradições africanas conduzem e preparam a jovem narradora, são as pessoas adultas e/ou mais velhas – Maria-Velha, Tio Totó, Tio Tatão, Mãe Joana, Vó Rita, Bondade entre outras/os – que ao *narrar/contar* reiteradas vezes as histórias para a jovem Maria-Nova plantam em seu peito o desejo de (re)contar as memórias tantas vezes repetidas por elas e por eles, a jovem vai além da tradição, protagonista de seu

destino Maria-Nova também se ocupa de *narrar/contar* o que ela mesma percebeu e testemunhou.

A pesquisadora Cátia Cristina Bocaiuva Maringolo em sua dissertação de mestrado escreve sobre o acúmulo de memórias passadas de geração em geração e aponta que essas recordações partem

de personagens femininas e masculinas, sendo que em um primeiro momento ela é narrada pela voz dos homens: Vô Vicêncio, Bondade, Tio Totó. Entretanto, Evaristo sublinha o papel da mulher como a tecedeira dessas memórias, aquela que vai manter a herança do passado como matéria viva. Os narradores dos romances, em última instância, demonstram que manter a memória dessas personagens vivas é também manter a história que não foi contada pelas páginas amareladas da História audível. (MARINGOLO, 2014, p. 30)

*A organização comunitária em Becos* é representada por atos de solidariedade entre a vizinhança, como apontamos na primeira seção, a comunidade conta com uma personagem idosa agregadora com a qual o romance inicia e termina a narrativa, “Era bonita Vó Rita! Tinha voz de trovão. Era como uma tempestade suave. Vó Rita tinha rios de amor, chuvas e ventos de bondade dentro do peito” (EVARISTO, 2017, p. 28). Maria-Nova e todas/os demais moradoras(es) possuem grande admiração e respeito por Vó Rita, uma mulher adulta, mais velha, que atua como uma matriarca na comunidade,

Quando Vanda Machado trata das tradições orais e das memórias africanas e afro-brasileiras, aponta que “a comunidade, no que se lembra e pela forma como se lembra, reverencia os seus ancestrais, conservando os valores de convivência que estão na *memória* como um “jeito de ser”, “pertencer” e “participar” (MACHADO, 2006, p. 80, grifo da autora).

Quando abordo as/os interlocutoras/es com a qual Maria-Nova possui mais afinidade cito Bondade, esse homem adulto ao qual não se sabe a idade e nem de onde veio. As memórias que a jovem narradora recupera do tempo de seu “eu-menina/jovem”, conservam os *valores daquela convivência* que era também de solidariedade e afetividade, como se percebe no fragmento que descreve a vivência de Bondade pelos *Becos* da favela e das memórias

O tempo ia passando, Bondade ficando ali. Comia em casa de um, bebia em casa de outro. Era amigo comum de dois ou mais inimigos. Não era traidor nem mediador também. Quando chegava à casa de um, por mais que indagassem, por mais que futricassem, Bondade não abria a boca. Desconversava, conversava, e a intriga morria logo. Vivia intensamente cada lugar em que chegava. Cada casa, cada pessoa, cada miséria e grandeza a seu tempo certo, no seu exato momento. (EVARISTO, 2017, p. 25)

O narrador onisciente descreve que “Bondade sofreu muito com o desfavelamento. Ele, Tio Totó, Maria-Nova e algumas crianças foram talvez os que naquela época traziam o coração mais dolorido” (EVARISTO, 2017, p. 25).

Bondade é descrito como um homem que proporcionava “alívio para o coração de todos” (EVARISTO, 2017, p.24) e ele chega trazendo “também alguns raios de sol, estiagem passageira, que só durou o tempo da partida” (EVARISTO, 2017, p.24), nesse fragmento Bondade leva alívio e sol ao dia de partida de futebol, ao longo da narrativa a personagem não deixa de carregar as características que seu nome comporta.

A escrita literária em *Becos da Memória* é quase atemporal, o texto não apresenta datas cronologicamente marcadas em referência aos acontecimentos históricos datados da nação brasileira e do mundo, porém algumas circunstâncias são aludidas, como no fragmento a seguir no relato de Tio-Totó

Um dia ele escutou falar no rádio de uma bomba que foi jogada num lugar aí no estrangeiro (no Brasil, não acontece dessas coisas) e que arrasou com uma cidade. Quem escapou, ficou doente, de doença brava no corpo e no sangue. Será que estava acontecendo o mesmo na favela? Se acontecesse o mesmo, sentiria, não por ele, mas pelas crianças, por Maria-Nova que trazia dentro de si tanta vida. (EVARISTO, 2017, p. 75)

Nesse excerto além da narrativa fazer alusão a segunda guerra e o bombardeamento nuclear efetuado pelo governo estadunidense nas cidades japonesas Hiroshima e Nagasaki o texto também mostra ironia ao afirmar que “no Brasil não acontece dessas coisas”, analisamos como ironia essa frase, porque uma bomba não é jogada, mas os números dos índices de assassinatos naquela época e ainda hoje conforme foi exposto pelo *Ipea* é comparável ou até maior que certas regiões em guerra.

Tio Tatão também narra histórias de guerra, Maria-Nova inscreve na *memória* de seu texto duas histórias de guerra que seu tio contara, estas também não são localizadas cronologicamente no tempo, porém pelas informações aludidas podemos descobrir as quais guerras a narrativa se refere

lembrou-se de Tio Tatão. Ele contava histórias de guerras. Um dia ele contou um pouco da guerra de que havia participado. E não se sentia herói por isso. Na época era preciso recrutar mais e mais soldados e só por isso ele foi aceito para o serviço militar. *Quando se alistou, não era alfabetizado ainda.* Havia outras questões, uma delas era o fato de ele ser de baixa estatura. *Mas todos eram bem-vindos naquele momento: negros, índios, cafusos, sararás... Não se excluía ninguém. Naquelas circunstâncias a pátria era de todos.* Tio Tatão ainda narrava a história de uma outra

guerra. Aquela em que muitos escravos participaram da peleja. Foram com a promessa de que, quando voltassem, ganhariam a liberdade. Guerrear foram, havia a promessa da alforria. Muitos negros morreram na época e os que voltaram puderam perceber que a conquista da liberdade pedia não somente a guerra de que eles haviam participado, mas *uma luta muito particular, a deles contra a escravidão*. (EVARISTO, 2017, pp. 55-56 – destaques nossos)

No excerto acima podemos perceber que a narrativa se refere a segunda guerra mundial e a outra anterior a essa a guerra contra o Paraguai (guerra da tríplice aliança fomentada pela Inglaterra) antes da “lei áurea”.

O texto não se furta em fazer a crítica às forças armadas brasileiras que no momento do alistamento recusara Tio Tatão quando ele não era alfabetizado ainda com a desculpa da “baixa estatura, porém depois para ir guerrear em outro continente todos eram bem-vindos naquele momento: negros, índios, cafusos, sararás... Não se excluía ninguém. Naquelas circunstâncias a pátria era de todos.” Nesse momento a estatura de Tio Tatão não incomodou os oficiais recrutadores, o texto revela também a perversidade dos “sinhôs” no período escravocrata, pois para guerrear contra a nação vizinha enviaram muitos escravos participaram da peleja, homens que aceitaram por causa da promessa de que, quando voltassem, ganhariam a liberdade.

Tio Totó e Tio Tatão nesses dois fragmentos são personagens que "serve de memória viva no presente e subsidia a imaginação e as reminiscências da narradora, que as contará no futuro" (CRUZ, 2016 p. 16). A pesquisadora Jane Cristina Cruz em sua dissertação aponta que são por meio das “rememorações que a escritora interliga o atual processo de desfavelamento a que os moradores são submetidos, as mazelas relativas a ele, à servidão do passado” (CRUZ, 2016 p. 16).

Jane Cristina Cruz observa que no caso da personagem Tio Totó, "as recordações afloram pelas dores que a vida ofertou a ele" concordamos com a pesquisadora quando afirma que “tudo isso exalta o caráter reflexivo da escrita” literária de Conceição Evaristo (CRUZ, 2016 p. 16).

Outro acontecimento histórico que em minha leitura considero que está aludido no texto refere-se a Revolta da Chibata (1910), e a atuação de João Cândido Felisberto, nosso herói que entrou para a História conhecido como o *Almirante Negro*, digo que é uma alusão, porque o *tempo do acontecido* está distante do tempo recuperado nas memórias no romance, o

que percebe são certas analogias entre a trajetória de vida do *Almirante Negro* e o percurso percorrido pela personagem Negro Alírio ao longo da narrativa.

Kabenguele Munanga e Nilma Lino Gomes registram que “a revolta durou alguns dias no ano de 1910, mais de dois mil marujos agitaram a Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, ao se apoderarem de navios de guerra para exigir o fim dos castigos corporais na marinha do Brasil” (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 108). João Cândido Felisberto foi um líder na revolta contra esses castigos.

Os autores citam Marília Trindade Barbosa (1999) ao afirmar que o Brasil tinha adquirido dois navios couraçados (navios de guerra), “o Minas Gerais” e o “São Paulo”, três cruzadores, seis caça-torpedeiros, seis torpedeiros, três submarinos e um transporte, tudo “para aparelhar a nossa marinha de guerra”, nessa época o país era considerado uma potência quando comparado a outros, por exemplo com a Inglaterra “que com cem anos de progresso nessa área, só tinha um navio blindado” (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 109).

Kabenguele Munanga e Nilma Lino Gomes apontam que essa modernização, no entanto não transformou as relações e condições de trabalho, “o recrutamento do pessoal, o regime de trabalho, as normas disciplinares e os cuidados com a alimentação continuavam os mesmos das caravelas e dos tumbeiros (navios transportadores de escravos). O código disciplinar da marinha ainda era o mesmo do tempo da monarquia” (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 109-110).

Os autores registram que Marechal Deodoro da Fonseca, em 1889 havia extinguido os castigos corporais, porém no ano seguinte tornou a legalizá-los: “*Para as faltas leves, prisão e ferro na solitária, a pão e água; faltas leves repetidas, idem idem por seis dias; faltas graves, 25 chibatadas*” (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 110, grifo dos autores).

Como já foi colocado antes, a “lei áurea” pouco transformou as relações e condições de trabalho, o documento citado por Kabenguele Munanga e Nilma Lino Gomes explicita todos os castigos que se mantinham até 1910 quando a Revolta acontece.

Repetimos a afirmação dos autores: “A população negra nunca aceitou passivamente essa situação. Na luta pela construção da cidadania muito sangue foi derramado”. (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 108). João Cândido Felisberto narra em seu depoimento que

O Comitê Geral resolveu, por unanimidade, deflagrar o movimento no dia 22. Naquela noite o clarim não pediria silêncio e sim combate. Cada um assumiu o seu posto e os oficiais de há muito já estavam presos em seus camarotes. Não houve

afobação. Cada canhão ficou guarnecido por cinco marujos, com ordem de atirar para matar contra todo aquele que tentasse impedir o levante. Às 22:50, quando cessou a luta no convés, mandei disparar um tiro de canhão, sinal combinado para chamar à fala os navios comprometidos. Quem primeiro respondeu foi o "São Paulo", seguido do "Bahia". O "Deodoro", a princípio, ficou mudo. Ordenei que todos os holofotes iluminassem o Arsenal da Marinha, as praias e as fortalezas. Expedi um rádio para o Catete, informando que a Esquadra estava levantada para acabar com os castigos corporais" (BARBOSA, 1999 apud MUNANGA; GOMES, 2006, p. 110)

Cabe recordar que durante décadas o nome do nosso líder e herói João Cândido, foi proibido de ser mencionado, homenageado, durante a ditadura os compositores João Bosco e Aldir Blanc foram censurados na letra de música “O mestre sala dos Mares” em que homenageavam o *Almirante Negro*<sup>65</sup>.

A trajetória de Negro Alírio no romance e sua liderança contra as injustiças em todas suas andanças, me trouxeram a memória a história do nosso líder Almirante Negro, também o nome parece fazer jogo Negro Alírio, enfim, no excerto abaixo se pode conhecer um pouquinho dessas *parecenças* em seguida apresento minhas impressões sobre esse percurso da personagem

Dora gostou muito também quando Negro Alírio contou que, lá no estado onde ele morava, até uns dias atrás, tinha mar. O último trabalho dele era quase no mar, ele via as águas imensas todos os dias. Trabalhava no porto, carregando e descarregando navios [...] **Os homens, os companheiros de cais, sabiam tudo de sindicato, de leis, direitos e deveres.** Eram rudes e sábios. Eram fortes e não recuavam. Tinham consciência de suas forças. **Conseguiam incomodar, quando faziam greve, o Brasil inteiro. Só que sofriam represálias depois das greves.** Às vezes, um ou dois meses após, eram mandados embora um por um dos líderes, aqueles que mais sobressaíam. Havia companheiros fiéis que eram capazes de morrer pelos outros. Esses tinham feito a escolha na vida de lutar pela causa operária e não desistiam por nada. Perdiam o emprego... Pensa que viravam ovelhinhas? Nunca. Voltavam mais fortalecidos ainda para um novo local de trabalho. **Lá no porto, havia companheiros assim,** normalmente falavam do Partido. Convidavam-me para as reuniões. Eu fui algumas vezes, não cheguei a entrar para o Partido. Até estava pensando muito sobre o assunto, mas nem tive tempo para decidir. (EVARISTO, 2017, p. 96, grifos nossos)

---

65 O jornalista Edmar Morel que escreveu um livro sobre o líder João Cândido teve seus direitos políticos cassados por ter escrito a obra. Para a nação brasileira e as forças armadas brasileira durante décadas foi omitida essa batalha e o nome de seu herói, somente em 2005 é que foi promulgado pelo presidente Lula o acesso aos documentos que até então estavam vetados pela marinha o conhecimento de pesquisadoras(es) e demais brasileira(os) interessadas(os). Mais uma vez a historiografia oficial negou o nosso direito de conhecer e reverenciar nossos heróis. Mas somos resistentes e sua história está na memória coletiva, em músicas e livros, mesmo que temporariamente proibidos.

Nesse excerto vemos que Negro Alírio trabalhava no porto em companhia de homens *rudes e sábios que conseguiam incomodar quando faziam greve*, o Brasil inteiro, semelhantemente ao Almirante Negro. Já no fragmento abaixo é Negro Alírio quem toma para si o trabalho de liderar a comunidade contra o processo de desocupação

[...] Negro Alírio tomou para si o trabalho [...] **muita coisa poderia mudar. E quem mudaria? Quem mudaria seria quem estivesse no sofrimento. Quem arreda a pedra não é aquela que sufoca o outro, mas justo aquele que sufocada está.**[...] Negro Alírio, contudo teimava em dizer que aquilo não era vida. Que os grandes, os fortes, os que estavam do lado de lá, queriam que todos os do lado de cá fossem realmente fracos, bêbados e famintos. E o pior, eles queriam dirigir o nosso ódio contra nós mesmos, queriam que fôssemos inimigos. (EVARISTO, 2017, p. 136, grifos nossos)

No excerto acima ainda que ele tome para si o trabalho ele afirma que “*quem mudaria seria quem estivesse no sofrimento. Quem arreda a pedra não é aquele que sufoca o outro, mas justo aquele que sufocado está* (EVARISTO, 2017, p. 136, grifos nossos) demonstrando que naquele momento todos tinham que participar e lutar contra a desocupação e não lutar entre eles mesmos.

No fragmento abaixo Negro Alírio demonstra a preocupação com a carteira de trabalho

Negro Alírio, da construção onde arranjava serviço como pedreiro, olhava o mundo [...] Tinha receio de lhe dar a carteira de trabalho. O patrão descobriria que ele era ex-empregado do porto, aliás nem baixa sua carteira tinha. Como explicar tudo? Abando de emprego, por quê? O movimento, a greve, o levante dos operários do porto havia sido noticiado por todo o Brasil. Se o novo patrão descobrisse, além de perder o trabalho, seria tomado como subversivo. Não que tivesse medo da prisão! Nunca fora preso. Sabia de companheiros que foram presos. Alguns haviam desaparecido. Não podia ser preso, queria estar solto, livre aqui na dura lida. (EVARISTO, 2017, p. 145)

Assim como o Almirante Negro sofreu por ser o líder da revolta da Chibata, aparentemente a personagem Negro Alírio também receia as consequências por haver participado das greves no porto.

Essa análise é uma possibilidade de leitura que realizamos ao comparar a trajetória de vida da personagem Negro Alírio ao longo do que vai sendo revelado no romance com a história do Almirante Negro, posto que a Revolta que João Cândido liderou conseguiu incomodar o Brasil inteiro, nosso líder na vida real assim como na narrativa sofreu com a represália depois da batalha, João Cândido foi expulso da marinha brasileira.

A biografia de João Cândido se assemelha a de Negro Alírio por não aceitar as injustiças e lutar e incentivar os seus a lutar contra elas, assim como a personagem no romance afirma “*muita coisa poderia mudar. E quem mudaria? Quem mudaria seria quem estivesse no sofrimento. Quem arreda a pedra não é aquela que sufoca o outro, mas justo aquele que sufocada está*” (EVARISTO, 2017, p. 96, destaques nossos)

Conceição Evaristo, também uma líder, em seu texto ela revoluciona a forma como nós mulheres somos retratadas, ela (re)posiciona a ação de mulheres e homens que não aceitaram nem aceitam passivamente as injustiças.

A personagem Maria-Nova ao ouvir as histórias sobre Negro Alírio o admira e percebe certas semelhanças com ele, como ele agiu na meninice, na juventude, no fragmento a seguir podemos ler/ver a admiração da jovem “*Gostava de alguns pontos coincidentes entre ela e o Homem. Ambos tinham o desejo de aprender a ler. Pequeninha ainda, se entretinha horas e horas com revistas e jornais que a mãe e a tia lhe traziam*” (EVARISTO, 2017, p.63 – destaques nossos), a jovem assim como Negro Alírio também compartilhava seu saber a quem ainda precisava aprender a ler e escrever, sendo esse um de seus primeiros empregos, “*Maria-Nova, à medida que aprendia, se tornava mestra dos irmãos menos e das crianças vizinhas. Maria-Nova crescia, lia, crescia*” (EVARISTO, 2017, p. 64).

A narrativa evaristiana insere pontos coincidentes entre as personagens Maria-Nova e Negro Alírio, na trajetória dos dois: o trabalho de ensinar, o desejo de aprender, o prazer na leitura, o prazer em adquirir conhecimento e também o trabalho realizado por ambos em compartilhar esse saber. O reconhecimento da jovem narradora sobre essas *parecenças*, demonstram o que a própria romancista afirma sobre as diferenças nas correntes feministas

Na questão do feminismo, por exemplo, enquanto as mulheres brancas precisaram sair às ruas para ficar livres da tutela do pai, do marido ou do irmão, *esse não foi o nosso caso. Não precisamos lutar pra ficar livre da dominação e querer trabalhar. A gente sempre precisou trabalhar. O nosso feminismo vem para a gente se afirmar como pessoa. Eu acho que a nossa primeira luta feminista não foi contra o homem negro, mas contra os nossos patrões e patroas.* Enquanto a primeira luta da mulher branca e da mulher de classe média foi contra os homens de sua própria família - e eu não estou dizendo que o homem negro não seja machista -, nós nos posicionamos primeiro contra o sistema representado, principalmente, pelo homem branco e pela mulher branca. (EVARISTO, 2008, apud SOUZA, 2011, p. 155,156)

Essas diferenças que a romancista aponta na entrevista se concretiza na narrativa em *Becos da Memória* em que vozes femininas e masculinas são valorizadas, não há uma luta contra o homem negro no enredo, a luta é primeiramente de raça e classe, ainda que haja o

machismo, contudo existe uma certa cumplicidade nascida justamente das condições materiais do racismo e da pobreza, em que juntos mulheres e homens precisam se apoiar e lutar para superar e sobreviver.

Nesse sentido, cabe recordar que a trajetória de construção e publicação de *Becos da Memória*, posto que Conceição Evaristo revela que a “narrativa nasceu em 1987/88” e viveu uma “longa espera de vinte anos” para conseguir a primeira publicação, o romance foi publicado pela primeira vez no ano 2001 pela Mazza Editora, em 2013 teve uma segunda edição pela Editora Mulheres e em 2017 uma terceira edição pela Pallas Editora e Distribuidora.

A dificuldade de uma escritora negra brasileira conseguir publicar sua obra demonstra que a sociedade brasileira resiste a reconhecer e difundir narrativas cujos discursos e personagens desvelem as relações racistas, quer esse discurso trate das memórias doloridas do período escravagista quer seja uma narrativa que denuncie as condições das “periferias e favelas” na contemporaneidade.

Simone Pereira Shmidt aponta que o extenso intervalo de tempo entre a escrita e a primeira publicação “é por si só revelador das imensas dificuldades que enfrentam, em geral aqueles que, vindos de lugares distintos dos centros – sejam eles geográficos, sociais, econômicos – lutam, para transpor barreiras” (2006, p. 185).

Este grande intervalo de tempo entre a escrita e a publicação é apontado nessa postura reflexiva de Evaristo como resultado da relação interseccional entre: raça/gênero/classe, por isso é relevante esse olhar sobre as relações desiguais que o capitalismo e o racismo impõem principalmente as mulheres negras e/ou da classe trabalhadora.

A escrita literária de Conceição Evaristo como ato político no que tange a predominância masculina de exposição/divulgação/publicação e como uma escrita engajada na re(escrita) da vivência de homens e mulheres negras está bem explícita não somente no conjunto de sua obra literária como também ela apresenta essa reflexão em seus artigos, ensaios e entrevistas. No ensaio intitulado “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”, ela afirma

quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (EVARISTO, 2009a, p. 18)

No excerto abaixo, é possível comprovar como o texto evaristiano é potente em dotar de humanidade e afeto as personagens sem, contudo, pintar um quadro que apague as reais condições das desigualdades de classe brasileira, a personagem Ditinha possui família, filhos, se preocupa com eles, mas também se registra a denúncia do que acontece com mulheres negras e pobres que não podem pagar um aborto em clínicas com condições adequadas, a hipocrisia da sociedade é desvendada a cada observação e comparações que a personagem realiza

Ditinha, em poucos minutos, estaria em casa e isto a contrariou um pouco. Resolveu dar uma volta pelo quarteirão da favela. E assim fez. Adiou um pouco o seu encontro com a miséria. No barraco de Ditinha, moravam ela, seus três filhos, sua irmã e o pai paralítico. Dois cômodos, a cozinha e o quarto-sala onde dormiam todos. Lá fora, ficava a privada, a fossa.[...] Seus meninos tinham treze, dez e oito anos. Estava na escola havia séculos e não saíam do primeiro ano. E o que mais assustava era que o Beto estava virando homem. Ele ficava o dia todo zanzando pela favela, tinha abandonado a escola. Ela temia que o Zé e o Nico fizessem a mesma coisa [...] Na última gravidez, ela já sabendo que remédios, chás de nada adiantavam, pois tinha o organismo forte de mulher parideira [...] Maria Cosme enfiou uma sonda por dentro de Ditinha. A sonda ficou lá dentro quase dez dias [...] Sangrou até que foi parar no hospital. Os médicos queriam que ela dissesse o nome da “fazedeira de anjinhos”. Ela não disse mesmo; pelo contrário, se preciso fosse, se pudesse, até esconder Maria Cosme, ela esconderia. Tiveram que retirar o útero e o ovário de Ditinha. Ela respirou aliviada, pelo menos não criaria mais barriga mais nunca [...] Ditinha estava cansada humilhada. Olhou seu barraco, uma sujeira. As roupas amontoadas pelos cantos. Olhou as paredes, teias de aranha e picumãs. Um cheiro forte vinha da fossa. Era preciso jogar um pouco de cal virgem sobre as bostas [...] Muitas vezes, quando ela estava na casa da patroa ia almoçar, lembrava da comida que havia deixado em casa. O alimento crescia-lhe na boca, formava um bolo e não descia. Com lágrimas nos olhos, ela era obrigada a jogar aquela refeição tão boa no lixo, pensando nos seus que estavam com fome em casa. Tinha vontade de por tudo numa lata e pedir para levar para casa, mas tinha vergonha. (EVARISTO, 2017a, pp. 99-100)

Cabe ressaltar que não são apenas sobre as injustiças, dores e tristezas, o texto literário de Conceição Evaristo dá às personagens a vivência de afetos, amores. As mulheres e homens na narrativa demonstram a beleza, a força, a coragem, o companheirismo, enfim qualidades, sentimentos e relações que fazem parte do convívio humano em sociedade.

No texto *Vivendo de Amor* da estadunidense bell hooks a autora fala das possibilidades e (im)possibilidades que o povo negro na diáspora vive e/ou se permite viver, ela afirma que “o amor cura. Nossa recuperação está no ato de amar” e cita um trecho da bíblia, Evangelho segundo São João em que diz “Aquele que não ama ainda está morto”, nesse texto bell hooks, recorda o passado e analisa o presente como consequência, e adverte que

Muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor. Essa é uma de nossas verdades privadas que raramente é discutida em público. Essa realidade é tão dolorosa que as mulheres negras raramente falam abertamente sobre isso. Não tem sido simples para as pessoas negras desse país entenderem o que é amar. M. Scott Peck define o amor como "a vontade de se expandir para possibilitar o nosso próprio crescimento ou o crescimento de outra pessoa", sugerindo que o amor é ao mesmo tempo "uma intenção e uma ação". Expressamos amor através da união do sentimento e da ação. Se considerarmos a experiência do povo negro a partir dessa definição, é possível entender porque historicamente muitos se sentiram frustrados como amantes. O sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e consequentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos. (hooks, 2010, p.1)

Conceição Evaristo em *Becos* nutre personagens de amor e afeto, assim como também sem cair no estereótipo de uma sexualidade animalésca que usualmente a literatura brasileira destina mulheres e homens negras(os) a narrativa constrói personagens com erotismo, amor e direito a exercer suas sexualidades. Negro Alírio como já colocamos nas análises acima era um homem respeitado por todos tanto na favela, como em outros lugares por onde passou, um homem com consciência de raça e classe e solidário em suas ações, condizente com sua oratória, ele não apenas falava com as pessoas como também as auxiliava nas dificuldades da vida cotidiana, um homem com dignidade e beleza também que se apaixona por Dora e juntos iniciam uma caminhada lado a lado. O registro da chegada de Negro Alírio na favela é um exemplo de como o texto evaristiano também é carregado de erotismo e beleza

Negro Alírio chegou numa madrugada chuvosa. Estava molhado até os ossos. Era muito bonito, tinha as características negras bem marcantes. Maria-Nova gostou de Negro Alírio. Ela era uma menina, mas alguma coisa de mulher já bulia dentro de si. [...] Ela jamais esqueceria aquele homem molhado até os ossos, aquele ar misterioso, aqueles lábios carnudos. E aquela imagem, por longos anos, se tornou um vício. Maria-Nova sempre procurou aquela sensação primeira, aquela impressão deixada por Negro Alírio, no corpo, no jeito dos homens que ela veio a ter um dia. (EVARISTO, 2017a, pp. 39-41)

A primeira atração pelo sexo oposto se dá em uma madrugada chuvosa, a imagem bela e sensual do visitante que se hospeda na casa de Maria-Nova desperta na jovem a percepção sobre a atração pelo homem negro, as imagens positivas dos traços negros “bem marcantes” em outros momentos da narrativa estará presente na descrição de outras personagens femininas e masculinas. É importante ressaltar essa forma bela e positiva na descrição das personagens negras, posto que, em outras obras a literatura brasileira muitas vezes descreveu e animalizou as personagens negras, o texto literário de Conceição Evaristo retrata homens e mulheres negras em suas belezas físicas e também por suas posturas no compartilhamento da vida. Este homem negro também é narrado como um líder e confiante na possibilidade de transformação por meio de ações coletivas: “Negro Alírio insistia em nos injetar esperança. Não uma esperança apática, crente que o milagre pudesse acontecer, mas uma esperança que se concretizava na luta” (p. 152).

O companheirismo e a força para seguir adiante também são demonstrados pelas mulheres da família de Maria Nova, as mulheres que a educam Maria-Velha (tia) e Mãe Joana (mãe da narradora – protagonista). A força da personagem Maria-Velha é buscada nas memórias de sua família e na própria trajetória:

A vida para ele, para ela e para os que tinham vindo antes, tudo realmente havia sido trabalho perdido? Mas não podia ser! Relembrou de seu avô chorando enquanto ela dava pulos acabritados [...] Não, ela não queria entregar os pontos. Era preciso seguir segurando a vida. Havia as crianças, as das irmãs e as outras. Não! A vida não podia ser assim sempre, uma repetição doida! Quem sabe, sair da favela, ir para outros lugares. (EVARISTO, 2017a, p.142)

Nesse fragmento, ainda que a personagem Maria-Velha demonstre tristeza e apreensão pelo processo de desocupação de seu lar/favela, ao rememorar a história de sua família e sua própria trajetória vai reunindo forças para seguir adiante, a preocupação, o amor e o carinho pelas irmãs pelas crianças também a faz desejar a vida, recordando bell hooks no artigo *Vivendo de amor*, quando afirma que “a vontade de amar tem representado um ato de resistência para os afro-americanos”, essa constatação da escritora e feminista estadunidense também pode ser observada na realidade das famílias negras brasileiras.

O texto literário de Conceição Evaristo no fragmento acima demonstra como o amor, o afeto contribuiu para que a personagem Maria-Velha tivesse desejo e esperança de mudar de

vida, o sonho de uma transformação se faz necessário e dessa expectativa ela recobra o ânimo para dar prosseguimento aos preparativos para a mudança.

O texto evaristiano assim como seus ensaios e entrevista confirma o que Nilma Lino Gomes aponta sobre o compromisso ético e estético de intelectuais negras e negros brasileiros “no seu discurso, na sua produção escrita, na sua intervenção social, literária e acadêmica esses intelectuais expressam um olhar marcado não só pela sua condição de classe, mas, também pela raça” (p.428). Ao adotar essa postura a produção literária de Conceição Evaristo pode ser lida como uma realização para além da fruição estética, uma escrita literária realizada como *ato político*.

A pesquisadora Andressa Marques da Silva em sua dissertação de mestrado aponta para a construção de uma afetividade amorosa entre Dora e Negro Alírio, e entre Vó Rita e a Outra, e citando Denis de Rougemont declara que "o aporte e esperança que se deposita no outro sempre que a decisão de relacionar-se é tomada, como argumentou Denis de Rougemont (2003), percorre a trajetória amorosa desses dois casais" (SILVA, 2011, p.102). No excerto abaixo temos outra forma desse compromisso literário e do engajamento também nas questões feministas, ao construir a personagem Dora com independência e liberdade

Dora era uma mulher muito bonita. Mulata, alta, e os homens, quando queriam bulir com ela, cantarolavam um pedacinho de música assim: “Dora rainha do frevo e o maracatu...”. Ela ria feliz. Seu barracão era bem na esquina de um beco que se bifurcava em três becos que originavam outras ruelas. Passar na porta de Dora era um caminho obrigatório para quase todos. Ela era muito conhecida. Era também uma das rezadeiras, das tiradeiras oficiais de terço. Tinha uma voz alta e melodiosa. O corpo melodioso também. Os homens viviam assediando o barraco e o corpo de Dora. Ela vivia feliz. De tempos em tempos, tinha o seu homem certo. Eles viviam ali, depois não sei por que partiam. Não se ouvia briga ou choro. O que se ouvia cá de fora, vindo de dentro do barraco de Dora, era sussurro, gemido de prazerosos do amor. (EVARISTO,2017, pp. 90-91)

A personagem Dora morava sozinha porque sua mãe já havia falecido, era respeitada entre as pessoas da favela, e também era admirada e desejada pelos homens, o texto evaristiano constrói uma personagem independente, que trabalha ganha seu próprio dinheiro, gostava de si mesma e vivia plenamente sua sexualidade sem moralismos, vivia feliz, o texto evaristiano não é puritano, a autora não nega a humanidade dessa mulher independente de sentir desejo prazer.

Podemos finalizar retomando e reafirmando as elaborações de Conceição Evaristo sobre a “escrita como ato político” ressaltando que o conteúdo, a temática dessa escrita também se faz político, posto que ao longo dessa seção foi possível perceber que ao falar, contar, narrar o registro de vivência de personagens negras, sejam elas femininas ou masculinas, a romancista nutre de amor e afeto essas vivências, sem no entanto, esconder as violências de gênero existentes na comunidade, porque violência de gênero está em toda sociedade, mas são as escritoras(es) negras(os) que se preocupam em desvelar as violências físicas, psicológicas e simbólicas causadas pelo racismo.

### 3.2 La hora violeta: Dando vozes às palavras negadas

Ao indicar no título dessa seção que o romance *La hora violeta* dá voz a histórias que foram negadas e/ou ocultadas, o objetivo é demonstrar por meio das análises e dos arcabouços teóricos selecionados como a arte de narrar e narrar-se na narrativa recupera e registra histórias que foram negadas, ocultadas e/ou deturpadas pela História Oficial.

Em nossa análise buscamos apresentar o olhar das personagens femininas para o que ocorria no país durante o conturbado início do século XX. A narrativa está sujeita ao sabor da memória individual e coletiva das personagens, um constante ir e vir no tempo das recordações.

Nessa seção inserimos fragmentos do contexto histórico espanhol em consonância com os fragmentos e excertos retirados do romance para compor as análises das vozes que na narrativa se fazem ouvir.

Recordamos que a estrutura narrativa da obra é complexa, está organizada com diferentes formas de narrar: cartas, diário, anotações, apesar de aparentemente os títulos de cada capítulo indicarem um tempo demarcado, como se fosse uma narrativa tradicional de tempo cronológico linear, a escrita se dá rompendo a linearidade em todos os cinco capítulos.

Em *La hora violeta*, as memórias em disputas a serem narradas, são as que recuperam o período da Guerra Civil (1936-1939), o imediato pós-guerra e longa ditadura franquista, também inclui as memórias de sobreviventes catalães aos campos de concentração nazistas, recordamos que cabe a personagem Norma, o papel de narrar essas memórias e recuperar as vozes sobre a atuação de mulheres e homens que vivenciaram esse período.

Quanto às vozes na obra, percebemos o uso de um narrador onisciente em alguns trechos, bem como o uso da primeira pessoa para narrar fatos considerados relevantes para a história coletiva. María-Elena Bravo quando escreve sobre o papel e o uso do narrador na literatura espanhola a partir de 1955, disserta que

La narración se despliega a partir de una tercera persona y expone el mundo consciente del personaje en el presente narrativo y en el pasado que recuerda [...] Para reavivar los recuerdos en secuencias de tensión emocional es frecuente el uso de monólogo interior directo y, en consecuencia, el paso de la tercera a la primera persona singular.<sup>66</sup> (BRAVO, 1955, p.147)

Percebemos que Montserrat faz uso de uma multiplicidade de vozes, o uso de um narrador onisciente, o uso da terceira e primeira pessoa do singular, bem como do uso do monólogo interior. Este, porém, não está presente em toda a narrativa, pois há trechos em que as personagens parecem dialogar entre si.

Podemos constatar que o romance está estruturalmente organizado com a divisão do tempo em dois períodos históricos com três personagens que encaminham a narrativa em cada um desses dois ciclos.

A guerra civil espanhola e imediato pós-guerra com o início da ditadura franquista são narrados a partir das vivências e memórias das três personagens Patrícia Miralpeix, Judit Fléchier e Kati que registram suas atividades nos espaços públicos e privados da cidade de Barcelona, capital da Comunidade Autônoma da Catalunha.

As personagens vivenciam diferentes períodos da história contemporânea espanhola: Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e pós-guerra sob a ditadura franquista (1936-1975). As personagens: Patrícia Miralpeix, cunhada de Judit Fléchier e a amiga Kati são as personagens que vivenciaram a Guerra Civil Espanhola. Estas três personagens são retratadas pelo que se contam sobre elas e por meio de notas, diários e anotações que Judit Fléchier fez ao longo da guerra e da pós-guerra.

O outro ciclo histórico que abrange os anos finais da ditadura franquista e a redemocratização são narrados pelas personagens Norma, Natália Miralpeix e Agnès, os relatos dessas três mulheres se dá por meio da narrativa em primeira pessoa nas trocas de

---

66 A narrativa se desdobra a partir de uma terceira pessoa e expõe o mundo consciente da personagem no presente da narrativa e no passado que lembra [...] Para reacender memórias em sequências de tensão emocional, o uso do monólogo interior direto é frequente e, conseqüentemente, a passagem da terceira para a primeira pessoa do singular. (Tradução nossa)

ligações telefônicas e cartas entre Norma e Natália Miralpeix, e pelo narrador onisciente que apresenta as memórias de Agnès intercalada por fluxos de consciência.

Os relatos, cartas, diários e anotações de Judit Fléchier, Kati e Patrícia Miralpeix apresentam-se datados de 1936 a 1964, período histórico que compreende a Guerra Civil Espanhola e as primeiras décadas da ditadura franquista.

As personagens Norma, Natália e Agnès são personagens que nasceram no período da pós-guerra e cresceram sob o regime ditatorial franquista. Norma e Natália são feministas que atuam no Partido Socialista Unificado de Catalunha (PSUC), vinculado institucionalmente ao Partido Comunista da Espanha, e usufruem de liberdade financeira e sexual. Norma é escritora e Natália, fotógrafa. Agnès cumpre dupla jornada; trabalha em uma creche e cuida sozinha dos filhos.

O objetivo nessa última seção é demonstrar que como o conservadorismo e o machismo operaram na sociedade espanhola, posto que o contexto histórico político e social em que são inseridas as personagens do romance *La hora violeta* (1987) é de suma importância para a reflexão sobre como as instituições, ou seja, estado, igreja, família, partidos políticos e outras organizações buscam atribuir papéis e modelos de “ser e viver” aos homens e mulheres com o objetivo de controlar e disciplinar seus corpos.

A apresentação de cada relato não obedece a uma ordem cronológica das datas, o capítulo está estruturado com *desordenamento* de datas, primeiro 1958, depois *20 de setiembre de 1942*, em seguida 1958 outra vez, e assim as datas vão avançando e retrocedendo no tempo.

Nas anotações escritas por Patrícia Miralpeix, datada de 1964, ela revela como se sentia e como reagiam as amigas Judit e Kati, como as três se comportavam durante a guerra:

Kati era una alocada y se lo tomaba todo muy a pecho. Primero con los hombres después con la guerra, cuando nos decía que no podíamos estar parados, que había que hacer algo [...] Sobre todo durante la guerra, las dos arriba y abajo organizando las colonias para los niños del Norte [...] Barcelona adquiría aquel aire de muerte y espera. No querían bajar al refugio cuando sonaban las sirenas y se burlaban de mí si les decía que tenía mucho miedo.<sup>67</sup> (ROIG, 1987, p. 141).

---

<sup>67</sup> Kati era meio louca e levava tudo muito a sério. Primeiro com os homens depois com a guerra, quando nos dizia que não deveríamos ficar parados, que tínhamos que fazer alguma coisa [...] Ainda mais durante a guerra, as duas pra cima e pra baixo organizando as colônias para as crianças do Norte [...] Barcelona adquiria aquele ar de morte e espera. Não queriam descer ao abrigo quando as sirenes tocavam e riam de mim quando lhes dizia que tinha muito medo. (tradução nossa).

Os bombardeios citados por Patrícia são decorrentes do apoio armamentício enviado pelos facistas e nazistas, as regiões da Catalunha, País Basco, Andaluzia e outras comunidades foram fortemente bombardeadas pelo exército nacionalista.

Em *La hora violeta*, as referências aos fatos históricos são reveladas em meio a trama das relações amorosas das personagens, a eclosão da Guerra Civil é narrada por Kati, na anotação datada de Julho de 1936, na rememoração dos diálogos entre Kati e um de seus amantes se revela “¿No sabes la noticia? – dijo en cuanto Kati entró en el coche. – Parece ser que unos cuantos militares se han sublevado en África”<sup>68</sup> (p. 153). Esse levante militar citado no romance refere-se às ações dos Generais Goded e Franco nas ilhas Baleares e Canárias.

Os fatos históricos estão narrados no romance *La hora violeta* em diferentes fragmentos e capítulos. No terceiro capítulo intitulado “La novela de la hora violeta” (p. 119 a 171), por meio do entrelaçamento de “anotações, diários e cartas” escritos pelas personagens Judit Fléchier, Kati e Patrícia Miralpeix, parte destes textos são relatados por um narrador e também em primeira pessoa por cada uma delas.

Os fatos históricos vão sendo revelados ao sabor da memória e das anotações das diferentes personagens. As referências as dificuldades econômicas e os racionamentos de alimentos, energia também são relatados por Judit, na anotação feita em “15 de setiembre de 1948” ela revela “Apenas veo para escribir. Hay restricciones de luz, y los patios se inundan con tanta lluvia”<sup>69</sup> (ROIG, 1987, p. 133 – destaque da autora).

Em outro fragmento dessa anotação se revela que as personagens Kati e Judit conversam sobre a gravidade e a duração dos bombardeios “Pues va a durar, vaya si va a durar. Los discursos de los generales dan escolofrios, quieren salvar a España, dicen, y los italianos y los alemanes les ayudarán. Todo está patas arriba”<sup>70</sup> (p. 154) o uso do substantivo “escolofrios” denota o medo frente aos discursos proferidos pelos generais, também se demonstra a preocupação com a interferência dos italianos e alemães no auxílio ao campo conservador-nacionalista.

O lugar da mulher espanhola pertencente às classes médias e abastadas nos âmbitos da casa, da família e da sociedade, sua situação e transformação de seu papel ao longo dos

---

68 Não soube da noticia? - falou quando Kati entrou no carro. - Parece que alguns militares se rebelaram na Africa”.

69 Quase não vejo para escrever. Tem racionamento de energia e os quintais se inundam com tanta chuva.

70 Pois vai ser longa, vai ser muito longa. Os discursos dos generais dão calafrios, querem salvar a Espanha, dizem, e os italianos e alemães os ajudarão. Tudo está de cabeça pra baixo.

séculos implicam na reflexão sobre o contexto histórico político e social espanhol do final do século XIX e o início do século XX, onde os valores da tradição, da hierarquia e do catolicismo eram levados ao extremo.

Michel Foucault em “Vigiar e Punir”, no capítulo “Os corpos dóceis”, trata do adestramento do corpo e da mente, retoma as técnicas de disciplina do controle do corpo durante os séculos XVII e XVIII aponta o aperfeiçoamento de tais técnicas e suas utilidades afirmando que a disciplina “define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas que operem como se quer. [...] a disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos dóceis” (FOUCAULT, 1998, p.135)

O corpo e a mente feminina controlados e adestrados segundo os valores católicos moralistas eram úteis aos regimes conservadores que governaram a Península Ibérica ao longo dos séculos. Não podemos nos esquecer de que desde o Concílio de Trento a Igreja Católica assumiu grande importância na divulgação de modelos ortodoxos de comportamentos social e privado para homens e mulheres, promovendo uma abundância de publicações de tratados e livros de literatura moral com o intuito de instruir, ou melhor, de doutrinar a sociedade. Maria Aguado aponta que nos temas destas publicações sobressaltavam:

La división de funciones entre hombres y mujeres, excluyendo a éstas de lo público y polarizándolas hacia lo doméstico; especificación de las virtudes femeninas, subrayando de forma especial las del ama de casa trabajadora y diligente; insistencia en los temas referentes a la sexualidad y a la honra de las mujeres y la obsesión por mostrarles como elemento de tentación permanente para los varones; reiteración de la importancia que tiene la obediencia al marido o al padre, etc.<sup>71</sup> (AGUADO, 1994, p. 233).

O poder da igreja para exercer o controle sobre os corpos femininos era extremamente útil para as famílias burguesas, conservadoras e patriarcais, nesse sentido coincidimos com o que diz Foucault sobre a utilidade do poder e porque ele se mantém:

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (FOUCAULT, 1998, p. 8).

---

71 A divisão de funções entre homens e mulheres, excluindo-as do público e direcionando-as ao doméstico; ressaltando as virtudes femininas, sublinhando de forma especial as de dona de casa, trabalhadora e diligente; insistindo em temas referente a sexualidade, a honra das mulheres e a obsessão em colocá-las como objeto de tentação permanente para os homens; reiterando a importância da obediência ao marido e ao padre.

Por um longo período da história a sociedade espanhola aceitou e manteve de forma extremamente invasiva o poder e o controle sobre as mulheres e seus corpos. A sociedade espanhola até a segunda república e o advento da guerra civil espanhola aceitava e legitimava o discurso religioso cristão, segundo Foucault:

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 1998, p. 12)

Os conservadores e moralistas que detinham o poder econômico e político subjugaram as mulheres católicas em geral. As mulheres espanholas, em especial, durante séculos, foram doutrinadas por meio de ensinamentos nos textos, púlpitos e confessionários, que promoveram o descrédito e a desvalorização da mulher, desenvolvendo insegurança e falta de confiança na própria capacidade de estudar, trabalhar, enfim de participar ativamente na vida pública.

A contestação deste conservadorismo exacerbado por parte de socialistas, comunistas e anarquistas com ideais de caráter progressistas provocou certas transformações no cotidiano feminino com o advento da II República e da Guerra Civil Espanhola.

Segundo Ana María Aguado (1994, p. 234) “La guerra civil supuso la posibilidad de una mayor incorporación de las mujeres al espacio público (trabajos remunerados, ocupación de puestos en la industria, milicianas, etc)”. A conquista da independência econômica e pessoal por parte das mulheres possibilitaria certa liberdade e participação na sociedade.

A conquista do voto pelas mulheres mediante a Constituição provoca algumas alterações nas estratégias políticas das variadas tendências: anarquista, socialista, comunista e conservadora de certa maneira, aumentando a participação feminina na vida política do país, já que tanto os setores de direita como os de esquerda procuravam cooptar o apoio e o voto feminino em suas causas.

No chamado “biénio reformador” de 1931 a 1933, o governo provisório, que assumiu o poder junto com representantes dos partidos republicanos e socialistas tratariam das questões religiosa, regional, militar, social, agrária, educacional e cultural, segundo Bonnie Anderson e Judit Zinsser “en resumen, la incorporación de las mujeres a la vida pública durante el período republicano permitió un cambio en las relaciones de género, pues dio a las

mujeres posibilidades de independencia económica y personal al alejarlas, parcialmente, del dominio patriarcal familiar”<sup>72</sup> (ANDERSON, ZINSSER, 1991, p. 640).

Enfim, ocorreriam profundas transformações nas áreas econômica e social. Para a população feminina, as medidas tomadas, foram fundamentais:

A República espalhou pelo país um número enorme de jovens professoras que entendiam ter como missão “fazer a revolução”. Sem dúvida, durante a República, a escola foi um espaço fundamental para que a mulher conquistasse a consciência da cidadania, descobrisse um horizonte mais amplo que o de sua aldeia e se engajasse em um projeto político (DE MARCO, 1999, p. 14).

Para a grande maioria das mulheres de classe média e abastada como no nosso país pouca coisa mudaria. Por séculos estavam relegadas ao espaço privado do lar, às obrigações domésticas ou familiares, bem como à obediência ao pai ou ao marido às impediam de desfrutar a vida fora do âmbito da casa e da família.

Em 1933, destaca-se José Antonio Primo de Rivera, que em outubro cria a *Falange Española*, formada, também, por grupos da direita. Este grupo é declaradamente anti-republicano e atuante contra o liberalismo e o marxismo. A Falange também busca cooptar o apoio feminino através da criação da *Sección Femenina*, liderada por Pilar Primo de Rivera, filha do ex-ditador.

Vale ressaltar que essas associações organizavam as mulheres na luta contra as medidas implementadas pela República, fazendo-as trabalhar em campanhas contra os ideais revolucionários e organizando obras assistenciais sob ordens masculinas. A *Sección Femenina* da Falange, depois, com o advento da Guerra Civil e a Ditadura Franquista, exercerá papel fundamental para o controle ideológico da juventude feminina no pós-guerra.

Considerando o caos do governo republicano de direita (1934 a 1936) a esquerda começa a reorganizar-se criando a Frente Popular (comunistas, socialistas, antifascistas e outras facções de esquerda). Os grupos de esquerda contam ainda com o apoio das mulheres de mais uma organização, pois os anarquistas, que até então não tinham uma associação feminina, criam o grupo *Mujeres Libres*, cuja atuação denunciavam a existência do patriarcado e os privilégios concedidos aos homens mediante a submissão feminina. Essa associação consegue a publicação de alguns exemplares com o título *Mujeres Libres* o mesmo nome do

---

<sup>72</sup> Resumindo, a inclusão das mulheres à vida pública durante o período republicano possibilitou uma mudança nas relações de gênero, dando as mulheres possibilidades de independência econômica e pessoal ao afastá-las do domínio patriarcal familiar. (Tradução nossa)

movimento a que pertenciam. Vale ressaltar que este grupo não apenas propagava a libertação feminina como também aspirava à união entre homens e mulheres na luta pela liberdade, igualdade e justiça.

Durante a Guerra Civil Espanhola as mulheres, que desde o início do século vinham sendo inseridas na vida pública vão imergir em postos de trabalhos até então inimagináveis como, por exemplo, na indústria bélica que serviu tanto de apoio à causa conservadora como à causa revolucionária.

No período da guerra elas exerceriam diferentes papéis, dependendo de qual lado fizessem parte: se fossem de família “nacionalista” estariam “protegidas” sob o controle dos pais, maridos ou sogros; caso fossem de família republicana, poderiam ser impelidas a colaborar com a luta pela democracia, de acordo com Bonnie Anderson e Judit Zinsser “grandes sectores de mujeres se incorporan a la lucha armada y política [...] Desde el mismo día 19 de julio se desbordaran las sedes de los partidos, sindicatos y organizaciones de mujeres. Estas abrieron talleres de confección para las milicias”<sup>73</sup> (ANDERSON, ZINSSER, 1991, p. 640).

Em consequência da inexperiência dos republicanos e a falta de recursos para os enfrentamentos, os nacionalistas vão tomando o poder em todo território espanhol até a tomada da Catalunha, no fim de janeiro de 1939. Fato que assinalou a vitória dos nacionalistas na guerra. Em fevereiro, quatrocentos mil refugiados atravessam a fronteira com a França e em 28 de Março, Franco ocupa Madri, mas:

una guerra civil jamás acaba el día en que se firma el último parte de la contienda: en España, la paz fue la aplicación a lo largo de treinta y seis años de lo que el propio régimen llamaba victoria... el fin de la contienda no trajo la paz a los españoles, sólo les regaló orden pero orden policial.<sup>74</sup> (CORTÁZAR; VESGA; GONZÁLEZ, 2003, p. 583)

A ditadura franquista tratará da formação das jovens do pós-guerra através do controle absoluto da ideologia. Para isso contará com a atuação da Falange e da *Sección Femenina* da Igreja que durante a República, havia sido eliminada da função educativa, mas com Franco,

---

73 Vários grupos de mulheres se incorporaram a lutar armada e política [...] No dia 19 de julho mesmo já aumentaram as sedes dos partidos, sindicatos e organizações de mulheres. Elas abriram oficinas de costura para as tropas. (Tradução nossa)

74 Uma guerra civil nunca acaba no dia em que se assina a última parte da contenda: na Espanha, a paz foi a aplicação ao dos longo de trinta e seis anos do que o próprio regime chamava vitória... o fim da contenda não trouxe a paz aos espanhóis lhes deu ordem, mas uma ordem por meio da força policial. (Tradução nossa)

terá o privilégio de comandar grande parte das escolas. A efervescência cultural dos anos anteriores deixa de existir, pois exilaram-se muitos dos intelectuais, como Rafael Alberti, Pablo Picasso, Luis Buñuel, Max Aub, Mercé Rodoreda, Ramón Sender e tantos outros.

A longa era de Francisco Franco Bahamonte faria as mulheres perderem direitos e benefícios adquiridos na II República:

la dictadura franquista va a implicar un retroceso en los avances conseguidos y un reforzamiento del papel como esposa y madre, a través de instituciones como la Sección Femenina y la Iglesia Católica y de una legislación que subordina de nuevo a las mujeres sujetándolas a un fuerte control social.<sup>75</sup> (AGUADO, 1994, p. 232)

Após a guerra, o país estava assolado pelo desemprego e pela fome, o número de pais e maridos mortos era incontável. As mulheres então sozinhas e muitas vezes sem moradia, seriam guiadas aos serviços sociais criados pelo Estado ou pela *Sección Femenina*, a organização de direita nem sempre conseguia cooptar as mulheres pelos ideais conservadores que apregoava, o que demonstra que a adesão ao projeto conservador não foi total, o que mantinha as mulheres participando na *Sección Femenina* era a necessidade de alimento, devido a extrema miséria em que se encontravam.

Todos os direitos adquiridos na República são perdidos<sup>76</sup>, a *Sección Femenina* da Falange e a Igreja combatiam o feminismo, propagando um modelo de mulher que se preocupava com o lar, em servir ao marido e nunca discordando de nada, e que admirava os homens, pois eles eram afinal *más fuertes y sabios*.

Nos trechos narrados por Judit se pode observar a presença do narrador onisciente interagindo com o relato em primeira pessoa, no ir e vir das memórias da personagem e no fluir de consciência é desvelado o período ditatorial franquista repressivo, no diário datado de 30 de *marzo de 1947*, Judit Flèchier revela “Hoy, en misa, me han hecho volver a casa porque no llevaba medias. Me dio una rabia tremenda, pero no me atreví a discutir”<sup>77</sup> (ROIG, 1987, p. 128), o controle repressivo conservador sobre o vestuário feminino se mostra intenso,

---

<sup>75</sup> A ditadura franquista implicou em um retrocesso nos avanços conseguidos e no fortalecimento do papel de esposa e mãe, através de instituições como a Sección Femenina e a Igreja Católica e de uma legislação que subordinou outra vez as mulheres submetendo-as a um forte controle social. (Tradução nossa)

<sup>76</sup> salários retrocedem ao nível de fevereiro de 1936, terras são devolvidas aos proprietários, indenizações às pessoas atingidas nos seus bens por razões políticas, medidas tomadas enquanto, a fome, a miséria e o desemprego tornam-se latentes.

<sup>77</sup> Hoje na missa me fizeram voltar pra casa porque não usava meia-calça. Me deu uma tremenda raiva, mas não me atrevi a contestar. (Tradução nossa)

inclusive restringindo o direito de ir e vir pela falta do uso de meias, seria cômico, se não fossem trágicas as consequências pelas desobediências ao regime.

As publicações de cunho educativo durante o regime franquista são intensas, pois, nos anos de escassez do pós-guerra, cabe à mulher a tarefa de administrar o racionamento de alimentos, de energia etc. O controle ideológico importava-se, sobretudo, com a questão da sexualidade, exaltando a fragilidade e a submissão feminina, reconhecendo a superioridade masculina e as relações heteronormativas.

Os anos de educação franquista persistem no imaginário da personagem Natàlia que vivencia os anos de ditadura franquista e pós-ditadura, a educação que tivera se torna subentendida no relato que a personagem faz sobre um sonho que tivera

Franco murió hace años convertido en una piltrafa y parece que lo hemos olvidado. ¿Es así? He tenido un sueño: estaba tendida en una playa y el viento gabardino me acunaba calidamente. A mi lado, una muchacha de larga cabellera y de piel de melocotón me besaba el cuerpo. Lo recorría con lentitud. En nuestra piel, gotitas de salitre. Hicimos el amor mientras las olas nos acariciaban los pies. [...] el caso es que yo lo pasaba bien. Me había puesto al alcance de la mano todo los resortes de la belleza, es decir, la Naturaleza en calma, con el trasfondo del mar como símbolo de liberación, y una mujer perfecta. Sexo y Naturaleza. O, en realidad, una misma cosa. Y yo hacía el amor con todo ello. De pronto, Franco emergió de las aguas como un Neptuno furioso. Parecía una profeta bíblico a punto de lanzarnos el peor de los anátemas. Nos separamos despavoridas. [...] El dictador nos prohibía que hiciésemos el amor. En cuanto nos separamos, Franco regresó a las aguas. O al infierno. [...] Franco está dentro de mí, se me aferra como una bobosa. La vieja y resseca piltrafa no se acaba de morir. Me hace daño, Jordi. Surge cuando menos lo espero.<sup>78</sup>. (ROIG, 1987, p. 114)

O sonho interrompido com a figura do ditador morto a muitos anos mostra quão significativo foi para a personagem a educação que tivera e ela revela ao amante Jordi que o ditador segue vivo dentro dela.

O papel a ser exercido pela mulher neste regime é o de *mujer, esposa y madre*. Entendemos que, no pós-guerra, as mulheres ocuparam grande parte dos postos de trabalho

---

78 Franco morreu há alguns anos convertido em uma carcaça e parece que nós o esquecemos. É isso? Tive um sonho: estava deitada em uma praia e o vento do sudeste me embalava calorosamente. Ao meu lado, uma garota de cabelos longos e pele aveludada me beijava o corpo. Percorria meu corpo com lentidão. Em nossa pele, gotinhas de sal. Fizemos amor enquanto as ondas nos acariciavam os pés. [...] Tinha colocado ao alcance de minha mão todas as possibilidades de beleza, ou seja, a Natureza calma, com o mar ao fundo, como símbolo de liberação, e uma mulher perfeita. Sexo e Natureza. Ou, em realidade, uma mesma coisa. E eu fazia amor com tudo isso. De repente, Franco emergiu das águas como um Netuno furioso. Parecia um profeta bíblico a ponto de lançar-nos a pior maldição. Nos separamos apavoradas [...] O ditador nos proibia que fizéssemos amor. No exato momento que nos separamos, Franco regressou as águas. Ou ao inferno. [...] Franco está dentro de mim, se agarra em mim como uma sanguessuga. A velha e ressequida carcaça não morre nunca. Me machuca Jordi. Surge quando menos espero. (Tradução nossa)

dados que o número de homens mortos era imenso; mesmo assim o trabalho fora do lar não era garantia de respeito, emancipação ou igualdade.

Quando a situação começa a melhorar com o turismo impulsionando a economia do país, as mulheres vão abarcando mais postos de trabalho e obtendo maior participação na vida pública, sempre objetivando o apoio financeiro para a manutenção da casa e educação dos filhos.

O governo aprova em 15 de março de 1961 a lei sobre os direitos políticos, profissionais e trabalhistas da mulher, gerando assim, um aumento considerável no nível de escolarização feminina nos anos 70.

No fragmento abaixo a personagem Natália revela seu processo de emancipação em um período anterior aos anos setenta

Sé muy bien lo que quiere decir ser una mujer libre (ahora me doy cuenta de lo que me duele esta afirmación, no me entiendo, pero he comenzado a hablar de un modo que no puedo abandonar). Sin embargo, se me hade reconocer que deshice dentro de mí el mito de la virginidad en una época en que las mujeres todavía iban a misa con velo. Pero, ¿quien me lo reconoce?<sup>79</sup> (ROIG, 1987, p. 101)

Nesse fragmento, a personagem Natália rememora sua trajetória em romper o conservadorismo, porém se questiona sobre o reconhecimento que não obtém.

Por tudo o que apontamos cabe citar Maria Aguado quando nos adverte que é necessário o reconhecimento da história das mulheres como uma ciência possível e necessária, pois o questionamento de tantos preconceitos nos leva a repensar o próprio conceito de história e também direcionar a atenção para os atores sociais que foram excluídos do discurso construído pelos historiadores (AGUADO, 1994).

Montserrat Roig utiliza a escrita literária para evidenciar as contribuições do feminismo e da luta de classes na construção de uma sociedade mais igualitária, por meio da construção de personagens de pensam/debatem sobre as temáticas e também a participação nos processos de luta e resistência que ocorreram no país.

Pode-se observar que a escrita de Roig é uma escrita comprometida com as problemáticas sociais de seu tempo, com a denúncia contra as atrocidades do nazismo, com a

---

79 Sei muito bem o que quer dizer ser uma mulher livre (agora me dou conta do que dói esta afirmação, não me entendo, mas eu comecei a falar de uma maneira que não posso abandonar). No Entanto, tenho que reconhecer que eu desfiz dentro de mim o mito da virgindade em uma época em que as mulheres ainda iam à missa com véu. Mas, quem reconhece isso? (Tradução nossa)

preocupação em produzir uma narrativa que dê vozes às mulheres e aos sujeitos marginalizados. Segundo Christina Duplàa, a escritora catalã é uma:

intelectual comprometida con la lucha por la obtención de las libertades democráticas en España, participa de esa respuesta feminista al discurso androcéntrico. Su solidaridad con los marginados e ignorados la lleva a plantearse la necesidad de recuperar la memoria histórica de las mujeres, que vivieron su propia realidad a partir de mitos y modelos sociales creados para negarles, en la práctica cotidiana, el estar en el mundo en libertad.[...] Para dar voz a tanta palabra negada, Roig las convierte en protagonistas, entrevistándolas, investigando sobre ellas y caracterizándolas en la ficción.<sup>80</sup> (DUPLÀA, 1996, p. 91)

Podemos perceber que na narrativa de Montserrat Roig a construção da personagem Agnès atende as reflexões sobre o papel que desempenham muitas mulheres que trabalham fora, cuida da casa e dos filhos sem o apoio de seus maridos

Por la mañana se había dicho, ea, vamos, Agnès, tienes que andar. Es es lo que había hecho durante todo el día, andar de un lado a otro, [...] Dejar a Adrià en el colegio, llegar a la guardería con Marc medio dormido, acompañar a los mocosos al water, que querían mear a cada momento. [...] Darles las papillas, no hacer caso de los llantos de Marc que reclamaba su atención, ocuparse más de Mireia, que, según la directora, no encontraba cariño en su casa [...] Luego, vuelta a buscar a Adrià, de prisa, de prisa, porque, si tarda un poco, pone esse gesto efurruñado que tanto le recuerda a Jordi... Vuelve, vuelve a correr, Agnès, que todavía es poco... Y los días son una larga cadena que jamás nadie romperá Agnès [...] A lo mejor hoy no le preguntarán por qué no viene su padre<sup>81</sup>. (ROIG, 1987, p. 96-97)

Este fragmento comprova como a personagem Agnès conciliava o trabalho na creche com os cuidados com as crianças, levar/buscar o filho maior Adrià ao colégio. Revela ainda que não podia dar atenção ao filho menor Marc por causa da atenção dedicada a outra criança. O fragmento trata ainda do alívio que sente a personagem quando os filhos não perguntam

---

80 Intelectual comprometida com a luta pela obtenção da liberdade democrática na Espanha, participa dessa resposta feminista ao discurso androcêntrico. Sua solidariedade com os marginalizados e invisibilizados a leva a pensar na necessidade de recuperar a memória histórica das mulheres que viveram sua própria realidade a partir de mitos e modelos sociais criados para negar-lhes o estar no mundo em liberdade. [...] Para dar voz a tanta palavra negada, Roig as transforma em protagonistas, entrevistando-as, pesquisando-as e caracterizando-as na ficção. (Tradução nossa)

81 Pela manhã havia dito a si mesma, vamos, Agnès, tem que andar. Isso foi o que tinha feito durando o dia todo, andar de um lado a outro [...] Deixar Adrià no colégio, chegar a creche com Marc meio dormindo, acompanhar os ranhentos ao banheiro, que queriam fazer xixi a todo momento [...] Dar-lhes as papinhas, não levar em consideração o choro de Marc que queria sua atenção, se ocupar mais de Mireia, que, segundo a diretora, não recebia carinho em casa [...] Logo, volta a buscar a Adrià, depressa, depressa, porque se demora um pouco, faz essa cara irritada que tanto lembra Jordi... Volta, volta a correr, Agnès, que ainda é pouco... E os dias são uma longa corrente que nunca ninguém quebrará, Agnès [...] Tomara hoje não lhe perguntem por que não veio seu pai. (Tradução nossa)

pelo pai, esse alívio também comprova a ausência desse pai/ex-marido no cotidiano da família.

As mudanças socioeconômicas ocorridas no final do século XIX e início do século XX introduziram modificações, pois o capitalismo absorve a mulher como trabalhadora nos espaços públicos, estas modificações, no entanto, serviram para mais uma vez, penalizar a mulher, porque ela não deixa de cumprir suas “tarefas domésticas” e termina adotando uma dupla jornada de trabalho.

Em *La hora violeta*, essa percepção sobre a dupla jornada de trabalho que exerce a personagem Agnès pode ser percebida com a leitura atenta do segundo capítulo intitulado *La hora perdida (Natàlia y Agnès)* como se pode comprovar no fragmento abaixo

la lavadora automática estaba perdendo agua y ella no sabía por qué. Marc berreaba em la cocina y Adrià había djado libre al hámster. [...] Era uno de esos momentos que quemaban y en los que Agnès empezaba a llorar. Le brotaban las lágrimas sin ton ni son y se encerraba em el water para poder desahogarse a gusto. [...] Habría querido no salir nunca del water, derretirse, o hacerse muy pequena, y dejar que el agua de la lavadora les ahogara, que la casa se inundara<sup>82</sup>. (ROIG, 1987, p. 94, 95)

Neste excerto comprovamos que a personagem Agnès sofre com a dupla jornada em outro momento da narrativa ela utiliza a expressão “como una mula” para dar ênfase as hora trabalhadas na creche, o cuidado sozinha dos filhos aliado as tarefas domésticas também a angustia ao ponto dela desejar que a casa se inunde com a água que máquina de lavar com defeito está soltando, a angústia é tanta que ela deseja desaparecer.

Essa forma de narrar nós entendemos como uma atividade literária feminista, posto que, coloca em foco o machismo, o sexismo, enfim as questões pertinentes ao gênero feminino. Virgínia Woolf no artigo “Mulheres Romancistas” aponta que “Em primeiro lugar, há a enorme e óbvia diferença de experiência; mas a diferença essencial não é que os homens descrevam batalhas e as mulheres o nascimento dos filhos, e sim que cada sexo descreve a si mesmo.” (WOOLF, 2015, p. 30)

---

82 a máquina de lavar estava vazando água e ela não sabia o porquê. Marc berrava na cozinha e Adrià havia soltado o hámster livre. [...] Era um desses momentos que dóia muito em que Agnès começava a llorar. As lágrimas brotavam continuamente e ela se fechava no banheiro para chorar escondida. [...] Teria preferido não sair nunca do banheiro, derreter-se, ou ficar bem pequenininha e deixar que a água da máquina de lavar os afogasse, que a casa se inundasse. (Tradução nossa)

Para este estudo compreendo identidade feminina como uma construção social, histórica e literária criada e perpetuada ao longo da história da humanidade, embasada teoricamente por Iriz M. Zavala que parte das hipóteses de que:

el discurso genérico es un constructo o construcción cultural histórica, de que la inscripción del género sexual (el discurso genérico o sexuado) es una forma de representación (o imagen creada por el lenguaje desde un punto de vista axiológico) realizada con la ayuda de la palabra y que está íntimamente ligada a la formación de identidades e identificaciones colectivas.<sup>83</sup> (ZAVALA, 2011, p. 35)

Neste sentido, o romance *La hora violeta* corresponde a essa ideia de formação de diferentes identidades femininas não só porque constrói diferentes personagens, mas também porque essas personagens apresentam as contradições do ser humano enquanto mulheres. Por esse viés cabe citar o ensaio de Zavala que aponta para o funcionamento do poder e das diferenças na literatura como:

Una historia literaria como la que nos proponemos realizar afirmará no solo la producción cultural de las mujeres, sino la prioridad de la interpretación crítica de los textos literarios desde el margen y la diferencia, como actividad desmitificadora y descentralizadora que aspira a reconocer el conflicto de discursos (y proyectos de futuro) de los textos culturales. Formalmente, se intenta no solo reconocer el funcionamiento del poder en los textos, sino las formas de subjetividad de identidades que se proyectan en el manejo de los géneros discursivos y en los cánones<sup>84</sup> (ZAVALA, 2011, p. 35).

As subjetividades femininas em *La hora violeta* são representadas pelas diferentes vozes e distintos papéis sociais que desempenharam as personagens que viveram tanto o período da guerra civil como o período franquista.

A narrativa do segundo capítulo apresenta dois relatos em primeira pessoa, uma desenvolvida por Natàlia Miralpeix que descreve sua relação amorosa com o amante Jordi Soteres e a outra também em primeira pessoa feita pela personagem Agnès que conta sobre sua separação com o marido Jordi Soteres.

---

83 O discurso genérico é um constructo ou uma construção cultural histórica, de que a inscrição do gênero sexual (o discurso genérico ou sexualizado) é uma forma de representação (ou imagem criada pela linguagem a partir de um ponto de vista axiológico) realizada com a ajuda da palavra e que está intimamente ligada à formação de identidades e identificações coletivas. (Tradução nossa)

84 Uma história literária como a que nos propusemos realizar afirmará não só a produção cultural das mulheres, mas também a prioridade da interpretação crítica dos textos literários da diferença e dos textos marginais, como atividade desmistificadora e descentralizadora que almeja reconhecer o conflito de discursos (e projetos de futuro) dos textos culturais. Formalmente, se busca não apenas reconhecer o funcionamento do poder nos textos, mas também as formas de subjetividade de identidades que se projetam no manejo dos gêneros discursivos e nos cânones. (Tradução nossa)

A imagem que se constrói de Agnès é de uma mulher que foi traída pelo marido e deixada com os dois filhos pequenos, o ex-marido é descrito ao longo da obra como um representante dos comunistas catalães, retratado como um homem indeciso e pouco frívolo no comportamento com relação à esposa Agnès e a amante Natàlia Miralpeix.

Monserrat Roig deixa claro aos leitores de qual lugar fala/atua suas personagens, se pertencem à classe operária/trabalhadora ou à classe detentora do poder econômico/político, nesse caso a personagem Agnès pode ser analisada/vista como a personagem feminina representante da classe trabalhadora que desconstrói a ideia romantizada da gravidez, no seguinte fragmento temos um vislumbre da distância entre discurso e sentimento, lemos a descrição do que Agnès sentia enquanto estava grávida:

Le decían: es el gran milagro, la Naturaleza, qué sabia es, pero Agnès se imaginaba el pico de un pájaro que la picoteaba y que de pronto se transformaba en un cuervo, de plumaje reluciente, un cuervo negro que grazna aunque ella no lo oye, que le clava por dentro sus garras, las garras presentidas a través de la tirantez. No sabes si es un cuervo, com el pico ensangrentado, que se afana en tragarse tus desechos, tus tripas, todo lo que tienes dentro, y que se deleita con tu hedor de muerte, o si es un vampiro, un pequeño vampiro que te chupa la sangre, sobre todo cuando se mueve y tú no sabes qué es eso que se agita dentro de ti sin que Agnès le haya dicho, muévete. Agnès no lo ve, pero adivina cómo se retuerce. No es más que una fuerza que viene de muy lejos y que se encoge en una esquina como una bola peluda – le parecía peluda porque el asco nasal y el ardor de la boca nunca la abandonaban, y a veces parecía como si los pelos fueran robar por la garganta –, una bola que después se amontonaba en el bajo vientre y producía una presión tan fuerte que era como si la piel estuviese a punto de rasgarse,<sup>85</sup> (ROIG, 1980 p. 49-50)

Essa longa descrição feita por um narrador onisciente apresenta uma desconstrução psíquica da ideia romantizada e difundida da gravidez, traz a metáfora do bebê dentro do útero como um pequeno vampiro que lhe chupa o sangue ou como uma bola de pelo que lhe causa enjoo.

Quanto às mudanças que acontecem com o corpo feminino no período da gestação Agnès descreve as contradições que se sentia:

---

85 Lhe diziam: é um milagre, que sabia a natureza era, mas Agnès imaginava um bico de um pássaro que a bicava e que de repente se transformava num corvo, de plumagem brilhante, um corvo negro que grasna ainda que ela não o escutasse, que cravava suas garras por dentro, sensação de garras pela pele esticada. Não sabe si era um corvo com o bico ensanguentado que apressa em tragar suas sobras, tuas tripas, tudo o que tem dentro, e que se deleita com cheiro de morte, o si é um vampiro, um pequeno vampiro que te chupa o sangue, ainda mais quando se mexe e você não sabe o que é isso que se agita dentro de você, sem que Agnès lhe tenha dito se mexe. Agnès não o vê mas advinha como se parecia peluda porque o nojo que subia ao nariz e o ardor da boca nunca a abandonavam, e as vezes parecia como si os cabelos fossem sair pela garganta -, uma sensação desta bola de pelo que sobe e desce que depois se amontoava no baixo ventre e produzia uma pressão tão forte que era como si a pele estivesse a ponto de se rasgar. (Tradução nossa)

Como cuando estaba preñada. Se miraba al espejo y veía un monstruo, una deformidad que no sabía si se agradaba o si se rechazaba. A veces le parecía que se deleitaba con la deformación, y otras huía de ella, como si viera el cuerpo de un ser diferente, no el de una mujer, sino el de un monstruo que se hubiese apoderado de su rostro. Y pensaba, todo es un engaño, ¿quién me ha convertido en esto?<sup>86</sup> (ROIG, 1980 p. 48)

Essa descrição detalhada de como via, de como se enxergava sem ocultar que ora gostava da imagem de seu corpo e ora o estranhava, comparando-o a um “monstruo”, podem ser entendidos como uma tentativa da personagem de entender-se, como uma busca pelo auto-conhecimento, como o desejo de não simplesmente aceitar os discursos pré-estabelecidos sobre o que é ser mulher e o que sentir quando se está grávida.

Quando ocorre o nascimento do bebê, o narrador descreve os pensamentos de Agnès revelando: “Le habían quitado el estorbo y ahora se sentía cansada”<sup>87</sup> (p.54) o uso do termo “*estorbo*” para referir-se ao bebê é algo que chama a atenção, porém não surpreende porque conforme se acompanha o relato o leitor vai desmistificando a ideia de que a gravidez é uma maravilha do início ao fim.

A narrativa deste capítulo está marcada pela alternância dos relatos das personagens Natália e Agnès, conforme vamos analisando vamos percebendo que Agnès traz a memória os conselhos da mãe, a voz dessa mulher pode ser entendida como a representação da Espanha conservadora que não apoia as separações dos casais, na seguinte recordação: “Su madre le advertía, es un buen chico, volverá, porque ha encontrado en ti lo que no encontrará en ninguna otra mujer. Has de tener paciencia. Paciencia, el eco de su madre después de las pesadillas de la noche”<sup>88</sup> (p.43).

Para a mãe de Agnès basta a filha ter paciência que o marido voltará, a filha não recorda nenhum momento em que essa mãe possa apresentar a hipótese de que ela pode seguir a vida sozinha, ou mesmo encontrar outro parceiro, a marca do casamento como algo eterno pode ser compreendida quanto à essas falas da mãe de Agnès.

---

86 Como quando estava grávida se olhava no espelho e via um monstro tão deformado que não sabia se gostava ou se sentir repulsa às vezes parecia que se deleitava com sua deformação e outras vezes fugia dela como se visse o corpo de um ser diferente não o de uma mulher mas eu demonstro que havia se apoderado e seu rosto e pensava tudo isso é um equívoco quem me transformou nisso? (Tradução nossa)

87 Tinham retirado o estorvo e agora se sentia cansada (Tradução nossa)

88 Sua mãe dizia que ele era um bom homem que voltaria porque encontrou em você o que não encontrou em nenhuma outra mulher. Você tem que ter paciência. Paciência ressoava a voz de sua mãe depois dos pesadelos da noite. (Tradução nossa)

O discurso da amiga Norma vai ser contra esse papel de Penélope à espera da volta do marido, quando comenta as visitas de Jordi aos domingos, o narrador onisciente descreve: “Norma le decía, no entiendo lo que Jordi y tú estáis haciendo. No tiene sentido. ¿Como soportas que venga cada domingo a representar la comedia de la familia feliz?”<sup>89</sup> (p. 65), a amiga classifica os encontros como uma “comédia”, no entanto nessa parte da narrativa Agnès ainda cogita a volta do marido e não quer rejeitar sua presença.

Montserrat Roig não se furta em fazer crítica aos partidos de esquerda quanto ao sexismo de seus militantes, essa reflexão aparece em vários momentos da narrativa, no relato da convivência entre Agnès e Jordi quando os partidos estavam na clandestinidade temos a seguinte recordação da esposa:

Habían vivido tiempos difíciles. No tenían dinero, Jordi debía desaparecer muy a menudo, así que había una caída de militantes del partido. Nadie como ella sabía lo que significaba compartir horas clandestinas. Dejó de estudiar y se colocó en la guardería. Pero era necesario que Jordi se dedicase a la política, algún día cambiarían las cosas. Los encuentros fugaces, aislados, eran llenos de vida. Luego, legalizaron el partido y las reuniones ya no tenía sentido. Se veían menos, pero vivían en la misma casa, con los niños. Le parecía que todo valía la pena, haber dejado la carrera, las diez horas que se pasaba en la guardería trabajando como una mula,<sup>90</sup> (ROIG, 1980, p. 67).

Essa memória de Agnès revela como teve que deixar os estudos e começar a trabalhar na creche, que trabalhava dez horas por dia, utiliza a expressão *trabajando como una mula* para descrever o quanto se cansava, as ausências do marido eram perdoadas e justificadas na clandestinidade, porém na democracia para ela as demoradas reuniões são sem sentido, esse relato demonstra como as esposas/companheiras não eram incluídas na participação política e organizativa, não participavam das reuniões, não havia organização para que as mulheres e as crianças estivessem construindo junto esse partido e a democracia.

Montserrat Roig ao construir a personagem Agnès cumpre seu compromisso de narrar as vozes que não eram ouvidas, assim como, subverter os papéis pré-estabelecidos pela

---

89 Norma lhe dizia não entendo o quê Jordi e você estão fazendo não faz sentido como você suporta que ele venha todo domingo representar a comédia da família feliz

90 Tinham vivido tempos difíceis. Não tinham um dinheiro, Jordi tinha que se esconder frequentemente, morreram muitos militantes do partido. Ninguém como ela sabia o significado de compartilhar horas clandestinas. Abandonou os estudos e foi trabalhar na creche. Porém era necessário que Jordi se dedicasse a política algum dia as coisas mudariam. Os encontros fugazes em lugares afastados eram cheios de vida. Logo legalizaram o partido e as reuniões já não tinham sentido, se viam menos mas moravam na mesma casa com as crianças. Lhe parecia que tudo tinha valido a pena ter deixado os estudos, as dez horas que passava na creche trabalhando como uma mula. (Tradução nossa)

educação moralista, como podemos perceber no fragmento que revela as contradições dessa mulher trabalhadora, mãe e esposa traída “de vez en cuando sentía un relámpo de rabia y le parecía que aquello no era vida, pero cualquiera se lo decía. Todo era provisional, algún día se acabaría, ¡ era tanta la esperanza que tenían!”<sup>91</sup> essa fala demonstra que a personagem não era a esposa conservadora que foi educada para perdoar e aceitar tudo o que acontecesse.

Nesse sentido, percebemos o romance *La hora violeta* (1980), como uma narrativa em que a força dos acontecimentos e das relações estão em constante disputa para serem registrados, a construção narrativa demonstra as disputas sobre o que deve ser narrado/contado.

A personagem Norma foi construída como representação de uma mulher-escritora comprometida com seu tempo, viveu as contradições humanas de ser militante, feminista, repórter, escritora, mãe, amante, esposa, uma personagem complexa que colocou em sua escrita as angústias pessoais e as problemáticas sociais humanas.

A personagem Agnés foi elaborada como representação de uma mulher casada, mãe de dois meninos, que trabalha fora, o marido a abandona, não contribui com a educação dos filhos, com as tarefas do lar, ela tem que cuidar das crianças, resolver os problemas domésticos sozinha e ainda, segundo sua mãe, ter “esperança” de que o marido irá voltar, ou seja, ela deveria perdoar a traição e esperar pacientemente que o marido voltasse, no entanto, a narrativa demonstra que ela não corresponde à aquietação a qual foi educada/instruída, ela reflete sobre o que vive, não aceita placidamente o que lhe acontece.

---

91 De vez en cuando sentia um acesso de raiva e lhe parecia que aquilo não era vida mas todos diziam que tudo passaria, que algum dia tudo acabaria, era tanta a esperança que tinham. (Tradução nossa)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação buscamos apresentar análises que demonstrassem como as obras *Becos da Memória* e *La hora violeta* revelam o compromisso literário das autoras Conceição Evaristo e Montserrat Roig em desvelar violências e opressões ao narrar, (re)posicionando as mulheres e demais sujeitos que ocupam lugares subalternizados na sociedade.

Para realizar o trabalho de análise considerando as aproximações e diferenças entre as obras organizamos o corpo da dissertação em três capítulos.

Constatamos as “diferentes visões de mundo”, posicionamento crítico e teorização sobre a escrita literária por parte de ambas as autoras ao mesmo tempo em que analisamos a promessa de narrar e narrar-se realizada por Maria-Nova, em *Becos da Memória*, e as disputas sobre o que merecia ser narrado/registrado pela protagonista Norma, em *La hora violeta*.

Foi possível perceber a semelhança na forma estrutural de ambos os romances e as diferenças entre as narrativas *Becos da Memória* e *La hora violeta* quanto a matéria narrada em cada uma das obras.

A personagem Maria-Nova, em *Becos da Memória*, foi educada na prática ancestral afro-brasileira para ouvir, aprender e depois contar/narrar. A jovem protagonista é porta-voz de sua comunidade, sua voz se inscreve para denunciar e reposicionar mulheres e homens negros/as. Nesse sentido há um espelhamento entre a jovem narradora Maria-Nova e a autora Conceição Evaristo, porém a obra não é uma autobiografia.

Registramos análises referente ao contar/narrar que Maria-Nova apresenta sobre as histórias contadas/recontadas pelos mais velhos: Maria Velha, Tio Totó, Tio Tatão, Mãe Joana, Vó-Rita e Bondade. A jovem vai além e se ocupa também em inserir o seu próprio olhar sobre sua comunidade narrando para (re)posicionar essas vivências.

Foi possível constatar que ambas as narrativas desvelam as opressões ao tempo em que (re)posicionam vivências.

Em *La hora violeta*, as personagens Norma e Natália também atuam como espelhamento da autora Montserrat Roig, similarmente, a obra não é uma autobiografia. A personagem Norma debate e reflete sobre o que merece ser narrado, ao narrar-se a protagonista sente dificuldade, a narrativa apresenta as disputas sobre o que precisa ser registrado.

Apresentamos análises referente à escrita de Norma (personagem escritora que é responsável por escrever um romance), a protagonista apresenta as leitoras/es a vivência de personagens femininas na Pré-Guerra Civil, Guerra Civil e Pós-Guerra Civil.

Recuperamos textos de autoras e autores que tratam das bases fundadoras das relações opressivas e sobre o contexto conturbado do início do século XX na Espanha. Os textos foram organizados para demonstrar as origens das opressões: racistas/machistas e de desigualdades de classe que incidem na atualidade e também nas obras de ficção de ambas as autoras.

No contexto espanhol recuperamos textos sobre o período da pré-guerra civil, guerra civil e pós-guerra, por entender que a vivência das personagens femininas e masculinas em *La hora violeta* está relacionada ao conservadorismo e o machismo que operam na sociedade espanhola, igreja, estado, família, partidos políticos e outras organizações que buscam controlar e disciplinar os corpos e as mentes.

No contexto brasileiro buscamos evidenciar que a luta contra o racismo está vinculada a luta de classes e citamos autoras e autores que demonstram essa realidade é fruto de várias combinações e que a resistência se dá por diferentes meios, movimentos sociais e engajamento militante de intelectuais que atuam em suas esferas de produção.

As vozes das críticas feministas foram trazidas para evidenciar as diferenças entre os feminismos existentes e a partir das declarações das próprias romancistas Conceição Evaristo e Montserrat Roig e constatar como se posicionam enquanto autoras e enquanto mulheres militantes.

Foi possível perceber ao longo da pesquisa que ambas as obras são narrativas que apresentam uma polifonia de vozes femininas e masculinas e por meio do entrelaçamento das memórias individual e coletiva dessas personagens se tornou possível constatar uma latente estética literária de engajamento em narrar as temáticas do racismo, do machismo e das relações desiguais da sociedade capitalista.

Em *Becos da Memória* Conceição Evaristo por meio da protagonista Maria-Nova e por meio das vozes de homens e mulheres narra a luta dessa comunidade vitimizada pela especulação imobiliária e as desigualdades de raça/classe, ao mesmo tempo em que se recupera memórias individuais que a História Oficial se recusa a registrar ou quando o faz vai deturpando e estereotipando as vivências negras.

Em *La hora violeta* Montserrat Roig por meio das personagens Norma e Natàlia (espelhos da autora) apresenta um debate sobre o que merece ser registrado. Norma personagem protagonista que atua como escritora fica responsável registrar a vida de - Patricia Miralpeix, Judit Fléchier e Kati - mulheres que vivenciaram a Guerra Civil Espanhola, a protagonista além de narrar a si mesma, narra também as reportagens com sobreviventes dos campos nazistas, ex-prisioneiros do franquismo e etc. Importante pontuar que as referências aos fatos históricos são informados aleatoriamente, em meio as anotações e/ou em meio aos relatos das paixões, não há uma cronologia nas apresentações das datas.

Percebemos que a matéria narrada (mesmo sendo distintas) em cada um dos romances apresenta um olhar para a história oficial de seus respectivos países a partir da(s) voz(es) femininas e masculinas, personagens que vivenciam experiências de opressões de gênero/raça/classe porém são (re)posicionadas pelas autoras pelo protagonismo que elas exercem no enredo.

Entendemos que as obras *Becos da Memória* e *La hora violeta* são romances cujo compromisso com seu tempo e sua história se inscrevem na memória individual e coletiva das personagens protagonistas e das demais personagens e a partir dessas memórias vamos reconstituindo a vida de mulheres e homens.

Por fim, constatamos que ao longo da pesquisa fomos ampliando nosso olhar para os diferentes feminismos existentes e entendendo como a literatura presentifica esses movimentos.

## REFERÊNCIAS

AGUADO, Ana Maria et al. Texto para la historia de las mujeres en la edad contemporánea. In.: **Textos para la historia de las mujeres en España**. Madrid: Cátedra, 1994.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Apresentação. In: Dossiê: Marxismo e Questão Racial. **Margem Esquerda**, São Paulo, n 27. 2º Semestre de 2016.

AMORÓS, Celia. **Hacia una crítica de la razón patriarcal**. Barcelona: Anthropos. 1985.

ANDERSON, Bonnie S., ZINSSER, Judith P. **Historia de las mujeres: una historia propia**. Barcelona: Crítica, 1991.

ARRUDA, Aline. Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo: um bildungsroman feminino e negro. Dissertação de mestrado (UFMG), Belo Horizonte, 2007. **Entrevista com Conceição Evaristo concedida a Aline Arruda (2007a)**

Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-76RF2H/aline\\_alves\\_arruda\\_texto.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-76RF2H/aline_alves_arruda_texto.pdf?sequence=1)

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Ed. Hucitec. São Paulo. Editora Hucitec. 2004. 11ºed.

BAKHTIN, Mikhail. A ideia em Dostoiévski. In: **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra Ed. Hucitec. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2005. 3ºed.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo. In.: **Questões de Literatura e de Estética (A Teoria do Romance)**. Trad. Ed. Hucitec. São Paulo. Editora Unesp. 1993. 3ºed.

BALANZÁ, Manuela. BENJAM, Pilar. LLORENS, Monteserrat. ORTEGA, Rosa. ROIG, Juan. Ibérica. **Geografía e Historia de España y de los países Hispánicos**. Barcelona, Editorial Vicens Vives, 1979.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In.: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1994.

BERNAD, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo. Brasiliense S.A. 1988.

BIGUELMAN – MESSINA, Giselle. **História em Aberto – A Guerra Civil Espanhola 1936 – 1939**. São Paulo, Scipione, 1994.

BLANCO AGUINAGA, Carlos. **Historia social de la literatura española**. Madrid, Castalia, 1979.

BORGES, Rosane. Feminismos negros e marxismo: quem deve a quem? In: Dossiê: Marxismo e Questão Racial. **Margem Esquerda**, São Paulo, n 27. 2º Semestre de 2016.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo, Selo Negro, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados. Vol.17. n 49. 2003. p. 117-133.

CHALHUB, Samira. **A meta-linguagem**. São Paulo: Ática, 1986.

CIPLIJAUSKAITÉ, Biruté. **La novela femenina contemporánea (1970-1985)**: Hacia una tipología de la narración en primera persona. Barcelona. Anthropos Editorial, 1994.

COLLINS, Patricia Hill. **Se perdeu na tradução?** Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. Dossiê. Tradução de Bianca Santana. Parágrafo. JAN/JUN. 2017 V.5, N.1 (2017) - ISSN: 2317-4919

CORTAZAR, Fernando García de; VESGA, José Manuel Gonzáles. **Breve Historia de España**. Madrid, Alianza Editorial, 1995.

COSTA, Elisangela De Lana. **Becos da memória e da identidade em Conceição Evaristo**. Dissertação de mestrado em letras. Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica De Minas Gerais, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: PUC-MG, 2014.

CRESPO, Pilar Folguera. El Franquismo. El retorno a la esfera privada (1939-1975). In: **Historia de las mujeres en España**. Org. GARRIDO, Elisa. Folguera, Pilar. Ortega, Margarita. Segura, Cristina. Editorial Síntesis, S.A. 1997.

CRUZ, Jane Cristina. **Uma Análise do Papel da Narradora em Becos Da Memória, de Conceição Evaristo**. Dissertação de Mestrado em Letras Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: PUC/MG, 2016.

CRUZ, Rosangela Aparecida Cardoso da. **Gênero e Educação nas escrituras de Conceição Evaristo: Um olhar sobre Ponciá Vicêncio e Becos da Memória**. Dissertação de Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Mato Grosso, 2016.

CUTI (Luiz Silva). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo, Selo Negro, 2010.

DAVIS, Angela. **As Mulheres Negras na Construção de uma Nova Utopia**. São Paulo, Geledés, 12 jul. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/> Acesso em 26 de agosto de 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo. Boitempo, 2016. 1ed.

DEVULSKY, Alessandra. Estado, racismo e materialismo. In: Dossiê: Marxismo e Questão Racial. **Margem Esquerda**, São Paulo, n 27. 2º Semestre de 2016.

DÍAZ-DIOCARETZ, Myriam. La Palabra no olvida de dónde vino – Para una poética dialógica de la diferencia. In: **Breve historia feminista de la literatura española** (en lengua castellana). Barcelona. Anthropos Editorial, 2011. p.77-124

DE MARCO, V. Romance, mulher e política na Espanha de pós-guerra. In: **Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos**, Brasil, v. 10, 2002. p. 249-256

DE MARCO, V. **O ângulo doméstico da era Franco**. Tese de livre docência/FFLCH-USP, 1999.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Revista Estudos Avançados**. Vol.17. nº 49. 2003. p.151-172

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, no. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, p. 11-23.

DUPLÀA, Christina. **La voz testimonial en Montserrat Roig**. Barcelona. Icaria editorial. 1996.

DUVIGNAUD, Jean. Prefácio. In: HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de de Beatriz Sidou. São Paulo. Centauro, 2006.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro. Pallas. 2017a.

EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares:cultura afro-brasileira**, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005. p.54. Disponível em: [www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057](http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057). Acesso em 19 de janeiro de 2018.

EVARISTO, Conceição. Depoimento: **Da Grafia-Desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Disponível em: <https://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html> Acesso em 26 de agosto de 2017

EVARISTO, Conceição. Ensaio: **Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira**. Disponível em [bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/evarist.rtf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/evarist.rtf) Acesso em 26 de agosto de 2017.

EVARISTO, Conceição. **Entrevista com Conceição Evaristo**. En Publicacion: Boletín PPCOR nº31. LPP, Laboratório de Políticas Públicas, UERJ: Brasil. Abril-Maio 2007. Disponível em <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/programa-politica-da-cor-boletim-n-31.html> Acesso em 26 de agosto de 2017.

EVARISTO, Conceição. Especial: Conceição Evaristo. **Revista Conexão Literatura**. n. 24 Junho/2017. Disponível em: [http://www.fabricadeebooks.com.br/conexao\\_literatura24.pdf](http://www.fabricadeebooks.com.br/conexao_literatura24.pdf) Acesso em 26 de agosto de 2017.

EVARISTO, Conceição. Questão de Pele Para Além da Pele. In: **Questão de Pele** / prefácio, seleção e organização de Luiz Ruffato. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009. p. 19 – 37.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2o sem. 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510> Acesso em 26 de agosto de 2017.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro. Pallas. 2017b.

FARIAS, Marcio. Pensamento social e relações raciais no Brasil: a análise marxista de Clovis Moura. In: Dossiê: Marxismo e Questão Racial. **Margem Esquerda**, São Paulo, n 27. 2º Semestre de 2016.

FONSECA, M. N. S.. Diálogos entre História e Literatura em obras literárias africanas e brasileiras. In: Dossiê História e Literatura. **Revista Historiae**, Rio Grande/RS, 2015, v. 6, p. 245-267.

FONSECA, M. N. S.. **O negro na cena literária brasileira e afro-brasileira**. In: Atas do I Simpósio de Literatura Negra Ibero-Americana. Curitiba. UFPR – SCHLA, 2015, p. 43-57.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1998. 13ºed.

FOUCAULT, Michel. **Os corpos dóceis**. In: Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014. 42ºed.

GADELHA, Regina Maria d'Aquino Fonseca. **A Lei deterras (1850) e a abolição da escravidão**. In: Revista de História, São Paulo. 120, p. 153-162, jan/jul. 1989. Acessado em <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18599/20662>

GOMES, H. T. . Visíveis e invisíveis grades: vozes das mulheres na escrita afro-descendente. **Caderno Espaço Feminino (UFU)**, Uberlândia, v. 12, n.15. 2004. p. 13-26.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. **Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade**, 2005. P. 39 – 62.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2017.

GONZÁLEZ, Lélia. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Cadernos de formação Política do Círculo Palmarino**. n. 1. **Batalha de Ideias**. 2011.

GONZÁLEZ, Lélia. Mulher Negra. **Cadernos de formação Política do Círculo Palmarino. n. 1. Batalha de Ideias.** 2011, p. 1- 13.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje.** Anpocs, 1984, p. 223-244.

HALBWCHS, M. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo, Ceutaro Editora. 2008.

HOBBSAWM, Eric. O Mundo Burguês. In: **A ERA DO CAPITAL 1848-1875.** Tradução de Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ed. 1982.

hooks, bell. Mulheres Negras: moldando a teoria feminista. Black women: shaping feminist theory. **Revista Brasileira de Ciências Política.** Brasília, 16. jan-abril. 2015. p.193-210.

hooks, bell. Vivendo de Amor. In: **Portal Geledés.** <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/> acesso em 20 de julho de 2018.

LUKÁCS, Georg. A forma interna do romance. In: **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica.** Tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. - São Paulo. Duas Cidades, ed. 34. 2003.

LUKÁCS, Georg. Narrar ou descrever? In: **Marxismo e teoria da literatura.** Seleção, Apresentação e Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo. Editora Expressão Popular. 2 ed. 2010.

MACHADO, Vanda. Tradição oral e vida africana e afro-brasileira. In: **Literatura afro-brasileira /** organização Forentina Souza, Maria Nazaré Lima. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

MARINGOLO, Catia Cristina Bocaiuva. **Ponciá Vicêncio e Becos da Memória de Conceição Evaristo:** Construindo Histórias Por Meio de Retalhos De Memórias. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários Instituição de Ensino: Universidade Est.Paulista Júlio De Mesquita Filho/Araraquara, Araraquara Biblioteca Depositária: Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Araraquara, 2014.

MARTIN GAITE, Carmen. **Usos amorosos de la pós-guerra española.** Barcelona, Anagrama, 14ed. 2005.

MÉNDEZ, Maria Teresa Gallego. **Mujer, Falange y Franquismo.** Madrid: Taurus. 1983.

MENDONÇA, Maria Helena. A busca da identidade na ficção feminina contemporânea. In.: XAVIER, Elódia Carvalho de Formiga (org.). **Tudo no feminino:** a presença da mulher na narrativa brasileira contemporânea. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1991.

MUNANGA, Kabengele; Gomes, Nilma Lino. **O negro no Brasil** de hoje. São Paulo. Global Editora e Distribuidora LTDA. 2006.

OLIVEIRA, Dennis de. Dilemas da luta contra o racismo no Brasil. In: Dossiê: Marxismo e Questão Racial. **Margem Esquerda**, São Paulo, n 27. 2º Semestre de 2016, p. 31 – 37.

ORDÓÑEZ, Elizabeth J. Multiplicidad y divergencia: voces femeninas en la novelística contemporánea española. In: **Breve historia feminista de la literatura española** (en lengua castellana). Barcelona. Anthropos Editorial, 1998. p. 211 – 237.

PALMEIRA, F. S. Escritoras Negras nas América Latina. In: **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**, 2011, Salvador-Bahia. Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 2011. p. 1-12.

PIÑOL, Rosa María. Entrevista con Montserrat Roig. 7 OCTUBRE 1989. **Periódico La Vanguardia**. Disponível em: <http://hemeroteca.lavanguardia.com/preview/1989/10/07/pagina-42/33075778/pdf.html>. Acesso em 20 de fevereiro de 2018.

PIÑUELA, José Deleito y. **La mujer, la casa y la moda**. (En España del Rey Poeta). Madrid, Espasa-Calpe, 1996.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Trad. Dora Rocha Flauman. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Volume 2, n.3, 1989

RATTS, Alex; RIOS, Flávia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

ROIG, Montserrat. **La hora violeta**. Trad. Enrique Sordo. Barcelona. Plaza & Janes Editores. 2ed. 1987.

ROIG, Montserrat. Dime que me quieres aunque sea mentira. Barcelona: Ediciones Península, 2001. In: OLIVEIRA, Katia Aparecida da Silva. Mulher e literatura em um ensaio de Montserrat Roig. Artigo publicado em: **Itinerários - Revista de literatura** / Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. Itinerários, Araraquara, n. 41, p.1-336, jul./dez. 2015

ROSSI, Rosa. Instrumentos y códigos – La mujer y la diferencia sexual. In: **Breve historia feminista de la literatura española** (en lengua castellana). Barcelona. Anthropos Editorial, 2011. p. 13-25

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. O ensaio feminino na historiografia literária afro-brasileira: reflexões iniciais, novas perspectivas. In: MACHADO, Rodrigo Vasconcelos. (Org.) **O ensaio negro ibero-americano em questão**: apontamentos para uma possível historiografia. Curitiba. UFPR – SCHLA, 2016. p. 11 – 24.

SANTOS, Boaventura de Souza. Prefácio. In.: GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ, Vozes, 2017.

SANTOS, Jane Rodrigues dos. Geografia de resistência na obra de Conceição Evaristo. In: MACHADO, Rodrigo Vasconcelos. (Org.) **O ensaio negro ibero-americano em questão**:

apontamentos para uma possível historiografia. Curitiba. UFPR – SCHLA, 2016. p. 324 – 344.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton e al. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro, Lamparina, 2007.

SARTRE, Jean Paul. Que é escrever? In.: **Que é a literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. Petrópolis, RJ, Vozes, 2015.

SCHMIDT, Simone Pereira. Posfácio: As forças das palavras, da memória e da narrativa. In: **Becos da Memória**. Rio de Janeiro. Pallas. 2017

SCHMIDT, Simone Pereira. Como e por que somos feministas. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis. V. 12, 2004. p. 17-22.

SCHMIDT, Simone Pereira. Traduzindo a memória colonial em português: raça e gênero nas literaturas africanas e brasileira. In: **Revista Anuário de Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina**. Florianópolis/SC, 2013, Ed. Especial - v.18, n. esp. 1. Disponível em <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7917.2013v18nesp1p99> Acesso em 19 de janeiro de 2018.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. As práticas de uma língua menor: reflexões sobre um tema de Deleuze e Guattari. **Ipotesi, Revista de Estudos Literários**. Juiz e Fora, v. 5, n. 2 p. 59 a 70. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaiptotesi/files/2009/12/As-pr%C3%A1ticas-de-uma.pdf> Acesso em 19 de janeiro de 2018

SILVA, Daniele Cristina da. **La hora violeta de Montserrat Roig: inquietação no processo da representação literária'** Dissertação Mestrado em Estudos de Linguagem Instituição de Ensino: Universidade Federal De Mato Grosso, Cuiabá Biblioteca Depositária: UFMT, 2012.

SOUZA, Adriana Soares de. **Costurando um tempo no outro: vozes femininas tecendo memórias no romance de conceição Evaristo**. Dissertação de Mestrado em Literatura Instituição de Ensino: Universidade Federal De Santa Catarina, Florianópolis Biblioteca Depositária: Biblioteca Universitária Central da UFSC, 2011.

SOUZA, Jessé. O racismo dos nossos intelectuais: o brasileiro comovira-lata. In: **A Elite do Atraso: da escravidão à lava-jato**. Rio de Janeiro, Leya, 2017.

SZURMUK, Mónica. Intersecciones ideológicas en la obra de Montserrat Roig. In: **Escritos, Revista del Centro de Ciencias del Lenguaje**. Número 25, enero-junio de 2002, pp. 157-174. Disponível em: [http://www.comunicacion.buap.mx/portal\\_pprd/work/sites/escritos/resources/LocalContent/29/1/mszurmuk.pdf](http://www.comunicacion.buap.mx/portal_pprd/work/sites/escritos/resources/LocalContent/29/1/mszurmuk.pdf). Acesso em 30 de julho de 2016.

TAMAMES, Ramón. **La República. La Era de Franco**. Madrid: Ediciones Alfaguara, S.A. 1979

VALCÁRCEL, Amelia. **Sexo y filosofía**. Sobre mujer y poder. Barcelona: Anthropos.1991

VILAR, Pierre. **Historia de Espanha**. Trad. Manuel José Trindade Loureira. Lisboa. Livros Horizontes. 1992.

WOOLF, Virginia. Mulheres Romancistas. In.:**Profissões para mulheres e outros artigos femininos**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

ZAVALA, Iris M. Las formas y funciones de una teoría crítica feminista. Feminismo Dialógico. In: **Breve historia feminista de la literatura española** (en lengua castellana). Barcelona. Anthropos Editorial, 2011. p. 27-76.

ZOLIN, L. O. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O.. (Org.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009, v. 1, p. 327-336.